

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA

**MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL/FUTSAL NO ESTADO DE MATO
GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS**

Cuiabá
2022

JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA

**MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL/FUTSAL NO ESTADO DE MATO
GROSSO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física na Área de Concentração Atividade Física, Desempenho e Corporeidade, Linha de Pesquisa Dinâmica do Esporte no Desenvolvimento e Desempenho Humano.

Orientador: Prof. Dr. Riller Silva Reverdito

Cuiabá
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

C837m COSTA, JAQUELINE ELIZABETH DA.
MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL/FUTEBOL NO ESTADO
DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS / JAQUELINE
ELIZABETH DA COSTA. -- 2022
112 f. ; 30 cm.

Orientador: RILLER SILVA REVERDITO.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso,
Faculdade de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação
Física, Cuiabá, 2022.
Inclui bibliografia.

1. MULHER NO ESPORTE. 2. FUTEBOL DE MULHERES. 3.
PERCURSO ESPORTIVO. 4. DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO. 5.
PEDAGOGIA DO ESPORTE. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: MULHERES PRATICANTES DE FUTEBOL/FUTSAL NO ESTADO DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

AUTOR (A): MESTRANDO (A): Jaqueline Elizabeth da Costa

Dissertação defendida e aprovada em 28 de março de 2022.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. DOUTOR RILLER SILVA REVERDITO (Presidente Banca / Orientador)

INSTITUIÇÃO: Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

2. DOUTORA LAYLA MARIA CAMPOS ABURACHID (Membro Interno)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

3. DOUTORA MARIANA ZUANETI MARTINS (Membro Externo)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Cuiabá, 28/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **RILLER SILVA REVERDITO**, Usuário Externo, em 28/03/2022, às 18:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **LAYLA MARIA CAMPOS ABURACHID**, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 28/03/2022, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Zuaneti Martins**, Usuário Externo, em 31/03/2022, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

Aos meus pais, que são meu porto seguro.

Em memória das minhas eternas parceiras de equipe, Samantha e Carolina Aquino.

AGRADECIMENTOS

Ao realizar uma pesquisa que busca compreender o percurso esportivo de jovens futebolistas, o ato de agradecer para mim se faz mais complexo do que eu imaginava, pois me faz refletir sobre meu percurso até aqui.

Primeiramente eu agradeço a Deus, por me permitir viver todas experiências que me trouxeram até aqui, e por me permitir ter conhecido o futebol, a maior paixão que eu já vivi.

Agradeço aos meus pais por sempre me apoiarem e me encorajarem em minhas decisões, aos meus amigos de Araputanga, Francisco, Hygor, Pedro, Willian, por fazer com que eu não sofresse com rejeição por ser uma mulher no futebol e me fazerem sentir pertencente à esse universo.

À Gislayla, Grazzyane, Elizethe, Janaina, Sabrina, Barbara, Celso Nunes, Gilson, Flaviane, Kimberly, Zaide, Tia Rose, ao Mixto Esporte Clube, Colégio Aptus e Colégio Metha, por me acolherem em Cuiabá e não me deixarem desistir não apenas do futebol, mas em mudar a minha realidade. Sou muito grata a todos que fizeram parte desse momento da minha vida e tenho certeza que foram essas vivências que me fizeram a pessoa que sou hoje.

Agradeço imensamente a todos professores que fizeram parte da minha formação, desde a fase escolar. Deixo um agradecimento especial à professora Rogéria e Claudia de Araputanga, e aos meus treinadores, Reginaldo, Gilson Luiz e Celso Nunes, que me permitiram não apenas jogar, mas ter uma formação humana pela qual sou grata. Dessa época ficaram os aprendizados e as boas lembranças.

Agradeço aos meus professores universitários e companheiros desse período que é muito especial, pois é esta a fase em que passa pela mudança dos meus objetivos de vida do meu percurso até aqui. Por essa razão agradeço não apenas pelos ensinamentos, mas por me mostrarem uma outra possibilidade de experiência na minha vida. Por essa razão agradeço em especial à professora Juliana Schuller, por ter sido mais que uma professora, uma “mãe” na graduação que me incluiu em um projeto de extensão que mudou minha percepção de vida, e me fez conhecer pessoas extremamente especiais, por esse fato agradeço minhas amigas de projeto e de vida: Nayane dias, Gabriela Nelli, Suéllen Santos. À professora Layla Maria deixo um agradecimento especial, não apenas por você ter sido uma amiga, conselheira e porto seguro de muitas de nós, mas por ser uma inspiração e exemplo não só na vida acadêmica, mas como uma pessoa especial na sociedade.

Agradeço a todos professores e técnicos da FEF/UFMT que fizeram parte da minha formação acadêmica: Tomires, Evando, Talita, Luciane, Schellyne, Adriano, Walfredo; Gisela; Tomires, Cleomar, Marcos, Eliane, Valéria, José Maria, Lara, Austeclínio, em especial ao professor Tarcísio, meu primeiro orientador, um cara genial e de coração gigante, que fez com que eu acreditasse que poderia ser uma pesquisadora.

Aos meus companheiros de turma, Jonathan, Aline, Riller, Vando, Sávio, Sthephano, Kerley, Saulo, Pamela, Ricardo, Ruan, Rafael, em especial à minha parceira Aline Araújo e Elson Oliveira; Elson, você além de um super amigo, é uma referência de pesquisador e de ser humano para mim. Obrigada por sempre me fazer acreditar. Aos meus amigos da FEF/UFMT, Renner, Michel, Manoella, Shisley, Mohana e Edésio que hoje dividem as aflições deste período de mestrado. À minha “faixa” da vida Elisama Santos, que desde o dia que eu pisei na FEF me ajudou a ser mais que “a jogadora” e me deu a honra de ser sua amiga, ao Edér Mattos, que foi treinador, companheiro de disciplina e amigo de confusões e emoções.

Não tem como não agradecer às minhas companheiras de seleção de UFMT, em especial à Flavia, Jocasta, Jéssica, Izadora, Leticia, Katherine, Ana Laisa, Fabi, Ju, Marina, Gabriela, Nayane, Katrice, Larissa, que até hoje formam uma família, com todas confusões e parcerias, o futsal uniu nossas vidas. Agradeço às equipes das quais fiz parte em meu percurso esportivo, tanto como atleta quanto como comissão técnica, com toda certeza agradeço de forma especial o Mixto Esporte Clube, Uirapuru Futsal e X10 Futsal.

Meu muito obrigada pelas voluntárias da pesquisa, meninas que fazem o futebol/futsal em nosso estado seguir em frente.

Às pessoas que não me abandonaram, escutaram minhas angústias, aflições, loucuras, amigos e familiares que me deram suporte e carinho para seguir: Dricinha, Suka, Dudi, Ariadynne, Tia Giseli, vocês são “minha família cacerense”. À Kerol, Janaina Faveri, Joyce Brandão, Karol, Karol, Andréia, P10, meu príncipe Pedro Lucas, Maria Rita, Gustavo, Vitinho, Madrinha, padrinho, Tia Néia, Prima Josi, Gorda, Brenda, Larissa, minha Faixa, Évellyn, Pri, Mayra, meu amigo/psicólogo/choque de realidade Fabio, à minha psicóloga, meus alunos e meus companheiros de escola: Noelle, Juliana, Junyander, Éder, Ellén, Kátia, Helena que são parte da minha família da vida.

Nos últimos tempos desse percurso, pessoas entraram na minha vida e fizeram do mestrado, em um período difícil de pandemia e distanciamento, algo possível, por essa razão agradeço às pessoas que fazem parte do CIPEEF/UNEMAT e do nosso GEPPEM, Luciano, Sthephane, Leticia, Mayla, Mayara, Etienny, Thamires, e em especial à “LERANE” que foram pontos de apoio e de conhecimentos compartilhados.

E, com toda certeza, esse agradecimento é o mais difícil e de uma importância sem explicação, Riller Reverdito, o senhor é um orientador espetacular, por ser uma pessoa fora do normal. Desculpa pelos meus "sumiços" e obrigada por toda paciência e apoio em todo esse período. O senhor é sem igual e o amor e dedicação em possibilitar o esporte a todos é algo que inspira e faz a cada dia as pessoas que estão próximas ao senhor quererem ser melhores. Muito obrigada por não desistir e acreditar em mim.

Meu agradecimento especial à minha banca, formada por mulheres, Layla Aburrachid, Mariana Zuaneti, Schelyne Ribas, vocês são a representatividade necessária para acreditarmos que podemos ocupar todos os espaços que quisermos. Futebol, obrigada por existir, você mudou minha vida e vai mudar a vida de muitas meninas.

Apoio:

Fundação de Ampara à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT.0590374/2016).

Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e de Lazer da Rede Cedes do Estado de Mato Grosso (Convênio: 824066/2015).

“Nem ganhar, nem perder, mas procurar evoluir”
Charlie Brown Jr

RESUMO

Esta dissertação aborda como temática central o percurso esportivo de mulheres jovens no futebol/futsal, tendo como objetivo geral a investigação dos desafios e as possibilidades percebidos na prática da modalidade em Mato Grosso. Os objetivos específicos foram: identificar o perfil dessas jovens mulheres; descrever as experiências em seu percurso esportivo, com foco nos suportes e barreiras encontrados na prática do futebol/futsal; prospectivamente, dialogar sobre a participação das mulheres no futebol/futsal. Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, realizado retrospectivamente sobre uma perspectiva ecológica. Para identificação do perfil das jovens utilizamos parte do banco de dados de um estudo longitudinal realizado com os participantes dos Jogos Escolares da Juventude no Estado de Mato Grosso, com amostra composta por jogadoras das equipes de futsal dos anos de 2016 a 2019. Para a identificação do perfil, os dados foram tratados por meio de uma análise descritiva. Para identificação dos outros objetivos as participantes são ex-jogadoras das equipes de futsal dos Jogos Escolares da Juventude no Estado de Mato Grosso no período de 2017 a 2019. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista guiada por um roteiro semiestruturado. Os dados foram transcritos e tratados por meio da análise de conteúdo. O primeiro capítulo é um ensaio, com o objetivo de discutir a participação das mulheres no futsal/futebol, em que concluímos que o ambiente escolar é um local que potencializa a participação das meninas no universo esportivo. O segundo capítulo apresenta o perfil das praticantes em Mato Grosso, em que nos evidencia que o grupo é formado por jovens com pais de baixa escolaridade, com indícios de serem pertencentes a uma classe de baixa renda. O terceiro discute sobre o percurso esportivo das jovens futebolistas, objetivando descrever e entender suas experiências, com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal, em que se concluiu que o maior suporte dessas jovens vem por meio da família e as maiores dificuldades enfrentadas foram por conta da estrutura de organização da modalidade no estado, que não as permitem uma perspectiva de continuação na modalidade. Outro fator relevante foi o fato das jovens considerarem a experiência esportiva como um meio que proporcionou uma ampliação cultural, melhora de comportamento e colaboração para o bem estar mental. Portanto, encontramos em nosso estudo evidências de que o percurso futebolístico dessas mulheres é marcado por uma inserção tardia no que diz respeito a iniciação formal na modalidade, o principal suporte percebido é por parte dos pais, sendo ele um suporte emocional e financeiro, há o enfrentamento ao chegar na idade adulta para conseguir se manter como praticante da modalidade, o que por consequência influencia na percepção sobre a possibilidade de se alcançar o esporte de rendimento. Contribuindo com essas evidências para o entendimento da relação das mulheres com o futebol/futsal em nosso contexto, trazendo que há a necessidade de se pensar em políticas públicas que possibilitem a vivência no esporte na vida adulta, não visando apenas o alto rendimento, mas sim o esporte de participação que vem a contribuir para uma sequência dos benefícios psicológicos, físicos e comportamental que as jovens elencaram ter sido proporcionados com a experiência esportiva.

Palavras-chave: Mulher no Esporte. Futebol de Mulheres. Percurso Esportivo. Desenvolvimento Esportivo. Pedagogia do Esporte.

ABSTRACT

This dissertation addresses as a central theme the sports path of young women in soccer/futsal, with the general objective of investigating the challenges and possibilities perceived in this modality in the State of Mato Grosso, Brazil. The specific objectives were: 1) to identify the profile of these young women; 2) describe the experiences in their sports career, focus on the supports and barriers found in the practice of soccer/futsal; 3) prospectively, to dialogue about the participation of women in soccer/futsal. This is a qualitative, exploratory study, carried out retrospectively from an ecological perspective. In order to identify the profile of the young women, we used part of the database of a longitudinal study carried out with the participants of the Youth School Games in the State of Mato Grosso, with a sample composed of players from the futsal teams from 2016 to 2019. Of the profile, the data were treated through descriptive analysis. For the identification of the other objectives, we have selected the participants who are former futsal players from the Soccer Youth Schools in the State of Mato Grosso from 2017 to 2019. The collected data took place through a semi-structured script-guided interview. The data were transcribed and processed through the content analysis. The first chapter is an essay whose objective consists of discussing the participation of women in futsal/soccer, we have concluded that the school environment is a place that encourages the participation of girls in the world of sport. The second chapter presents the profile of Mato Grosso's practitioners, which shows that the group is made up of young people whose parents have little education, with indications of belonging to a low-income class. The third chapter deals with the sport journey of young female soccer players, aiming to describe and understand their experiences, focusing on the supports and barriers perceived in the practice of soccer/futsal, in which it was concluded that the greatest support of these young women pass through the family and the greatest difficulties encountered were due to the organizational structure of the modality in the State, which does not allow them to have a prospect of continuation in the modality. Another relevant factor was that young women viewed the sport experience as a means of cultural expansion, behavioral improvement, and collaboration for mental well-being. Therefore, we found in our study evidence that the football career of these women is marked by a late insertion with regard to the formal initiation in the modality, the main support perceived is from the parents, being an emotional and financial support, it is the confrontation in adulthood to be able to remain practicing the modality, which consequently influences the perception of the possibility of carrying out the performance sport. In short, our objective is to contribute for the understanding of women's relationship with football/futsal in our context, showing the need to reflect on public policies that allow sport to be experienced in adult life, aiming not only at high performance, but also the sport participation that provides a sequence of psychological, physical and behavioral benefits that young women reported having received from the sporting experience.

Keywords: Women in Sport. Women's Football. Sports Course. Sports Development. Sport Pedagogy.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Apresentação da estrutura da dissertação	16
Quadro 2 - Esquema analítico da dissertação.....	244
Quadro 3 - Percorso durante os anos de experiências dos atletas	27
Quadro 4 - Caracterização das entrevistadas.....	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Rede de Ensino Frequentada.	55
Tabela 2 - Cor/Raça.	56
Tabela 3 - Tempo de prática esportiva.	57
Tabela 4 - Participação Esportiva.	59
Tabela 5 - Escolaridade dos Pais.	60
Tabela 6 - Moradia.....	61
Tabela 7 - Moradores da residência.....	61
Tabela 8 - Principais Dificuldades.....	62
Tabela 9 - Apoio que recebe dos pais ou responsáveis.	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FF: Futebol Feminino

FM: Futebol de Mulheres

CBF: Confederação Brasileira de Futebol

CBFS: Confederação Brasileira de Futebol de Salão

CONMEBOL: Confederação Sul-americana de Futebol

FIFA: Federação Internacional de Futebol

JEJ: Jogos Escolares da Juventude

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	16
2. INTRODUÇÃO	17
3. JUSTIFICATIVA	22
4. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA	25
4.1. TIPO DE PESQUISA	25
4.2. UNIVERSO E PARTICIPANTES	25
4.3. INSTRUMENTOS UTILIZADOS	25
4.4. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	27
4.5. ANÁLISE DOS DADOS	27
4.6. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA	28
REFERÊNCIAS	30
5. CAPÍTULO I - O PERCURSO DAS MULHERES COM O FUTEBOL/FUTSAL: O AMBIENTE ESCOLAR COMO UM CENÁRIO DE PRÁTICA	36
5.1. RESUMO.....	36
5.2. INTRODUÇÃO.....	36
5.3. AS LUTAS DE ONTEM NO PRESENTE PARA UM FUTEBOL DELAS	37
5.4. NAS RUAS, NAS ESCOLAS: ESPAÇOS POSSÍVEIS PARA JOGAR FUTEBOL.....	41
5.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
6. CAPÍTULO II - PERFIL DAS PARTICIPANTES DA MODALIDADE FUTSAL NOS JOGOS ESCOLARES DA JUVENTUDE DO ESTADO DE MATO GROSSO ENTRE 2016 - 2019	52
6.1. RESUMO.....	52
6.2. INTRODUÇÃO.....	52
6.3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	54
6.3.1. Participantes	54
6.3.2. Procedimentos para coleta dos dados e tratamento dos dados	55
6.3.3. Resultados e Discussão	55
6.4. CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS	65
7. CAPÍTULO III - PERCURSO ESPORTIVO DE JOVENS MULHERES FUTEBOLISTAS NO ESTADO DE MATO GROSSO: VIVÊNCIA, SUPORTE E BARREIRAS	70
7.1. RESUMO.....	71
7.2. INTRODUÇÃO.....	71

7.3. METODOLOGIA.....	73
7.4. ANÁLISE DOS DADOS	74
7.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	75
7.5.1. Caracterização das entrevistadas.....	75
7.5.2. Contato inicial com o futebol/futsal	76
7.5.3. Experiências competitivas.....	78
7.5.4. Suportes e barreiras no percurso esportivo	79
7.5.5. Barreiras.....	80
7.5.6. Preconceitos.....	82
7.5.7. Entre Continuações e interrupção elas seguem o jogo.....	84
7.5.8. Perspectivas em relação à modalidade	87
7.5.9. Fatores positivos ou negativos do esporte para a vida	88
7.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS.....	92
8. CONCLUSÃO.....	99
9. LIMITES DA PESQUISA:	102
10. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS	103
ANEXOS.....	104
ANEXO 1: TCLE	104
ANEXO 2: PARECER DE APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA	107
APÊNDICE	108
APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	108

1. APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está organizada em formato de artigos compilados. Desta forma são apresentadas a temática e a estruturação lógica da dissertação, sendo: introdução, justificativa e delimitação da pesquisa. Em seguida, organizam-se três capítulos e seus desfechos. No primeiro capítulo/artigo apresenta-se uma reflexão do ponto de vista ensaístico em que abordamos o percurso do futebol de mulheres, os locais de vivência possíveis ao longo da história, evidenciando a escola como um dos locais que possibilitaram o acesso à modalidade. O segundo capítulo/artigo consiste em uma pesquisa original que retrata o perfil das jovens futebolistas do estado de Mato Grosso. O terceiro capítulo/artigo é um estudo original, cujo objeto central foi entender o percurso das jovens futebolistas, com foco nos suportes e barreiras que foram importantes para a continuidade ou interrupção de sua experiência.

Quadro 1 - Apresentação da estrutura da dissertação

INTRODUÇÃO

Introdução. Justificativa. Delimitações da Pesquisa.

CAPÍTULO 1. ENSAIO CIENTÍFICO

O percurso das mulheres com o futebol/futsal: O ambiente escolar como um cenário de prática

CAPÍTULO 2. ARTIGO ORIGINAL

Perfil das participantes da modalidade futsal nos Jogos Escolares da Juventude do Estado de Mato Grosso entre 2016 - 2019.

CAPÍTULO 3. ARTIGO ORIGINAL

Percurso esportivo de jovens mulheres futebolistas no Estado de Mato Grosso: vivência, suporte e barreiras

CONCLUSÃO

Fonte: Elaborado pela autora.

2. INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural que se desenvolveu a partir de um grande potencial no século XX, ultrapassando barreiras que até então eram impensáveis, tornando-se um dos fenômenos mais importantes deste início de século XXI, consolidado culturalmente a partir das transformações sociais e dos significados que vão sendo a ele atribuídos através do tempo. Suas mudanças alcançaram diferentes dimensões e cenários das atividades humanas (desenvolvimento científico, relações sociais, conhecimento, comunicação, cultura, política, economia), produzindo uma multiplicidade e complexidade de experiências, perspectivas, possibilidades e olhares (GALATTI *et al.*, 2014; REVERDITO *et al.*, 2009; BENTO, 2006; PRIORE; MELO, 2009).

O esporte contém uma diversidade de percepções que se moldam a diferentes contextos e culturas, com uma multiplicidade de entendimento sobre seu espaço na sociedade. O esporte de hoje é diferente do de ontem, que será diferente do esporte de amanhã, pois suas transformações são parte integrante de transformações da sociedade (GALATTI *et al.*, 2018; KORSAKAS *et al.*, 2021; SETANI *et al.*, 2018).

Recordar o passado é necessário para entendermos como chegamos ao esporte atual. Com isso, lembramos do esporte do século XIX em que sua prática era privilégio de poucos, acessível aos que atendiam determinada classe, gênero e raça, dominada por uma elite masculina, cuja prática reforçava a masculinidade e as desigualdades sociais (RUBIO *et al.*, 2019).

Avançando no tempo, o final do século XIX e início do século XX foi primordial para mudanças na estrutura esportiva. A sociedade passava por um momento em que ocorriam lutas da classe trabalhadora por direitos civis em meio a mudanças econômicas e políticas, assim como surgiam os primeiros movimentos feministas, onde mulheres requeriam direitos civis, espaços na sociedade e na participação esportiva, influenciando nas restrições até então estabelecidas (KORSAKAS *et al.*, 2021; ATHAYDE *et al.*, 2016).

No decorrer do século XX, influenciado pelas transformações sociais do ocidente, o esporte ganhou maior popularização, especialmente o esporte de alto rendimento. No mesmo período, o esporte também foi explorado com um viés político, tanto para a alienação e despolitização de trabalhadores, quanto como forma de mostrar ‘a força’ de uma nação (ATHAYDE *et al.*, 2016). Em relação às mulheres, elas continuaram a ter sua prática questionada, baseado em discursos médicos que alegavam que sua biologia era incompatível

com a vivência de determinadas modalidades e que sua experiência esportiva poderia interferir em sua reprodução (RUBIO *et al.*, 2019; GOELLNER, 2006; ADELMAN, 2003).

Nas últimas décadas do século XX, aconteceu o crescimento do esporte como produto a ser consumido, aumentando ainda mais sua massificação, multiplicando seus cenários e praticantes, atingindo uma dimensão que o fez alcançar status de direito social expresso na publicação da Carta Internacional da Educação Física e do Esporte, em 1978 pela UNESCO, e na Constituição Federal de 1988, que declara em seu artigo 207 que “é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um”. No entanto, a efetivação do esporte de direito a todos ainda passa por discussões sobre sua efetividade (ATHAYDE *et al.*, 2016; KORSAKAS *et al.*, 2021; BRASIL, 1988; UNESCO, 1978; REVERDITO, 2016).

Hoje, temos o esporte contemporâneo que contempla pessoas em diferentes níveis e objetivos de prática, sem uma exigência de performance obrigatória, assim como sua participação como espectador e consumidor. Fazendo do universo esportivo um cenário que movimenta as pessoas de diferentes maneiras (profissão, representação, saúde, estética, lazer, socialização e educação), podendo se inter relacionar e ter uma construção de sentido diferente a cada grupo ou pessoa. Como um espaço de ambiguidades, o esporte é capaz de gerar grandes lucros no mercado global, ao mesmo tempo em que pode ser apenas um ato prazeroso ao ser praticado em seu grupo de amigos (GALATTI *et al.*, 2018; KORSAKAS *et al.*, 2021; GOELLNER, 2005).

Realizada a contextualização do fenômeno esporte, compreendemos a necessidade de uma transformação social mais ampla, pois os enraizamentos de um conjunto histórico de valores tradicionais ainda reverbera no tempo reproduções dos valores de uma masculinidade viril, que negou por muito tempo às mulheres a possibilidade de inserção no universo esportivo, fazendo-as serem vistas como profanadoras de um espaço pertencente aos homens (COSTA; GUTHRIE, 1994; DUNNING, 1992; GOELLNER, 2006; RUBIO *et al.*, 2019). Com isso, percebemos que a luta da mulher no esporte se inter-relaciona com as lutas sobre seus direitos sociais na história da humanidade, nas quais as posições assumidas por mulheres são vistas como riscos à hegemonia masculina.

As mulheres, nos diferentes segmentos sociais, foram privadas de algumas atividades com o uso da premissa de fragilidade e riscos à sua feminilidade. Porém, mesmo que a inserção em determinados espaços da sociedade e que sua prática esportiva tenha sido negada por muito tempo, afetando a sua ascensão massiva ao campo esportivo, a mulher resistiu e sempre se fez presente no universo esportivo e da atividade física (COSTA; GUTHRIE, 1994; GOELLNER, 2003; GOLLNER, 2005; DUNNING, 2003; RUBIO, 2019; GOELLNER, 2021; PISANI, 2018;

DEANER; SMITH, 2012). Rúbio e Simões (1999), ao falarem sobre a participação de mulheres no esporte, comentam que é evidente notarmos o aumento da sua presença, no entanto expõem que esse fato não nos permite realizar uma comparação no percurso, valor e espaço dado ao esporte de homens.

A imagem hegemônica masculina do passado reflete até os dias atuais, podendo ser percebida de diversas formas, por exemplo: meninos serem presenteados com bolas ao mesmo tempo em que meninas ganham suas bonecas; divisão de jogos e brincadeiras com a ideia de um suposto pertencimento a determinado gênero; noticiários dando maior projeção aos homens atletas; diferença abissal das premiações, salários e patrocínios; serem eles os maiores ocupantes dos espaços comuns esportivos (clubes, parques, escolas, áreas de lazer...); índices de práticas de atividades físicas menores por parte das mulheres; na gestão esportiva e a composição de uma equipe técnica esportiva e de arbitragem. Apesar de toda a transformação do mundo, elas continuam sofrendo preconceitos e sendo reprimidas pela sociedade que insiste em manter seus primórdios patriarcais (MOURÃO, 2005; GOELLNER, 2006; BRAUNER, 2015; ALONSO, 2003; PASSERO, 2020; MARTINS, 2020; GOELLNER, 2021; PISANI, 2018).

As últimas décadas vêm marcando o progresso da mulher no esporte. Sua adesão e insistência proporcionou a abertura de espaços midiáticos e o desenvolvimento de políticas públicas. O processo esportivo das mulheres progride de acordo com os movimentos que visam a diminuição da desigualdade de gênero e valorização da mulher em todos os contextos: sociais, políticos, econômicos (BRAUNER, 2015; MARTINS, 2020).

Os avanços na busca pela equidade de gênero em todos os campos, colocam o esporte como elemento fundamental para o empoderamento da mulher. Como exemplo podemos destacar o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a ONU (Organização das Nações Unidas) Mulheres (entidade da ONU que trabalha de forma específica para a fomentação da Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres) e o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, que têm em comum o intuito de oportunizar experiências esportivas a meninas e mulheres como um meio para a diminuição da desigualdade de gênero e as consequências por ela transferida. No entanto notamos que apesar das iniciativas há uma descontinuidade nos projetos, ocorrendo uma desestabilidade nos últimos anos, como visto com o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, que teve sua última publicação no ano de 2013 (BRASIL, 2013; PNUD, 2013; ONU, 2005; BRAUNER, 2015).

Porém, mesmo com a luta por equidade, é evidente a disparidade no esporte. Os “futebóis”, nome usado por Damo (2019) para descrever o futebol em suas diversas

manifestações, marca esse abismo entre homens e mulheres. Dados de levantamento feito pela FIFA (Big Count 2006), mostram que o futebol hoje é o esporte mais popular no mundo, com mais de 265 milhões de jogadores espalhados pelo planeta. Entretanto, apenas 30 milhões desse total são mulheres, demonstrando que elas ainda buscam quebrar barreiras para poder conquistar seu espaço esportivo (MOURÃO, 2005; GUTERMAN, 2009; BARREIRA, 2018; FIFA, 2007).

No Brasil, o futebol de mulheres é marcado na história por um percurso com proibições, falta de investimentos, invisibilidade, fragilização do corpo e preconceitos, mas também sustentado na luta, resistência e conquistas de uma coletividade que luta por direitos e espaço. A mulher brasileira enfrentou e ainda enfrenta obstáculos para se fazer presente no futebol, superando o silenciamento, resistindo e se fortalecendo paralelamente às lutas sociais na busca por equidade e empoderamento (GOELLNER, 2021; ADELMAN, 2003; RAMOS; GOELLNER, 2018; GOELLNER, 2005; FRANZINI, 2005; MOURÃO; MOREL, 2005; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013; RIGO *et al.*, 2008; BONFIM, 2019).

Em seu percurso, o futebol de mulheres foi deixando algumas marcas que ajudam a contar sua história, como: a revogação da proibição em 1979 e a sua regulamentação em 1983; o primeiro campeonato nacional (1983); o quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta (1996), que foi a primeira olimpíada a ter o futebol feminino; as medalhas de prata nas olimpíadas de Atenas (2004) e de Londres (2008), e o vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007; mais recentemente, mudanças no regulamento de Licença dos Clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol (2016), que impulsionou o surgimento de clubes “de camisa no cenário nacional” formando suas equipes de mulheres (FRANZINI, 2005; MARTINS, 2007; BARREIRA, 2018; MOURÃO; MOREL, 2005; CUNHA, 2016; DARIDO, 2002; MAZO, 2020).

Os movimentos das mulheres ao redor do mundo em busca de igualdade de direitos políticos e sociais caminham paralelamente com a resistência na busca do desenvolvimento de um futebol possível a todas. A busca por equidade, o processo de empoderamento e os interesses econômicos acabaram forçando instituições gestoras (FIFA, CONMEBOL e CBF), que por tempos tratam o futebol de mulheres como algo invisível, a criarem ações indutivas que proporcionem o desenvolvimento e massificação do futebol entre meninas e mulheres. Ações essas que proporcionaram um salto de desenvolvimento em nosso país, fazendo com que o momento atual seja de esperança por um desenvolvimento sólido e contínuo da modalidade (BARREIRA *et al.*, 2020).

No momento, é possível observarmos uma melhor gestão sobre os processos de desenvolvimento, sendo percebido pela organização de um calendário competitivo, presença de equipes com expressão no futebol de homens abrindo espaço para suas equipes de mulheres, maior visibilidade, espaço em mídias televisivas, engajamento do público com equipes e atletas em mídias sociais, a conquista de maior espaço em posições de liderança, a ocupação de mulheres em cargos de gestão, e pela expansão na busca pelo jogar de meninas e mulheres nos “futebóis”. Tais fatos trazem a necessidade de entendermos o que levou essas mulheres a buscarem pelo futebol e como esse desenvolvimento tem sido percebido, levando a uma compreensão do envolvimento das mulheres nesse universo futebolístico.

Com isso, entendemos a importância de dialogar sobre o desenvolvimento esportivo de mulheres no esporte. De forma específica, no presente estudo, objetiva-se descrever as experiências em seu percurso esportivo, com foco nos suportes e barreiras percebidos na prática do futebol/futsal. Para compreendermos esse processo precisamos entender que o desenvolvimento esportivo de um atleta se configura desde o início de participação até a sua consolidação ou não de carreira esportiva, e que esse percurso é transpassado por influências dos contextos imediatos e ambientes periféricos nos quais o indivíduo transita (COTÊ; VIERIMAA, 2016; REVERDITO, 2016; LIMA, 2018).

Os estudos sobre desenvolvimento esportivo de atletas, assim como estudos sobre desenvolvimento humano, aumentaram e ganharam maior relevância nas últimas décadas (BRONFENBRENNER, 1996; STAMBULOVA *et al.*, 2009). Esses estudos trouxeram discussões relacionadas às fases, estágios, abrangências de carreiras, assim como a busca da compreensão das dinâmicas e mudanças ao longo do tempo das características biopsicossociais e de fatores presentes no processo de desenvolvimento (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000; STAMBULOVA *et al.*, 2009; CÔTÉ, 1999).

Os eventos, interações, experiências dos agentes sociais e significados atribuídos a eles e ao contexto em geral, podem afetar o desenvolvimento esportivo do indivíduo, o qual por sua vivência no esporte atinge além da pessoa o seu ambiente (contexto) (HOLT, 2011; SULIVAN; LARSON, 2010). Autores como Lerner *et al.* (2015), Benson *et al.* (2007), Côté *et al.* (2007), Krebs *et al.* (2011), compartilham o pensamento do esporte como um mecanismo de desenvolvimento positivo dos (as) jovens, acreditando que as relações positivas envolvem os processos relacionais entre a pessoa e os diversos níveis ecológicos do desenvolvimento humano, estabelecidas entre o esporte e as dimensões sociopolíticas, influenciando desde as decisões da comunidade até os que normatizam e legislam políticas de participação esportiva

(BRONFENBRENNER, 2011). Dado isso, o futebol de mulheres é nosso objeto de estudo, e temos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Investigar os desafios e as possibilidades percebidas por mulheres jovens em seu percurso na prática do futsal/futebol em Mato Grosso.

Objetivos Específicos:

- Identificar o perfil das mulheres jovens que jogam futebol/futsal em Mato Grosso;
- Descrever as experiências em seu percurso esportivo, com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal;
- Prospectivamente, dialogar sobre a participação das mulheres no futebol/futsal.

3. JUSTIFICATIVA

O meu percurso até aqui foi marcado por experiências esportivas no futebol/futsal. Por meio dessas vivências surgiu o interesse em compreender melhor esse universo, e o propósito de contribuir de alguma forma para seu desenvolvimento.

Vivemos um momento de transição do futsal/futebol de mulheres em nosso país, sendo possível visualizar uma maior organização em relação a suas competições, um exponencial investimento em produtos voltados a elas, maior espaço midiático, a inserção de meninas em escolas de iniciação, a criação de categorias de bases e a oportunização de cargos de lideranças às mulheres (BARREIRA; GALATTI, 2018; NOVAIS, 2018; GOELLNER, 2021; MARTINS, 2020; PASSERO *et al.*, 2020). Esse momento também é percebido no meio acadêmico. Desde 1990 o número de estudos publicados sobre a temática vem aumentando, assim como a quantidade de mulheres pesquisadoras do tema (BARREIRA; GALATTI, 2018; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013; SALVINI, 2014).

Em um estudo de estado da arte sobre a temática do futebol de mulheres realizado por Barreira *et al.* (2018), e quando categorizadas as publicações, percebemos que grande parte dos estudos estão relacionados ao gênero, história, invisibilidade e aos preconceitos sofridos. Evidenciando uma lacuna no que diz respeito ao entendimento sobre o percurso de desenvolvimento esportivo das mulheres praticantes da modalidade em seus diferentes contextos e esferas (participação, performance, desenvolvimento pessoal).

Estudos publicados com essa abordagem retratam o interesse em compreender a carreira esportiva de atletas que atingiram o alto rendimento, como nos estudos de Lima (2018), que investigou a carreira esportiva de atletas de excelência no handebol, Galatti *et al.* (2021), que pesquisaram a trajetória no basquetebol de atletas brasileiras ao longo da carreira, realizado com atletas da liga de basquete feminino, e Collet (2018), que em seu estudo buscou entender trajetória da formação esportiva de atletas da elite do voleibol, com amostra formada por atletas homens e mulheres das seleções brasileiras de voleibol. Observamos que os estudos realizados foram com atletas de alto rendimento. As autoras sugerem em suas conclusões que novos estudos sejam realizados nas diferentes modalidades esportivas, a fim de entender esse percurso com atletas que não chegaram ao nível de excelência esportiva.

As conclusões anteriores deixam uma lacuna a ser explorada em nosso estudo, no qual o interesse é pelo percurso esportivo de jovens mulheres no futsal/futebol, mas que não atingiram o nível de excelência até o momento da pesquisa. Portanto poderá trazer subsídios que contribuem para o entendimento das influências e efeitos gerados ao longo do percurso, com a possibilidade de aplicação em políticas públicas e programas sociais destinados a promover seu desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1996; LERNER, 2002).

Esses elementos que podem vir a trazer informações que contribuam para a elaboração de estratégias visando a massificação do futsal/futebol de mulheres em todo território nacional, reforçam a necessidade de estudos que considerem e explorem as influências contextuais e socioambientais nas experiências, atitudes e comportamentos das mulheres praticantes do futebol em nosso país. No quadro 2 apresentamos o esquema analítico da dissertação, destacando o tema, justificativa, problema, objeto de estudo, objetivos e a questão da pesquisa.

Quadro 2 - Esquema analítico da dissertação.

<p>TEMA: Futebol de Mulheres.</p>
<p>JUSTIFICATIVA: A inserção da mulher no futebol, sua resistência e persistência para poder desfrutar do universo futebolista, provoca a necessidade de estudos que entendam os processos ao longo de suas experiências com a modalidade.</p>
<p>PROBLEMA: Explorar o percurso de mulheres no futsal/futebol, para compreender como seus contextos podem influenciar em seu desenvolvimento esportivo.</p>
<p>OBJETO DE ESTUDO: Percurso no Futebol de Mulheres.</p>
<p>OBJETIVO GERAL: Investigar os desafios e as possibilidades percebidas por mulheres jovens em seu percurso na prática do futsal em Mato Grosso.</p> <p>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> -Identificar o perfil das mulheres jovens que jogam futebol/futsal em Mato Grosso; -Descrever as experiências em seu percurso esportivo; com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal; -Prospectivamente, dialogar sobre a participação das mulheres no futebol/futsal.
<p>QUESTÃO DE PESQUISA: Como se dá o percurso de jovens no futebol de mulheres?</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

4. DELIMITAÇÕES DA PESQUISA

4.1. TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, realizado retrospectivamente, sobre uma perspectiva ecológica. O presente estudo foi desenhado para explorar fatos do momento atual e do passado, com o propósito de compreender a complexidade do percurso dos sujeitos da nossa pesquisa (GIL, 2002; GIL, 1999; MARCONI; LAKATOS, 2003; MINAYO, 1996).

4.2. UNIVERSO E PARTICIPANTES

As participantes da pesquisa são 11 jogadoras de equipes de futsal de mulheres que participaram da etapa estadual dos jogos escolares da juventude no estado de Mato Grosso nos anos de 2017, 2018 e 2019 e de participantes dos Jogos Escolares da Juventude dos anos de 2016 à 2019, que fazem parte de um banco de dados de um estudo longitudinal da participação nos Jogos Escolares em Mato Grosso, que utilizamos para traçar o perfil das meninas, tratando-se de uma amostra não probabilística e intencional (BRACARENSE, 2012). A identificação das 11 participantes da entrevista foi realizada a partir de análise documental, alcançada através dos boletins dos jogos contidos na página virtual da secretaria estadual de cultura, esporte e lazer (SECEL), que está disponível para o acesso público, sem restrições. A partir da identificação das equipes participantes selecionamos as equipes que chegaram com maior incidência na fase semifinal da competição, selecionando assim quatro equipes (cidades). Foi feito contato com os/as treinadores/as, conseguindo o contato das ex-jogadoras das equipes, que nesse momento já se encontram maiores de 18 anos e sem vínculo com as instituições escolares. Ao identificá-las, contatamos (telefone, e-mail, aplicativos de mensagem instantânea) para um diálogo inicial e o convite para participar da pesquisa (GIL, 2002).

4.3. INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados da pesquisa foram: Questionário com informações sociodemográficas e informações gerais sobre sua relação com o futsal e entrevista com roteiro semiestruturado. O questionário foi criado através da ferramenta *google forms*, o qual foi dividido em duas partes, sendo: a primeira parte - explica o teor da pesquisa, os procedimentos do estudo e as convida para participar da pesquisa, e, ainda, possui o termo de

consentimento livre esclarecido (TCLE); a segunda parte – formulário possui um questionário sociodemográfico com questões fechadas e abertas, com a finalidade de obter informações gerais (idade, escolaridade, ocupação geográfica, estruturação familiar, classe e raça) e informações sobre sua relação com o futsal/futebol. Utilizamos o questionário com o propósito de obter o perfil das entrevistadas, com a finalidade de nos apoiar no aprofundamento da entrevista e obter informações que possam não ser atingidas durante o diálogo. O questionário foi enviado com antecedência para ser entregue antes da entrevista. O outro instrumento utilizado foi um roteiro semiestruturado para entrevista, aplicado pela pesquisadora (MARCONI; LAKATOS, 2003).

No capítulo 2, a identificação do perfil das meninas foi realizada por meio de dados pregressos do período de mestrado, que fazem parte de um estudo longitudinal “A experiência e percurso dos jovens atletas do estado de Mato Grosso no esporte: estudo longitudinal e multidimensional” realizado pelo Laboratório de Estudos Aplicados em Pedagogia do Esporte (LEAPE)/Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Esporte e Exercício Físico (CIPEEF) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Esses dados foram obtidos por meio de um questionário que contempla questões sobre a participação e experiência esportiva, dados sociodemográficos e informações de relação parental. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso (CAAE:55729716.7.0000.5166).

O roteiro de entrevista, que se encontra nos apêndices do estudo, foi construído a partir da perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner (1999), em que tivemos como base os princípios do modelo teórico, considerando os processos e contextos nos quais as jovens (pessoa) perpassam no decorrer do tempo, desde seus primeiros contatos com o jogo até os dias atuais. Usamos o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF) para melhor organizar e aprofundar as questões de entrevista, desenvolvido por Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016), estruturado em 3 elementos: engajamento pessoal em atividades, a qualidade dos relacionamentos e os contextos apropriados, com o propósito de organizar os diferentes processos de interação ao longo do percurso esportivo.

No delineamento da pesquisa o componente tempo tem relevância especial, por essa razão, usamos como referência para o marco temporal três modelos que conversam sobre o desenvolvimento esportivo, conforme o percurso durante os anos de experiências dos atletas: Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP), desenvolvido por Cotê; Fraser- Thomas (2007); Visão Sistêmica do Processo de Desenvolvimento dos Talentos do Atletismo no Estado do Paraná (VIEIRA, 1999); e a Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998). As três propostas sugerem fases de desenvolvimento conforme a idade dos

jovens (Quadro 03). Com base nessas referências, realizamos uma média entre as idades e propostas de desenvolvimento, demarcando as fases do marco temporal da nossa entrevista.

Quadro 3 - Percurso durante os anos de experiências dos atletas

Vieira (1999): Sistêmica do Processo de Desenvolvimento dos Talentos do Atletismo	Cotê, Fraser-Thomas (2007): Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva	Greco e Benda, 1998: Iniciação Esportiva Universal
Brincar: até os 11 anos; Viajar e Treinar: 12 aos 15 anos; Anos de Resultado: 16 aos 19 anos; Aperfeiçoar: Acima de 20 anos.	Anos de experimentação: 6 aos 12 anos; Anos de Especialização: 12 aos 15 anos; Anos de Investimento: 16 aos 20 anos; Anos de recreação (COTÊ e HANCOCK, 2014): Vida adulta.	Pré-escolar: 0 aos 6 anos; Universal: 6 aos 12 anos; Orientação: 11-12 aos 13-14 anos; Direção: 13-14 aos 15-16 anos; Especialização: 15-16 aos 17-18 anos; Aproximação/Integração: 18 aos 21 anos.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.4. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram contatados inicialmente via aplicativo de conversa (*whatsapp*), recebendo um convite para a participação no estudo com explicações referentes à pesquisa e seus procedimentos. No *whatsapp* foi enviado o formulário do *google forms*, e a partir da sua devolutiva com a aceitação do TCLE, entramos em contato para agendamento da entrevista.

Com o propósito de conseguirmos realizá-la com voluntárias de diferentes locais, nossas entrevistas foram realizadas por meio de chamadas de vídeo do aplicativo *online google meet*. Vale ressaltar que o recurso, além de facilitar a comunicação com as voluntárias de cidades diferentes, foi necessário em todas as entrevistas, devido aos cuidados sanitários em decorrência da pandemia mundial do COVID 19.

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas para arquivamento dos dados, tendo em média 40 minutos de duração. As participantes foram certificadas de poder interromper, não responder ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Todas as participantes receberam uma cópia audiovisual da entrevista instantaneamente.

4.5. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados do questionário sociodemográfico e das entrevistas foram transcritos e enviados aos participantes para certificação das respostas, sendo tratados e analisados através da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). A análise foi realizada sob a perspectiva de Bardin (1979), sendo efetuada em 3 fases: 1- pré-análise; 2- exploração do material; 3- tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016).

Na fase de pré-análise, transcrevemos as entrevistas, realizamos leitura flutuante do material coletado, identificando trechos e frases que dialogavam com os objetivos e hipóteses iniciais, com o recorte dos trechos e comentários que nos trouxeram o que pretendemos discutir. Fizemos uso do software de análise qualitativa MAXQDA, para auxiliar na exploração do material. O software proporcionou melhores condições de lidar com a quantidade de dados. Com os documentos alocados no software, efetuamos a partir disso a leitura e recorte dos trechos. Cada material teve no mínimo quatro leituras, constituindo um corpus, o que proporcionou neste momento registrar os tópicos que se destacavam na mensagem: repetição de ideias; frequência de determinadas palavras. Por meio desse processo, que evidencia inicialmente os temas para análise, chegou-se àquilo que se chama de corpus da pesquisa (BARDIN, 2016; BENITES *et al.*, 2016). No segundo momento houve a exploração do material (codificação), trazendo as chamadas unidades de registro (são palavras, frases ou temas repetidos ao longo das entrevistas e encontradas nos diferentes documentos analisados) e unidade de contexto (segmento do texto mais vasto que inclui e enquadra a unidade de registro e permitindo a sua compreensão possibilitando, a partir desse movimento, pensar nas categorias de análise) (QUEIRÓS; GRAÇA, 2013; BENITES *et al.*, 2016).

Por último, realizamos a fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação (categorização). Etapa considerada como a chave do processo na pesquisa qualitativa por contemplar as categorias de análise. As categorias dizem respeito às expectativas do investigador aos objetivos da pesquisa (BENITES *et al.*, 2016). Sendo assim, a partir de um processo rigoroso de análise dos dados chegou-se às categorias e, dentro delas, as ideias centrais relacionadas ao tema da pesquisa, o que possibilitou as inferências, chegando às seguintes categorias: suporte e barreiras no percurso esportivo; experiências positivas para a vida; continuação, interrupção e expectativas em relação à modalidade.

4.6. ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

De acordo com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (Res. nº. 466/2012), a presente pesquisa atendeu aos critérios éticos que asseguram o

direito da integridade e dos/as voluntários/as. Os possíveis desconfortos, riscos e benefícios foram considerados e em nenhum momento durante as etapas da pesquisa foi observada/comprovada a necessidade de suspensão ou encerramento do estudo.

Esta pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa de Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso, sendo aprovada pelo respectivo Comitê no dia 16 de dezembro de 2020, com número CAAE: 38990820.4.0000.5690, e sob o parecer de nº 4.470.186. Após a aprovação supracitada, deu-se início aos contatos em busca das voluntárias e em sequência agendamentos e entrevistas.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n.2, p. 445-465, 2003.
- ALONSO, L. K. Mulher, corpo e mitos no esporte. *In.*: A. C. SIMÕES, A. C. (Org). **Mulher e Esporte – Mitos e Verdades**: São Paulo: Manole, 2003, p. 35-47.
- ATHAYDE, P. *et al.* Panorama sobre a constitucionalização do direito ao esporte no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, v.28, n.49, p.38-53, 2016.
- ATLAS BRASIL. **Atlas do Desenvolvimento no Brasil**. Rio de Janeiro: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Fundação João Pinheiro (FJP), 2013.
- BARDIN, L **Análise de conteúdo**. São Paulo- SP. Edições 70, 2011.
- BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 607-618, 2018.
- BARREIRA, J. *et al.* CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. *In.*: MARTIN, M. Z.; WENETZ, I. (org.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020, p.29-44.
- BENSON, P. L. *et al.* Positive Youth Development: Theory, Research, and Applications. *In.*: (Ed.). **Handbook of Child Psychology**: John Wiley & Sons, Inc., 2007.
- BENTO, J. O. **Pedagogia do desporto**: definições, conceitos e orientações. *In.*: TANI, G. BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 03-97.
- BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BRACARENSE, P. A. **Estatística Aplicada às Ciências Sociais**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2012.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Decreto-Lei No 3.199 de 14 de Abril de 1941. **Diário Oficial da União**, Brasília, 1941. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano nacional de políticas para as mulheres**. Brasília, 2013.

BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, 2015.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. W. Developmental Science in the 21st Century: Emerging Questions, Theoretical Models, Research Designs and Empirical Findings. **Social Development**, v. 9, p. 115–125, 2000.

COLLET, C. **Formação esportiva de atletas de elite: Um estudo com as seleções brasileiras de voleibol**. 2018. 193f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

COSTA, D. M.; GUTHRIE, S. R. Women and sport: interdisciplinary perspectives. **Champaign: Human Kinetics**, 1994.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology**, v. 3, p. 184-202, 2007.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, p. 1-15, 2014.

CÔTÉ, J.; STRACHAN, L.; FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development and performance through youth sport. *In*: HOLT, N. L. **Positive youth development through sport**, Routledge, 2008, p. 35-45.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. *In*: GREEN, K.; SMITH, A. **Handbook of youth sport**. London: Routledge, 2016. p. 243-255.

CUNHA, T. C. P. M. O início do futebol feminino no Brasil: divergências históricas e o pioneirismo na prática. *In*: KESSLER, C. S. (Org.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 212-232.

DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. DOI: 10.17851/2526-4494.3.3.37-66. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>. Acesso em: 10 outubro. 2020.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: Do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 43-49, 2002.

DEANER, O.R; SMITH, A. B. Sex Differences in Sports Across 50 Societies. **Cross-Cultural Research**, v. 47, n.3, p. 268–309, 2012.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. *In: ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial, 1992. p. 389-412.

FIFA. **Big Count 2006**: Statistical Summary Report, FIFA Communications Division, 2007. [Online]. Available: http://www.fifa.com/mm/document/fifafacts/bcoffsurv/bigcount.summaryreport_7022.pdf. Acesso em: 11/03/2021.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005.

GALATTI, L. R. *et al.* Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 25, p. 153-162, 2014.

GALATTI, L. R; FILHO, C. V. M. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27014, 2021.

GALATTI, L. R; PAES, R. R; COLLET, C. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 03, p. 115-127, , 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, S. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher. **Rev. Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. V. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em movimento**, v.1, n. 2, p. 79-86, 2005.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e 27001, 2021.

GOELLNER. S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

GRECO, P. J.; BENDA, R.N. Da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico: Conceitos e Perspectivas. *In: GRECO, P. J. (Org). Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.15-38.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HOLT, N. L. *et al.* Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 12, n. 5, p. 490-499, 2011.

KORSAKAS, P.; RIZZI, E. G.; GALATTI, L. R. Entre meio e fim, um caminho para o direito ao esporte. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.29534664>.

KREBS, R. J. *et al.* Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, p. 195-201, 2011.

LERNER, R. M. **Concepts and Theories of Human Development**. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

LERNER, R. M. Promoting positive human development and social justice: Integrating theory, research and application in contemporary developmental science. **International Journal of Psychology**, v. 50, n. 3, p. 165-173, 2015.

LIMA, L. A. **Carreira esportiva**: um estudo com atletas de excelência. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2018.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINS, L.T.; MORAES, L. O Futebol Feminino E Sua Inserção Na Mídia: A Diferença Que Faz Uma Medalha De Prata. **Pensar a Prática**, v.10, n.1, p. 69-81, 2007.

MARTINS, M. Z.; LAURINDO, V. C. S.; SILVA, B. S. As meninas não querem jogar? uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 01, p. 44-57, 2020.

MAZO, J. Z; BALARDIN, G. F. Mulheres no Futebol: Alterações no Regulamento da Conmebol e Espaço na Mídia Televisiva. **Caminhos da História**, v. 25, n. 1, 2020.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1996.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2005.

NOVAIS, M. C. B. “**À beira do gramado ou fora do jogo?**”: As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. 2018. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Desportos) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Mulheres, igualdade de gênero e os esportes**. Nova Iorque, 2005.

PASSERO, J. G. *et al.* Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/100575>. Acessado em: 15 ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918>.

PRIORE, M. D; MELO, V. A. (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

PISANI, M.S. “**Sou feita de chuva, sol e barro**”: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 221f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, 2018.

RAMOS, S. S; GOELLNER, S. V. **Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz! A trajetória esportiva de Duda**. São Paulo: Multifoco, 2018.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3 p.600-610, 2009.

REVERDITO, R. S. **Pedagogia do esporte e modelo bioecológico do desenvolvimento humano**: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. 2016. 209f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2016.

RIGO, L. C.; GUIDOTTI, F. G. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, maio 2008.

RUBIO, K. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Ano V, n.11, 1999/2.

SALVINI, L; FERREIRA, A. L. P.; JÚNIOR, M. W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990 – 2000). **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, p. 1-14, 2014.

SETANI, S. G; GALATTI, L. R; MACHADO, G.V. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Record**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

STAMBULOVA, N. *et al.* ISSP position stand: career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

SULLIVAN, P. J.; LARSON, R. W. Connecting Youth to High-Resource Adults: Lessons From Effective Youth Programs. **Journal of Adolescent Research**, v. 25, n. 1, p. 99-123, 2010.

TEIXEIRA, F.L.S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, 2013.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte**. 21 de novembro de 1978. Biblioteca Digital da UNESCO. 2012.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Esporte**. Biblioteca Digital da UNESCO. 2018.

VIEIRA, L.F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo:** Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. 1999. 195f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

5. CAPÍTULO I - O PERCURSO DAS MULHERES COM O FUTEBOL/FUTSAL: O AMBIENTE ESCOLAR COMO UM CENÁRIO DE PRÁTICA

5.1. RESUMO

A participação das mulheres no universo futebolístico cresceu exponencialmente nas últimas décadas, trazendo reflexões acerca do seu desenvolvimento ao longo do tempo. Neste ensaio, abordamos a temática trazendo reflexões e evidências do seu percurso histórico, trazendo consequências sobre seus enfrentamentos passados e atuais, seus contextos de prática ao longo do tempo e perspectivas para o desenvolvimento da modalidade. Nesse cenário, refletimos sobre os locais que historicamente foram possíveis para a inserção na modalidade. As ruas e o ambiente escolar aparecem como locais possibilitadores para que as meninas e mulheres conseguissem inserir-se no universo futebolístico como praticantes, competidoras, espectadoras e torcedoras. Entendemos que o local da mulher seja onde ela deseja estar, e que as experiências esportivas auxiliam no processo de empoderamento para que elas sejam capazes de superar barreiras socioculturais que insistem em restringir seus locais na sociedade. A escola é um local que contribui para esse processo de empoderamento, considerando que se trata de um espaço social com viés educacional e o fato de ser um dos principais espaços em que as meninas têm acesso às práticas esportivas. Propostas de intervenção no contexto escolar que visem a equidade nas experiências esportivas são fundamentais para garantir oportunidades de acesso ao futebol para as meninas e mulheres.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Pedagogia do Esporte. Esporte na Escola.

5.2. INTRODUÇÃO

O esporte ocupa diferentes espaços em nossa sociedade, alcançando neste século seu auge na história da humanidade. Um desses indicadores é o aumento da participação de mulheres no esporte, que historicamente foi marcado por enfrentamentos na estrutura sociocultural com a finalidade de superar barreiras colocadas para impedir ou limitar a inserção da mulher ao universo esportivo (GALATTI, *et al.*, 2018; GOELLNER, 2005, RUBIO, 2019). Nesse cenário temos o futebol, modalidade mais prática no mundo e tratada em nosso país como símbolo nacional, que em partes do século passado chegou a ter proibição assegurada por lei, sustentado no discurso de que a modalidade não era compatível com as condições biológicas e o comportamento esperado para uma mulher (GOELLNER, 2021; FRANZINI, 2005; OLIVEIRA, 2008).

Na contemporaneidade, a participação de meninas e mulheres no futebol se encontra em expressivo crescimento, influenciado por movimentos que visam o empoderamento de mulheres, a busca por equidade, ocupação dos espaços e possibilidades que o futebol proporciona e por políticas de indução para participação de meninas e mulheres no esporte (BRAUNER, 2015). No entanto, as meninas e mulheres continuam encontrando barreiras

culturais em relação a seus primeiros contatos com o futebol, o que é percebido quando assistimos meninos desde a infância serem incentivados a experimentar o futebol e as meninas serem estimuladas a brincadeiras e práticas corporais ligadas a uma ideia patriarcal de ideal feminino. A consequência são as dificuldades de inserção na modalidade e de encontrar espaços que ofereçam oportunidades de participar de experiências futebolísticas (MARTINS, 2021; SOUSA, 1999). Com isso temos como objetivo neste ensaio refletir sobre o percurso das mulheres com o futebol/futsal e o papel da escola como espaço potencial de inserção no universo do futebol.

5.3. AS LUTAS DE ONTEM NO PRESENTE PARA UM FUTEBOL DELAS

O futebol é um dos maiores fenômenos sociais do Brasil, sendo reconhecido como uma das mais importantes representações nacionais. No mundo, o Brasil é considerado o “país do futebol”. A modalidade esportiva mais popular do país, fazendo dos sujeitos que jogam e os que torcem símbolos de representação do sentido de pertencimento ao seu clube ou nação (GUTERMAN, 2009; VIANA, 2008).

Esse jogo com bola nos pés mexe com a emoção, seja nos campos, quadras, ruas, campinhos na várzea ou nos maiores estádios do mundo. Esses “futebóis” têm atualmente, segundo a FIFA (Federação Internacional de Futebol), mais de 265 milhões de jogadores espalhados pelo mundo, sendo a modalidade mais praticada e assistida (DAMO, 2019). Entretanto, quando se trata de mulheres jogando futebol ainda há estranhamento por parte de algumas pessoas. A presença das mulheres em um estádio de futebol ou em um bar para assistir aos jogos, por vezes, ainda geram frases carregadas de preconceitos; os pais ainda consideram que as meninas devem ganhar suas “princesas” e os meninos a bola de futebol (MARTINS, 2021; MARTINS *et al.*, 2020; BUTLER, 2018; BARREIRA *et al.*, 2018).

Atualmente, há um evidente crescimento na inserção de meninas e mulheres nesse universo. A entrada das mulheres no esporte ao redor do mundo foi marcada por persistência e resistência, pois sua presença era (e ainda é) entendida como uma invasão ao universo masculino. Ambiente reprodutor dos ideais de masculinidade, o futebol foi (e ainda é) um dos espaços sociais em que se encontra esse tipo de pensamento (RUBIO; SIMÕES, 1999; MOURÃO, 2005; GOELLNER, 2005; DUNNING; ELIAS; 1992). A imagem que se tinha de mulher frágil fisiologicamente, e que a prática esportiva poderia fazer com que se perdesse sua “natureza feminina”, fez com que houvesse um atraso no acesso à prática esportiva pelas

mulheres e do seu reconhecimento como atleta, marcado por proibições e interrupções (GOELLNER, 2021).

Um fato evidente que pode caracterizar o retardo das mulheres no esporte é a sua não participação na primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna em 1896. A primeira participação em Jogos Olímpicos aconteceu apenas em 1900, após muitos protestos, competindo em esportes sem contato físico e considerados esteticamente “belos”. Em se tratando das mulheres brasileiras, a participação veio décadas depois, sendo Maria Lenk a primeira competidora sul-americana em 1932, mesmo ano em que o direito ao voto por parte das mulheres foi constituído em nosso país (GOELLNER, 2005; DEVIDE, 2003; OLIVEIRA, 2018; SOUSA; ALTMANN, 1999; RUBIO, 2019; SETANI; GALATTI, 2018).

O futebol, assim como os demais esportes, foi negado às mulheres por um bom período no decorrer da história. Barreiras sociais e omissões das organizações esportivas colaboraram para impedir uma massificação da modalidade para as mulheres. Se compararmos a data da primeira Copa do Mundo de futebol de homens, realizada em 1930, e a de mulheres, que veio a ocorrer 61 anos depois, em 1991, no mínimo fica demonstrado o desinteresse da Federação Internacional de Futebol (FIFA) com o Futebol de Mulheres, e a lacuna temporal de desenvolvimento da modalidade em relação aos homens. Por isso, é possível afirmar que o jogo delas ainda é uma jovem dentro do contexto esportivo (GOELLNER, 2005; MOURÃO, 2005; SILVA, 2015).

No Brasil, as mulheres sempre se fizeram presente no futebol, seja inicialmente como espectadoras até o protagonismo do jogo. Franzini (2005) sinaliza que o primeiro jogo registrado em nosso território pode ter ocorrido em 1921, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Porém, evidências indicam que anteriormente já ocorria a prática por parte das mulheres sem ser documentado, com jogos realizados entre meninas da elite, na década de 1910 (GOELLNER, 2021; BONFIM, 2019).

O início do século XX marcou a estruturação do esporte em nosso país, no mesmo momento houve um movimento das elites urbanas em que se ambicionavam civilizar-se movido pelas transformações sociais modernas para da época, permitindo a ocupação de espaços por parte das mulheres antes direcionados aos homens (GOELLNER, 2005). No entanto, nesse período estava presente o conflito com os que pregavam a “moral e bons costumes”, surgindo o discurso de que não era adequado a prática de determinados esportes por parte das mulheres, entre eles o futebol, por não ser “da natureza de seus corpos” (SOUSA; ALTMANN, 1999; GOELLNER, 2021; GOELLNER; KESSLER, 2018). Nesse contexto, em 1941 o Conselho Nacional de Desportos instituiu o Decreto-Lei nº 3199, que proibia as mulheres de praticarem

algumas modalidades esportivas, dentre elas o futebol. O decreto vigorou por quase quarenta anos, trazendo consequências para o desenvolvimento da modalidade para as mulheres, percebidos até hoje (MORAES, 2009; MOURÃO; MOREL 2005; GOELLNER, 2005; GOELLNER, 2021; BONFIM, 2019).

Estudos indicam que mesmo durante as quatro décadas de proibição, às mulheres sempre se fizeram presentes no futebol; não de forma oficial, mas fazendo uso do caráter recreativo para poderem jogar (GOELLNER, 2021; BONFIM, 2019). Equipes foram formadas e eventos realizados, em sua maioria com a justificativa de serem por caridade. Até em circos essas mulheres jogaram, alegando o caráter de espetáculo, sendo uma das formas encontradas para resistir às restrições e impedirem o desaparecimento da prática (BONFIM, 2019; GOELLNER, 2021; RIGO, 2008; SILVA, 2015).

Em estudo recente, Goellner (2021) aponta que a luta para se fazer presente no futebol em diferentes contextos, resulta de insistência e resistência contínua. Por vezes ocorreram retrações de conquistas e esquecimento de suas histórias, fazendo do jogar das mulheres um ato político. O fato de se colocarem em um lugar de luta para ocupar um espaço social que lhe foi constantemente negado, e a resiliência para pertencer a esse universo as levam a um processo natural de empoderamento e de entendimento das lutas das mulheres na sociedade e, por conseguinte, um ato político.

Mesmo reconhecendo o papel importante da resistência em se fazer presente no futebol, é inegável que a proibição limitou significativamente o desenvolvimento da modalidade, considerando que o momento era de organização do futebol de homens e sua profissionalização. Na década de 1950 o Brasil sediou uma Copa do Mundo, sequencialmente conquistou títulos, foi construindo sua história, cedendo ídolos para a nação, que a cada vitória se tornavam símbolos nacionais (GUTERMAN, 2009). Tudo ocorreu ao mesmo tempo em que as mulheres eram impedidas de jogar. A FIFA, até 1970, amparada em discursos médicos, desaconselhou associações a estimularem o futebol de mulheres, e, ainda, recomendava condições diferentes das dos homens para a prática, o que dificultava ainda mais o processo de acesso ao jogo (SILVA, 2015; BARREIRA, 2020).

Silva (2015), estudando narrativas do futebol feminino, aponta que nos mesmos anos de 1970 na Europa, um grupo de participantes relutaram em abandonar a modalidade e continuaram a desenvolver a prática, colaborando para a disseminação da modalidade. A consequência desse movimento, juntamente com os interesses econômicos, foi a criação da Federação Europeia de Futebol Feminino que, em 1970 na Itália realizou a 1º Copa do Mundo

de Futebol Mulheres, com 8 equipes, sem o apoio da FIFA, demonstrando grande potencial comercial.

Em sequência, a realização do evento, marcada por interesses econômicos e políticos, no ano de 1971 a FIFA aconselha os seus associados a se aproximarem do Futebol de Mulheres. No entanto, a entidade realizou sua primeira Copa do Mundo apenas em 1991, na China, a qual passou a ser realizada a cada quatro anos. Em seguida, o futebol de mulheres também foi incluído nos Jogos Olímpicos de 1996, realizado em Atlanta (USA) (RIGO, 2008; BARREIRA, 2020).

Enquanto isso, no cenário nacional, o Decreto-Lei 3199 foi revogado em 1979, e em 1983 foi regulamentada a participação das mulheres brasileiras no futebol. Foi um período promissor para a modalidade, com surgimento de competições autorizadas em diferentes estados (GOELLNER, 2021). Vencido o enfrentamento da proibição, as mulheres começaram a conhecer outras lutas, como: a falta de organização de campeonatos, ausência de investimentos e reconhecimento, o preconceito, a erotização de seus corpos, a invisibilidade de suas conquistas, ausência de representatividade, o difícil acesso ao jogo e descontinuidade de um calendário esportivo (GOELLNER, 2021; DARIDO, 2002).

Ao tratar da seleção de futebol de mulheres, o Brasil coleciona bons resultados e jogadoras que marcam a história da modalidade. A seleção participou de todas as edições da Copa do Mundo, ficando com o vice-campeonato por duas vezes, e conquistando duas pratas olímpicas. Individualmente, temos: a Marta, eleita a melhor jogadora do mundo por 6 vezes; a Cristiane, maior artilheira em olimpíadas (entre homens e mulheres); Sissi, bola de prata em 2000 e FIFA *Legend*, reconhecida com uma das jogadoras que abriu caminho às novas gerações; Formiga, que participou de sete edições de Copa do Mundo. Podemos observar que ao longo do tempo, o percurso das mulheres no futebol vem deixando legados que inspiram e abrem caminhos às novas gerações (ALENCAR *et al.*, 2020).

Ao refletirmos sobre a participação esportiva das mulheres na perspectiva do direito social, percebemos que o acesso à prática esportiva ainda não é tão simples. Mourão (2003) cita que as mulheres brasileiras não desfrutam do esporte e da atividade física por não terem sido educadas para desfrutarem dessas práticas. No Diagnóstico Nacional do Esporte (DIESPORTE, 2015), observamos que 50,4% das mulheres são consideradas sedentárias e que levam mais tempo para ingressarem em atividades esportivas do que os homens. Esse fato é reforçado no relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2017), indicando que no Brasil a prática de atividade física por parte das mulheres é 40% inferior à dos homens e, levando mais especificamente para o futebol, nota-se que ele é proporcionalmente pouco

praticado entre as mulheres (2,7%), ainda que entre as mulheres de baixa renda encontramos um maior percentual (6,8%).

Em relatório produzido pela FIFA (2019), que analisou a quantidade de mulheres que disputam campeonatos na América do Sul, mostra que cerca de 15 mil mulheres participam de maneira organizada em algum nível de futebol no Brasil. Contudo, na Argentina são 27 mil mulheres e na Venezuela são 24 mil, o que nos faz refletir sobre a maneira que o futebol de mulheres vem sendo desenvolvido em nosso país (FIFA, 2019; SANTANA, 2003; BARREIRA *et al.*, 2020). Portanto, a partir desse conjunto de dados, se estamos no país do futebol, é possível afirmar que ainda é uma nação do futebol deles, em que as mulheres seguem em uma luta constante para que esse fenômeno também pertença a elas.

Atualmente, vemos um crescente número de meninas buscando a vivência no futebol, além do surgimento de políticas de indução da FIFA e Confederação Sul Americana de Futebol (CONMEBOL), que estão colaborando para a mudança de cenário. Essas ações estão na esteira de exigências das demandas sociais e mercadológicas das mulheres, uma vez que se tornaram consumidoras dos produtos que o futebol envolve, logo gerando uma movimentação de capital que interessa às grandes gestoras da modalidade (MAZO, 2020). Contudo, as políticas de indução, sejam elas mobilizadas ao nível das instituições responsáveis pelo futebol institucionalizado ou no âmbito das Políticas Públicas, não têm alcançado (ou de forma limitado) espaços importantes para o acesso ao futebol de mulheres, que são as ruas e as escolas.

Dentre os inúmeros espaços possíveis para jogar futebol, nas ruas e nas escolas encontramos os lugares com as maiores possibilidades para explorar o jogo. Seguramente, são os primeiros espaços em que as mulheres tiveram oportunidade de jogar futebol. Contudo, se considerarmos o número de mulheres no Brasil e o fato de sermos o país do futebol, encontramos poucas meninas e mulheres jogando futebol nesses espaços. É preciso que as oportunidades para a mulher jogar futebol seja onde ela quiser; começando nas ruas e nas escolas.

5.4. NAS RUAS, NAS ESCOLAS: ESPAÇOS POSSÍVEIS PARA JOGAR FUTEBOL

Como visto ao longo do tempo, a mulher enfrentou obstáculos para simplesmente poder jogar o jogo mais popular no Brasil. São percebidas diferenças abissais de oportunidades de acesso e permanência no esporte, resultante de uma história esportiva construída com relações diferentes de poder, visibilidade e investimentos entre homens e mulheres (GOELLNER, 2005; MARTINS *et al.*, 2020; GOELLNER, 2021). Essas diferenças resultaram em adversidades

oriundas das distintas relações e tratos entre meninos e meninas, que perpetua até a atualidade, podendo ser percebida no simples ato de não se estimular desde a infância que as meninas façam parte do universo futebolístico (ganhando bolas; assistindo jogos; torcer para uma equipe; começar a jogar desde cedo, seja em suas brincadeiras ou em sua inserção em escolas de iniciação esportiva), algo proposto aos meninos (MATOS, 2016).

Por essas razões, cabe perguntar: quais os espaços para o futebol de mulheres? Estudos de Atmann e Baldy (2013), Costa *et al.* (2018) e Martins *et. al* (2018), trazem declarações de atletas em indicam que o contato inicial com futebol se deu em sua grande maioria nas ruas, nas escolas, através do futsal e campeonatos escolares, como suas primeiras experiências competitivas. O estudo de Costa (2019) com atletas de futsal universitário, reforça o espaço da Educação Física escolar como um local para essa experiência, relatando que esse ambiente teve influência direta e indireta pelo interesse da prática, e que o apoio e o suporte dentro da escola foram colocados como fundamentais para suas experiências esportivas. Relatos das atletas Tavares (2020), Barboza (2020) e Verli (2020), publicados no livro “Futebol de Mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas”, corrobora ao citarem os mesmos contextos como possibilitadores de suas práticas.

Percebemos que o contexto escolar é constantemente elencado como o espaço que possibilitou a vivência do jogo com bola nos pés. Ao nos referirmos ao ambiente escolar, não estamos falando apenas das experiências nas aulas de educação física, mas incluímos os momentos de recreios, os projetos extracurriculares e as brincadeiras na escola. Santos e Simões (2007) cita a escola como um dos primeiros lugares que permitem o contato das crianças com o esporte, sendo um processo que ocorre de maneira natural, pela frequência dos alunos no ambiente e pelo fato dos pais considerarem este um local seguro.

O jogar futebol das meninas/mulheres foi em seu percurso um ato de resistência, e entendemos que a participação nas aulas de educação física e as ocupações nos espaços escolares fazem parte desse processo, forçando quebras das expectativas formadas para os gêneros, que historicamente desenhou uma supremacia masculina quando relacionada a práticas corporais (PEREIRA, 2004). Ao usarmos o termo gênero precisamos entender que nos referimos a um conceito que acompanha as mudanças históricas. Goellner (2001) conceitua o termo gênero como construção social do sexo, que vai além da condição biológica, diferenciando homens e mulheres por condições históricas, culturais e sociais.

Discussões sobre gênero nas aulas de educação física começaram a surgir no fim da década de 1980. Desde então, a literatura vem discutindo sobre como são ofertadas as práticas corporais e esportivas aos meninos e meninas, os fatores que podem vir a levá-los a participação

ou não nas aulas e as relações que são dadas do seu corpo com as experiências das práticas corporais (BARREIRA *et al.*, 2018; MATOS, 2016). Quando se discute gênero nessa ótica, levanta-se o pensamento sobre modalidades esportivas que possam ou não pertencer ao gênero “feminino”, e o futebol se torna dessa forma uma modalidade que não faz parte dos esportes que às pertence, visto que sempre foi colocado como um dos símbolos de masculinidade e força; não compatível com a mulher, colocada como frágil e delicada. A escola por ser um espaço de expressiva importância social e cultural, com o papel de difusão de conhecimentos produzidos pela humanidade, deve ser um local que permita diálogos para a quebra desse paradigma (MALVAR, 2020; COSTA, 2002; TENÓRIO, 2021; VIANA, 2008).

A escola será um espaço rico em oportunidades e um ambiente favorável às meninas, se de fato houver o entendimento dos envolvidos sobre a importância da quebra da construção histórica de fragilização feminina. Com isso os professores se tornam fundamentais para esse processo, indo das oportunidades de debates a propostas de aulas que proporcionem a participação de todas, criando situações que potencializam o protagonismo das meninas. Ainda, assumindo um papel para além do ensino da prática esportiva, poderá explorar questões relacionadas às desigualdades de gênero, proporcionando oportunidades de reflexão e análise crítica para as meninas e meninos quanto aos enfrentamentos sociais (MARTINS *et al.*, 2020; MATOS, 2016; NICOLINO, 2020; VIANA, 2012; ALTMANN, 2012).

Os estudos de Malvar (2020) e Matos (2020), a partir de propostas de intervenção realizadas em suas aulas, citam que as meninas passaram a reivindicar sua participação nos jogos de futsal dentro da escola, nas aulas e nos espaços escolares em seus momentos livres. Fato que demonstra a importância do desenvolvimento de aulas que estimulem não apenas a participação, mas a sensação de estar em um espaço de pertencimento, pois quando se constrói esse ambiente as meninas acabam por reivindicar outros espaços.

O sentimento de pertencimento a um espaço pode ocorrer de formas distintas para cada pessoa. No estudo de Costa (2019) com jovens atletas universitárias, alunas comentaram que jogavam nas aulas por serem obrigadas no início, outras por identificação e algumas por querer estar com os amigos. Fato é que essa experiência as levou a conhecer e permanecer com o gosto pela modalidade. Malvar (2020), Matos (2020) e Jaeger *et al.* (2010) concluíram em seus estudos que o maior engajamento ocorria por parte de meninas que já tinham o gosto pelo esporte, e que as experiências levaram outras meninas a se sentirem capazes de jogar. O que nos leva a considerar que devemos tornar o jogo atrativo para todas, e que para atingir esse objetivo devemos tornar o jogo possível a todas.

Diferentes estratégias deverão ser usadas pelos/as professores/as ao proporem suas aulas, considerando as individualidades do sujeito, qualidade das relações interpessoais e modificações nas estruturas do jogo, na perspectiva do jogo ser possível e, ao mesmo tempo, desafiador a todos. Os conteúdos devem considerar o nível de jogo de cada aluna, (JAEGER, 2010; REVERDITO; SCAGLIA, 2009; SCAGLIA, 2017). Ainda, no âmbito escolar, deve-se respeitar os objetivos da escola ao se ensinar esporte. O/A professor/a deve pautar-se no intuito de ser capaz de ensinar o aluno a gostar, para que assim queira participar dos diversos cenários possíveis no decorrer da vida (GALATTI, 2008; BENTO, 1999).

Além das experiências de participar ativamente dos jogos, os estudos de Costa (2019), Malvar (2020) e Matos (2020) destacaram o despertar do interesse por assistir ao jogo quando possível, proporcionando diferentes engajamentos com a modalidade. O que colabora para que as meninas experimentem outros espaços possíveis de experiência com o jogo para além das paredes escolares, viabilizando que levem para a vida o gosto pelo futebol e o desfrutem (torcedoras, parte do seu lazer, consumidoras de produtos esportivos), o que colabora para a expansão do futebol de mulheres e para a conquista de espaços. Para Brauner (2015) o esporte é um importante mecanismo para que essas meninas/mulheres adquiram autoestima e autoconfiança, condições fundamentais para o empoderamento da mulher dentro da sociedade de forma global.

A busca pela diminuição das desigualdades de gênero deve fazer parte dos objetivos dos/as professores/as em suas aulas, buscando estratégias que proporcionem a reflexão de meninos e meninas. A própria BNCC (BRASIL, 2016 p.11) aborda o tema como uma das competências que a escola deverá desenvolver, sendo:

[...] a equidade requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião, sexo ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender (BRASIL, 2016, p.11).

Ao pensar na reação dos meninos em relação a inserção das meninas no jogo, Malvar (2020), Matos (2020) e Souza e Altmann (1999) mostram em seus estudos que os meninos ainda ocupam e participam mais dos jogos que as meninas. No entanto, as meninas que demonstraram maior habilidade com o futebol não eram excluídas, enquanto meninos que não demonstravam habilidade eram. O que permite entender que nesse espaço, por vezes, o que importa para o acolhimento no jogo é a capacidade de jogar e não o sexo, o que ocorre em espaços fora do ambiente escolar.

Atletas revelaram a Altman e Baldy (2013) que no início os meninos duvidavam de suas habilidades e questionavam sua participação, mas que depois que as viam jogando começavam a pedir que elas fizessem parte de seus times. Nesse caso, alguns aspectos precisam de atenção, como: reforçar nos alunos a conscientização de que o futebol pode ser jogado por todos e todas; capacidades de jogos desenvolvidas de formas diferentes; as experiências na escola poderão apoiá-los na busca por outros espaços para usufruir do jogo.

Existem possibilidades que possam vir a colaborar para que haja maiores experiências com o jogo, proporcionando o empoderamento das meninas. No entanto, os desafios são grandes, pois trata-se da busca por uma ruptura de enraizamentos sociais, em que principalmente no futebol existem resistências, tanto de alunos como de professores/as, em se desfazer do pensamento de hegemonia masculina sobre a prática (SILVA, 2020). O ambiente escolar se mostra um possibilitador em meio a dificuldades de acesso (MATOS, 2020), mas é importante que ocorram propostas de intervenções pedagógicas capazes de proporcionar a inserção de todas.

Outro fator a ser ressaltado é a ausência de campeonatos nas idades iniciais de prática esportiva. Martins (2021), em estudo realizado com participantes dos campeonatos adultos paulista de futsal, demonstra que as mulheres são federadas com uma média de idade mais avançada que homens, sendo uma evidência da lacuna competitiva nos anos iniciais. Balardin (2016) comenta da ausência de campeonatos de categorias de base do futebol e de competições antes da fase adulta, citando que os campeonatos existentes são jogos interescolares e de futsal, fazendo do espaço escolar e das competições escolares um local que possibilita as experiências esportivas.

Mudanças no regulamento da CONMEBOL em 2016, exige atualmente que haja campeonatos de categoria de base no futebol de mulheres, fazendo com que os clubes invistam na formação de meninas. Indicando uma mudança para inserção no universo futebolístico, proporcionando a ampliação de espaços de prática e competições, abrindo espaço para a profissionalização na modalidade, visto que se caminha para a ampliação de investimentos e organização das gestoras do futebol a longo prazo.

5.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências futebolísticas nos espaços escolares sempre existiram, assim como a persistência das mulheres em jogar. Esse espaço foi em meio a um percurso histórico marcado

por preconceitos, falta de estímulos e de locais destinados ao jogo por parte delas, um local possível para essas vivências.

Se, por vezes, esse espaço não tem o viés de formação esportiva, ele disponibiliza e encoraja as mulheres a desfrutarem do futebol, o que além de proporcionar a vivência ao jogo, faz com que algumas dessas meninas através dessas experiências vejam o futebol de formas distintas, permitindo que: pensem em seguir carreira esportiva, sigam a prática do jogo como lazer, sejam torcedoras, influenciam na escolha de sua profissão e possibilitem um maior empoderamento. O sentimento de pertencimento ao universo desse fenômeno esportivo, especialmente no Brasil, cria vínculos de proximidade com outros, proporcionando diferentes relações sociais, culturais e a conquista de novos espaços na sociedade.

Em relação a experiências competitivas, entendemos a escola e os campeonatos escolares como locais que por vezes são a primeira e única experiência esportiva de muitas garotas, visto que a quantidade de meninas com vínculos federativos de futsal/futebol ainda é baixa, assim como as competições para as categorias de base. O momento atual indica uma transição em relação a inserção da mulher no futebol/futsal, com maior visibilidade e conquista do espaço mercadológico, fatores que fazem com que essas meninas possam almejar a possibilidade de se tornarem jogadoras, e com isso busquem espaços para sua iniciação esportiva. As mudanças na regra de Licenciamento da CONMEBOL impulsionaram a criação de categorias de base e campeonatos, ampliando suas possibilidades de inserção.

A evolução atual se faz possível pela resiliência, luta e resistência do passado de mulheres que foram conquistando seus espaços para jogar, em que o ambiente escolar foi um importante espaço, tornando possível vivenciar e expandir sua relação com o jogo, principalmente nos locais mais distantes dos centros esportivos. Acreditamos que o futebol das mulheres será onde elas quiserem e que a escola é um espaço potencial para que justamente elas possam alcançar esses outros espaços, vindo a contribuir para além das relações com o futebol.

Tornando-se, assim, um mecanismo essencial para o processo de empoderamento da mulher na sociedade, por essa razão deixamos a sugestão de que haja propostas de intervenções no contexto escolar que visem a equidade nas experiências esportivas, sendo esse um fator fundamental para garantir maiores oportunidades de acesso ao futebol para as meninas e mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H.; DOS REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, 2013.
- ALTMANN, H.; MARIANO, M.; UCHOGA, L. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na educação infantil. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 272-550, 2012.
- BARBOZA, A. C. O. Infância, futebol, amizades e primeiras influências: jogando com meninos. In: MARTIN, M. Z.; WENETZ, I. (Org.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p.29-44.
- BARREIRA, J.; GONÇALVES, M. C. R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 607-618, 2018.
- BARREIRA, J.; MAZZEI, L. C.; CASTRO, F. D.; GALATTI, L. R. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. In: MARTIN, M. Z.; WENETZ, I. (org.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p.29-44.
- BENTO, J. O. **Contextos da pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Horizonte, 1999.
- BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) - Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2016.
- BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, 2015.
- BUTHER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COSTA, J. E. DIAS, N. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **RBF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, v. 10, n. 41, 694-702, 2018.
- COSTA, M. R. F.; SILVA, R. G. A Educação Física e a co-educação: igualdade ou diferença? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 43- 54, 2002.
- COSTA, R.L. **Futsal feminino: a educação física escolar contribui para a escolha da modalidade como prática?** 2019. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>. Acesso em: 10 outubro. 2020.

DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: Do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 43-49, 2002.

DE ALENCAR, Amanda Azevedo *et al.* As seleções brasileiras de futebol feminino e empoderamento das mulheres. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia**, v. 2, n. esp., p. 60-65, 2020.

DEVIDE, F. P. **História das Mulheres na natação brasileira no século XX**: das adequações às resistências sociais. 2003. 347f. Tese (Doutorado em Educação Física e Cultura) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

DIESPORTE. **Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília, DF: 2015.

DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. *In*: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difusão Editorial, 1992. p. 389-412.

FIFA. **Women's Football MA's survey report 2019**. <https://digitalhub.fifa.com/m/231330ded0bf3120/original/nq3ensohyxpuxovcovj0pdf.pdf>. Acesso em: 03/04/2021.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005.

GALATTI, L. R.; FERREIRA, H. B.; SILVA, Y. P. G. da; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, Campinas, SP, v. 6, p. 397-408, 2008.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da Pedagogia do Esporte no Cenário Escolar. **Movimento e Percepção**, v. 06, n. 09, p. 16-25, 2006.

GALATTI, L. R; PAES, R. R; COLLET, C. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 03, p. 115-127, 2018.

GOELLNER, S. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher. **Rev. Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. Gênero, Educação Física e esportes: do que falamos quando em gênero falamos? *In*: VOTRE, Sebastião; MOURÃO, Ludmila (Orgs.). **Imaginário & representações sociais em Educação Física, esporte e lazer**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001. p. 215-227.

GOELLNER, S. Locais da memória: histórias do esporte moderno. **Arquivos em movimento**, v.1, n. 2, p. 79-86, 2005.

GOELLNER, S. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições. **Pensar a prática**, v. 8, n.1. p. 85-100, 2005

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e 27001, 2021.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, 2005.

GOELLNER, S. V. KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

JAEGER, A. A.; GOMES, P. B.; SILVA, P.; GOELLNER, S. V. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 245-267, 2010.

LIMA, A. C; PINHEIRO, T. G. G. “Deixa as garota brinca”: a resistência na prática do futebol feminino frente a sua proibição (1941 – 1965). **Aurora**, Rio de Janeiro, ano 1, p. 49-56, 2018.

MALVAR, A. J. M. **Participação das meninas nas aulas de educação física**: dilemas de um professor no ensino do futsal. 2020. 115f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), São Carlos, SP, 2020.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O Futebol Feminino e sua Inserção na Mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-81, 2007.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, e27006, 2021.

MARTINS, M. Z; LAURINDO, V. C. S; SILVA, B. S. As meninas não querem jogar? uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, p. 44-57, 2020.

MATOS, N.R. BRASILEIRO, E.S. Discussão de gênero nas aulas de educação física: uma revisão sistemática. **Motrivivência**, v. 28, n. 47, p. 261-277, 2016

MATOS, N.T. **“Ontem eles jogaram, hoje é a gente professora”**: os lugares das meninas na educação física e na escola. 2020. 173f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física - PROEF) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2020.

MAZO, J. Z; BALARDIN, G. F. Mulheres no Futebol: Alterações no regulamento da Conmebol E Espaço Na Mídia Televisiva. **Caminhos da História**, v. 25, n. 1, 2020.

MORAES, J. F; HILLEBRAND, M. D.; GROSSI, P. K. Preconceito de gênero em mulheres praticantes do esporte universitário. **Psico**, v. 39, n. 4, p. 425-430, 2009.

MOURÃO, L. e MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 9-20, 2005.

MOURÃO, L; VOTRE, S. Futebol feminino no Brasil: Avanços e problemas. **Futebol e Sociedade**. V. 4, 2003, 254-267.

NICOLINO, A; OLIVEIRA, V. A. “Ocupar a quadra”, empoderando meninas: ampliando diálogos sobre futebol e gênero nas aulas de educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, p. 61-70, 2020.

OLIVEIRA, G; CHREM, E. H. L; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.16, n. 2, p. 117-125, 2008.

PASSERO, J. G.; BARREIRA, J; TAMASHIRO, L; SCAGLIA, A. J; GALATTI, L. R. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, 2020.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de educação física**: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras. 2004. 182f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

PISANI, M. S. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe (USP)**, v. 14, p. 1-15, 2014.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil**. Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas pessoas Brasília: PNUD; 2017.

REVERDITO, R. S. SCAGLIA, A. J. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: possibilidades para o convívio com o esporte no contexto escolar. SILVA, J, V, P. da; GONÇALVES-SILVA, L. L.; MOREIRA, W. W. (Orgs.). **Educação Física e seus diversos olhares**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2016. p. 249-277.

REVERDITO, R. S; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p.600-610, 2009.

RIGO, L.C; GUIDOTTI, F. G. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 29, n. 3, p. 173-188, 2008.

RUBIO, K. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019.

RUBIO, K. SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Ano V, n.11, 1999/2.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, n. 17 (S1.A), p. 27-38. 2017.

SETANI, S. G; GALATTI, L. R; MACHADO, G. V. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

SILVA, B. S.; SOUZA, A. C. F. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, n. e 2023, 2020.

SILVA, G. C. E. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965 – 1983)**. 2015. 144f. Dissertação (Mestrado em história social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

SOUSA, E.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, 1999.

TAVARES, C. Quem dorme sonha, quem trabalha conquista. *In*: MARTIN, Mariana Z.; WENETZ, Ileana (Org.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p.135-138.

TEIXEIRA, F.L.S; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, 2013.

TENÓRIO, J. G. Esporte, lazer e BNCC: aproximações possíveis (?). **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 25, n. 1, p. 154-170, 2021.

VERLI, N. Infância, futebol, amizades e primeiras influências: jogando com meninos. *In*: MARTINS, Mariana Z.; WENETZ, Ileana (Org.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: CRV, 2020. p.145-155.

VIANA, A. E. S. **As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?** 2012. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VIANA, A. E. S. Futebol: das Questões de Gênero à Prática Pedagógica. **Conexões**, v. 6, ed. especial, p. 640-648, 2008.

6. CAPÍTULO II - PERFIL DAS PARTICIPANTES DA MODALIDADE FUTSAL NOS JOGOS ESCOLARES DA JUVENTUDE DO ESTADO DE MATO GROSSO ENTRE 2016 - 2019.

6.1. RESUMO

O objetivo deste estudo foi apresentar o perfil sociodemográfico de meninas praticantes da modalidade futsal no estado de Mato Grosso. As participantes do estudo são jovens atletas que participaram dos Jogos Escolares da Juventude, nas categorias B (12 anos a 14 anos) e A (15 anos a 17 anos) nos anos de 2016 a 2019. Os resultados nos apontam que as jovens atletas são em sua maioria pardas e com uma iniciação esportiva e competitiva dentro do apontado na literatura sobre a iniciação da participação das mulheres no futebol/futsal em nosso país. O estudo nos permite entender que essas jovens têm como experiência esportiva o futsal como principal modalidade, sem uma diversificação esportiva. Ao pensarmos em marcadores sociais, a maioria dessas meninas residem sem a presença paterna e com média de 4 a 6 pessoas na mesma residência.

Palavras-chave: Futsal Feminino. Perfil de atletas. Perfil sociodemográfico.

6.2. INTRODUÇÃO

No Brasil, é comum observar o futebol sendo jogado e assistido com empolgação por grande parte da população, seja nos campos, quadras, areias, ruas ou em qualquer local que a imaginação do brasileiro consiga improvisar (DAMO, 2019). Reputado mundialmente como uma das características da nossa nação, o futebol vem conquistando ao redor do mundo grande relevância social, cultural e mercadológica (GUTERMAN, 2009; OLIVEIRA, 2020; VASQUES, 2010). Dentro dos “futebóis” jogados em nosso país o futsal se destaca. A modalidade, que surgiu no Uruguai em 1932, conquistou mais de 12 milhões de adeptos pelo mundo, sendo o esporte mais praticado nas escolas do Brasil e por crianças em idade escolar (HABINOSKI *et al.*, 2021; VOSER; GIUSTI, 2015; SOUSA *et al.*, 2021; COSTA *et al.*, 2018; DAMO, 2019).

Com intenção de aprofundamento sobre o fenômeno, estudos vêm sendo realizados a fim de traçar o perfil de praticantes da modalidade, seja nos aspectos técnicos/táticos (BRANCHER, 2021; SANTANA, 2012), desempenho físico e motor dos atletas (BONFANTE *et al.*, 2012; LEVANDOSKI *et al.*, 2007), nutricional (BATALHA *et al.*, 2019; BARBOSA *et al.*, 2019), dos fatores motivacionais (VOSER *et al.*, 2016). Ainda, mais recentemente, busca-se compreender os fatores sociodemográficos e socioeconômicos (SOUZA; MARTINS, 2018;

MARTINS *et al.*, 2021), entendendo que esses fatores têm relação direta com o desenvolver na modalidade (DE BOSSCHER *et al.*, 2009).

Considerando o fato do Brasil ser um país com dimensão territorial continental, entendemos a necessidade de identificar o perfil das praticantes em seus contextos. Com isso, nosso estudo foi realizado com meninas da modalidade futsal participantes dos Jogos Escolares da Juventude (JEJ) em Mato Grosso (MT). Santana e Reis (2003), Martins (2012) e Souza e Martins (2018) realizaram estudos semelhantes com jovens dos estados do Paraná, Minas e São Paulo. Os autores em suas conclusões evidenciaram a necessidade da aplicação de estudos semelhantes em outras regiões do país.

O ingresso de meninas e mulheres em práticas esportivas não foi uma simples jornada, havendo até mesmo proibição, via Decreto-Lei no ano de 1941 pelo Conselho Nacional de Desportos. O decreto proibia as mulheres de praticarem algumas modalidades esportivas, dentre elas o futebol e futsal, tirando-as a “permissão” de praticar a modalidade vista como símbolo nacional (FRANZINI, 2005; GALATTI; 2021). Fato que evidencia os enraizamentos de uma sociedade androcêntrica, onde diferentes formas de preconceitos, um universo esportivo voltado para os homens e a falta de estímulos por parte das famílias em envolver meninas nos ambientes esportivos, são alguns dos fatores que as distanciam e insistem em distanciá-las do universo esportivo (VIANA, 2008). Reverberando a generificação (re)produzida culturalmente, a qual posiciona homens e mulheres de formas distintas na sociedade, julgando aqueles que ‘fogem’ do desenho por eles idealizado, mantendo-se como maiores rivais para que meninas e mulheres ‘entrem em campo’ (MEYER, 2003; JUNIOR *et al.*, 2019).

O momento atual é de afirmação de espaço e crescimento da modalidade, podendo ser percebido pela quantidade de jogos que hoje conseguem ser assistidos pela mídia televisiva aberta, fechada e alternativa, tanto de futebol quanto de futsal de mulheres (MAZO, 2020; GONÇALVES, 2021). Vale ressaltar que elas estão a décadas ocupando os campos, ruas, areias e quadras, até mesmo quando foram proibidas, proporcionando a partir dessa resistência o momento atual (BONFIM, 2019; GOELLNER, 2021). No campo acadêmico, pesquisas vêm sendo realizadas com o propósito de entender como essas meninas/mulheres experienciaram o jogo com bola nos pés nesse percurso histórico, evidenciando que a escola e Bressane a rua são os espaços que possibilitam os primeiros contatos das meninas com o jogo (MARTINS *et al.*, 2018; MARTINS, 2013; COSTA *et al.*, 2018; ALTMANN; BALDY, 2013). No contexto escolar, os Jogos Escolares da Juventude é um dos principais eventos e representação da participação esportiva, sendo realizado desde os anos de 1960 no Brasil, tendo o futsal como uma das modalidades.

O evento foi construído com o intuito de se ter uma competição escolar de abrangência nacional, na qual pudesse favorecer a integração e descobrir talentos esportivos (ARANTES *et al.*, 2012). Desde a inserção da modalidade futsal em sua programação, o evento vem sendo um importante meio de acesso ao esporte e as competições para adolescentes de todo território nacional. Segundo Bressan *et al.* (2019), no estado de Mato Grosso, os jogos envolvem cerca de 1500 alunos por etapa, o que faz do evento um importante espaço para a inserção de meninas na prática do futsal e de seus aspectos competitivos.

Estudos realizados por Souza e Martins (2018), Lima (2018) e Galatti *et al.* (2021), entendem a necessidade de buscar compreender as mulheres nos esportes para além dos aspectos históricos, fisiológicos, táticos e psicológicos, visando compreender os marcadores sociais e como eles interferem nas experiências do jogo. Com isso, o nosso estudo tem como objetivo identificar o perfil sociodemográfico das jovens futebolistas do estado de Mato Grosso. Considerando as dimensões do estado e suas características regionais, os resultados oferecem importantes informações para a compreensão sobre a participação das meninas e mulheres no futsal.

6.3. MATERIAIS E MÉTODOS

6.3.1. Participantes

Participaram do estudo, 515 jovens atletas, do gênero feminino, na fase estadual dos Jogos Escolares da Juventude (JEJ) do Estado de Mato Grosso/Brasil, das categorias B (entre 12 e 14 anos) e A (15 a 17 anos) na modalidade de futsal entre os anos de 2016, 2017 e 2019. Os dados são parte do estudo longitudinal ‘A experiência e percurso dos jovens atletas do estado de Mato Grosso no esporte: estudo longitudinal e multidimensional (FAPEMAT.0590374/2016)’.

Os JEJ são uma ação do Comitê Olímpico Brasileiro para promoção do esporte no contexto escolar, desenvolvido em 4 fases: fase municipal – evento entre as escolas no município; fase regional – escolas campeãs na fase municipal; fase estadual – escolas campeãs da fase regional; fase nacional – escolas campeãs da fase estadual. Em Mato Grosso a organização atual dos Jogos Escolares da Juventude é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Lazer (Secel).

6.3.2. Procedimentos para coleta dos dados e tratamento dos dados

Foi realizado contato com a organização do evento e treinadores para apresentar os objetivos da investigação e procedimentos para coleta dos dados. O questionário foi aplicado individualmente aos atletas, em ambiente reservado e silencioso, entre o primeiro e segundo jogo do evento esportivo. As jovens foram orientadas sobre como responder, bem como a prestar o máximo de atenção e serem sinceras ao registrar suas respostas. Durante o preenchimento dos questionários não houve intervenção. Para padronizar o processo e garantir padrões éticos e científicos, a equipe de pesquisa foi treinada em procedimentos de coleta de dados anteriormente à realização desta coleta. Em relação à livre e espontânea participação nos estudos, os atletas e seus respectivos responsáveis manifestaram consentimento livre e esclarecido. O estudo foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Mato Grosso (CAAE: 55729716.7.0000.5166). Os dados foram tratados por meio de estatística descritiva por frequência absoluta e relativa.

6.3.3. Resultados e Discussão

Observamos que nos anos avaliados (Tabela 1) a grande maioria das alunas frequentavam a rede estadual de ensino, tendo uma minoria frequentando a rede privada e poucas meninas frequentando a rede municipal. A idade é um fator de interferência para que haja poucas alunas frequentando a rede municipal, pois nessa etapa as alunas já estão frequentando o Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º, 9º) e Ensino Médio (1º, 2º, 3º), atendidos em regra pela rede estadual de ensino. Dados da Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão (SEPLAG) de 2019 nos mostram que o Estado de Mato Grosso atendia cerca de 878.515 alunos, distribuídos na: Rede estadual (45,1%); Rede municipal (42,1%); Rede Federal (0,8%) e Rede particular (12%), reforçando as redes estadual e municipal como os principais acessos à educação para os jovens no estado de Mato Grosso.

Tabela 1 - Rede de Ensino Frequentada.

Rede de Ensino Frequentada		Ano Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Rede de ensino	Estadual	180	90,9	129	83,2	136	84,0
	Municipal	0	0,0	17	11,0	0	0,0

Privada	18	9,1	9	5,8	26	16,0
---------	----	-----	---	-----	----	------

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 2, usamos como parâmetro o conceito do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2015), o qual utiliza cor e raça para investigar a identificação étnico-racial da população. Os dados da pesquisa, tanto para o ano de 2017 (65,2%) quanto para o de 2019 (62,3%), indicou que a grande maioria das jovens jogadoras se identificam como pardas. Dados do IBGE (2019) trazem que 58,3% da população Mato-grossense é parda, sendo superior a população nacional (46,8%). Uma pesquisa realizada por Martins *et al.* (2021), na qual observou-se dados semelhantes, com mulheres que jogam futebol no Brasil, destaque que o futebol de mulheres em nosso país tem classe e raça, pois a maioria das praticantes se identificam como mulheres negras e de classe social menos favorecidas.

Tabela 2 - Cor/Raça.

Cor/Raça.	Ano Avaliação					
	2016		2017		2019	
	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Branca	0	0,0	32	20,6	32	19,8
Preta	0	0,0	17	11,0	27	16,7
Raça/Cor						
Parda	0	0,0	101	65,2	101	62,3
Amarela	0	0,0	2	1,3	1	0,6
Indígena	0	0,0	3	1,9	1	0,6

Fonte: Elaborada pela autora.

Fazendo uma relação com nosso estudo, 11% (2017) e 16,7% (2019) das meninas que jogam futsal em MT se identificaram como negras, sendo um percentual menor do que meninas pardas e brancas. Gomes (2021) retrata a discussão de pesquisadores que discutem o conceito de raça/cor adotado pelo IBGE no Brasil, defendendo que os pardos e pretos formam a população negra do nosso país, pois sofrem das mesmas desigualdades sociais. Levantando a reflexão sobre o se identificar pardas por parte de mais de 60% das meninas em Mato Grosso, Silva e Leão (2012) cita em seu estudo que apesar de pretos e pardos obterem condições socioeconômicas parecidas, a identificação racial está ligada a percepção de discriminação racial, conscientização política e cultural.

Com isso, os dados evidenciam que a grande maioria das meninas praticantes do futsal em nosso estado se identificam como pardas, uma característica de mais da metade da

população do estado e do Brasil, segundo os dados do IBGE. No entanto, não podemos desconsiderar o questionamento feito por Gomes (2021) e Silva e Leão (2012) sobre como essas jovens se identificam quando se trata dos enfrentamentos sociais. Logo, ocorre a necessidade de outros estudos sobre o tema no âmbito do futebol de mulheres.

Em relação ao tempo de prática esportiva (Tabela 3), a maioria das meninas relatam que já vivenciam a modalidade entre os 3 a 5 anos. No entanto, o dado não especifica se é tempo de experiência dentro da prática deliberada ou em forma de jogo deliberado. Os dados revelam um período de experiência considerável, partindo de que as meninas se encontram entre 12 e 17 anos, indicando um início de prática entre os 10 e 14 anos que corrobora com a média de idade de estudos anteriores, como o de Costa *et al.* (2018), Martins (2013), Martins *et al.* (2018) e Altman e Baldy (2013). Para Reverdito *et al.* (2020) quanto maior o tempo que os jovens se mantêm engajados em uma atividade, maior será o comprometimento e seu envolvimento.

Tabela 3 - Tempo de prática esportiva.

Tempo de prática esportiva.		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Experiência esportiva	≤ 2 anos	90	46,1	56	36,8	52	33,3
	3 a 5 anos	64	32,8	62	40,8	61	39,1
	6 a 8 anos	300	15,4	27	17,8	34	21,8
	≥ 9 anos	11	5,6	7	4,6	9	5,8
Já participou de outras competições?	Estadual	0	0,0	66	43,1	72	45,0
	Nacional	0	0,0	5	3,3	13	8,1
	Internacional	0	0,0	0	0,0	1	0,6
	Primeira Competição	0	0,0	82	53,6	74	46,2

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao olharmos os 3 anos avaliados nessa variável, podemos ver a evolução no tempo de prática a cada ano, o que leva a considerar que essas jovens vêm tendo uma sequência na prática da modalidade, e que possivelmente participaram dos Jogos Escolares em anos subsequentes. Para Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016) o envolvimento a longo tempo na modalidade está

relacionado com o engajamento pessoal, as relações estabelecidas e o contexto. No desenvolvimento a longo prazo, a forma como essa experiência é proporcionada para o atleta deverá colaborar para um amplo desenvolvimento das jovens atletas (CÔTÉ; TURNIDGE; EVANS, 2014). Estudando um programa esportivo juvenil, Reverdito *et al.* (2020) constatou que a continuidade do programa, juntamente com a competência profissional dos treinadores são fatores que podem vir a favorecer na percepção de desenvolvimento positivo dos jovens. O apoio familiar, as relações estabelecidas entre treinador/treinadora atletas e colegas de equipe, interferem positiva ou negativamente para a sequência das jovens no esporte (CREMADES, 2013; FOLLE *et al.*, 2018).

Tratando do aspecto da iniciação esportiva dessas meninas, o tempo relativo de iniciação não nos permite compreender com exatidão sobre em qual momento começaram a desfrutar da modalidade de maneira formal. Porém o tempo relativo de experiência com a modalidade e os dados sobre experiência competitiva sugere que elas possam ter iniciado o jogo no seu aspecto formal entre 12 e 15 anos, o que vai de encontro com o recomendado pela literatura (SANTANA, 2010; BARBANTE, 2005).

Quando olhamos esses dados pelo aspecto competitivo (Tabela 3), 53,6% (2017) e 46,2% (2019) relatam estar em sua primeira competição, enquanto 43,1% (2017) e 45% (2019) das meninas responderam que já disputaram campeonatos dentro do campo estadual.. Autores como Scaglia e Gomes (2005) e Reverdito *et al.*, (2008) entendem a competição como um elemento fundamental do esporte, sendo o fator que traz sentido e significado para a sua prática, mas alertam para o modelo de competição, devendo haver cuidados com os modelos competitivos nessa fase.

Entendemos que essas meninas estão iniciando na modalidade de maneira formal e nas competições no mesmo período, assim como em outros estudos dentro do futsal/futebol de mulheres (COSTA *et al.*, 2018; MARTINS *et al.*, 2021; MASCARIN *et al.*, 2019). A permanência e engajamento na modalidade dependerá dos processos ao longo de suas experiências. Autores como Bettega *et al.* (2018), Lima (2018) e Oliveira (2020), consideram que a formação no esporte deve proporcionar conhecimentos interpessoais, intrapessoais e profissional, sendo capaz de promover qualidade na prática esportiva e condições para sua permanência, além de condições para o engajamento em outros espaços.

Ao serem perguntadas sobre experiências em outras práticas esportivas e/ou de lazer (Tabela 4), as meninas fizeram as seguintes indicações: mais de 95% delas participam das aulas de educação física, sendo que apenas 24% (2017) e 35% (2019) tiveram participação em

projetos não esportivos, e mais de 80% dessas meninas treinam apenas futsal. Esses aspectos indicam que há uma especialização na modalidade, sem diversificação de práticas esportivas.

Tabela 4 - Participação Esportiva.

Participação Esportiva.		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Participa das aulas de Educação Física na Escola	Sim	0	0,0	148	96,7	153	100%
	Não	0	0,0	5	3,3	0	0
Além de Atividades Esportivas Participa de Outros Projetos?	Sim	0	0,0	37	24	35	21,6
	Não	0	0,0	118	76	127	78,4
Você Treina Outra Modalidade Esportiva	Sim	0	0,0	28	18,3	24	15,2
	Não	0	0,0	125	81,7	134	84,8

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados mostram a ausência de uma variabilidade de vivências em outras modalidades e atividades. A literatura indica que uma variabilidade de jogo deliberado nos anos de diversificação (até 12 anos) e um equilíbrio entre prática deliberada e jogo deliberado nos anos de especialização (13 a 15 anos), colaboram para o desenvolvimento físico, motor e emocional das jovens (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003). Essa alternância de atividades só pode ser percebida no dado que aponta grande participação nas aulas de educação física. A ausência da prática de outras atividades para além da prática do futsal surge como um fator que pode interferir tanto no desenvolvimento dos aspectos técnicos e físicos do jogo, por uma ausência do jogo deliberado e de práticas variadas, como pelo aspecto emocional, que pode levar a um estresse psicológico dentro da modalidade, ou ausência de motivação para a sequência esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; MARQUES *et. al.*, 2014).

Na tabela 5 observamos o grau de escolaridade familiar. O ensino médio aparece com maior porcentagem, tanto para os pais (18,3% em 2017 e 18,8% em 2019) quanto para as mães (20,5% em 2017 e 26,9% em 2019). Ao relatar o grau de escolaridade no ensino superior, notamos que a porcentagem maior de frequência é das mães, que também possuem maior frequência no ensino médio. Fato que vai ao encontro com os dados nacionais, os quais mostram que as mulheres possuem maior grau de escolaridade do que os homens, mas que apesar disso elas permanecem com menores chances de conseguir um emprego (GLANCE, 2019).

Tabela 5 - Escolaridade dos Pais.

Escolaridade dos Pais.		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Escolaridade do pai	Fundamental I completo	0	0,0	17	11,1	11	6,9
	Fundamental II completo	0	0,0	14	9,2	12	7,5
	Ensino médio completo	0	0,0	28	18,3	30	18,8
	Ensino superior completo	0	0,0	15	9,8	9	5,6
	Não frequentou escola	0	0,0	11	7,2	1	0,6
Escolaridade da mãe	Fundamental I completo	0	0,0	17	11,3	10	6,2
	Fundamental II completo	0	0,0	8	5,3	14	8,8
	Ensino médio completo	0	0,0	31	20,5	43	26,9
	Ensino superior completo	0	0,0	25	16,6	16	10,0
	Não frequentou escola	0	0,0	3	2,0	1	0,6
	Não sei	0	0,0	67	44,4	76	47,5

Fonte: Elaborada pela autora.

Pires (2015) mostra que a renda e escolaridade se associam, trazendo que a maioria dos indivíduos fazem parte do mesmo subgrupo. O pai ou mãe com até 4ª série do Ensino Fundamental possui renda mensal familiar até 1,5 salários mínimos, já o pai ou mãe com Ensino Superior ou Pós-graduação possuem renda mensal familiar acima de 20 salários mínimos. Souza e Martins (2018) relata em seu estudo que muitas das jovens tinham bolsa de estudo como parte da sua remuneração como futebolista, e que esse era um fator considerado importante para elas, visto que ao olhar o grau de escolaridade familiar dessas jovens, muitas seriam as primeiras a ter ensino superior em sua família. O mesmo ocorreu no estudo de Galatti *et al.* (2021) com jogadoras de basquete, evidenciando o fato de que a bolsa obtida no ensino superior é um fator que prospectivamente a carreira esportiva às possibilita seguir outra carreira, ou até mesmo uma carreira dupla (jogar e trabalhar), como mostrado no estudo de Souza e Martins (2018). Em relação às jovens atletas de futsal do estado de Mato Grosso, podemos destacar a escolaridade familiar como um importante indicador, visto que todas já se encontram cursando o ensino fundamental II e ensino médio.

Em relação à moradia (Tabela 6), a maioria das participantes responderam que residem em casa própria com a família (65,2%, 67,9%). Dados do IBGE (2019) indicam que 74,5% da população nacional residem em casa própria, com o aumento gradual desse percentual através dos anos de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad).

Tabela 6 - Moradia.

Moradia	Ano de Avaliação						
	2016		2017		2019		
	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	
Casa onde mora com sua família	Própria	0	0,0	101	65,2	110	67,9
	Alugada	0	0,0	47	30,3	44	27,2
	Cedida	0	0,0	3	1,9	6	3,7

Fonte: Elaborada pela autora.

Em relação aos moradores na residência (Tabela 7), os dados indicam que mais de 66,4% (2017) e 62,1% (2019) das atletas moram com 4 ou mais pessoas. Mesmo sendo alto o número de residentes por moradia, o que chama a atenção é que ao responderem sobre residir com o pai, os resultados indicam que menos da metade, 40,6% (2017) e 48,8% (2019), moram com a figura paterna, porém, quando a pergunta é sobre morar com a mãe, os dados sobem drasticamente, 81,3% (2017) e 77,8% (2019) respectivamente.

Esses dados nos mostram que um número expressivo das meninas não residem com a figura paterna, dado que vai de encontro com os dados do IBGE (2019) no contexto nacional, onde cerca de 12 milhões de mães chefiam lares sozinhas, sem o apoio dos pais. Ainda, mais de 57% vivem abaixo da linha da pobreza. Segundo Brauner (2015), na América Latina 38% das famílias pobres na América Latina dirigidas por mulheres. Índices que levam a necessidade de aprofundamento em pesquisas futuras no que diz respeito aos marcadores da condição financeira dessas famílias.

Tabela 7 - Moradores da residência.

		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Com você, quantos moram na sua residência?	≤ 3 pessoas	0	0,0	40	25,8	43	26,7
	04-06 pessoas	0	0,0	103	66,4	100	62,1
	≥ 7 pessoas	0	0,0	12	7,7	18	11,2
Reside com a/o(s) irmã/o (s)	Sim	0	0,0	114	73,5	121	74,7
	Não	0	0,0	41	26,5	41	25,3
Reside com o pai	Sim	0	0,0	92	59,4	83	51,2

	Não	0	0,0	63	40,6	79	48,8
Reside com a mãe	Sim	0	0,0	126	81,3	126	77,8
	Não	0	0,0	29	18,7	36	22,2
Reside com outro(s) familiar(res)	Sim	0	0,0	22	14,2	32	19,9
	Não	0	0,0	133	85,8	129	80,1

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 8, ao serem questionadas sobre possíveis dificuldades há um conflito nas respostas, na variável em que se questiona se a percepção sobre sofrer dificuldades obtivemos os seguintes dados: No ano de 2017, 65,4% responderam que não sofrem dificuldades para a prática esportiva. Já em 2019 53% das meninas consideram que sofrem dificuldades dentro da prática, havendo uma mudança de percepção em relação a esse fator, fato que pode sofrer interferência no entendimento do que é dificuldade pelo tempo de experiência, visto que do ano 2017 para 2019 a um tempo hábil para novos aprendizados e mudanças de percepções.

Tabela 8 - Principais Dificuldades.

Principais Dificuldades.		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Não ter apoio do município	Sim	0	0,0	41	27	32	20
	Não	0	0,0	112	73	128	80
Morar distante do Local de Treino	Sim	0	0,0	38	25	35	21,6
	Não	0	0,0	115	75	127	78,4
Conseguir Viajar Para Jogos	Sim	0	0,0	23	15	11	7
	Não	0	0,0	130	85	148	93
Não Ter Recurso Financeiro para comprar Material de Treino/competição	Sim	0	0,0	11	7	20	12,5
	Não	0	0,0	142	93	140	87,5
Não Tenho Dificuldade	Sim	0	0,0	47	34,6	85	53
	Não	0	0,0	89	65,4	75	47

Fonte: Elaborada pela autora.

A tabela 9 refere-se ao apoio/suporte percebido em relação aos pais/responsáveis. Quando perguntadas sobre o acompanhamento do desenvolvimento esportivo, mais de 85% das meninas relatam que há acompanhamento, os dados também apontam porcentagens de mais de 50% nas variáveis de ajuda financeira e incentivo a viagens. Os dados evidenciaram que pouco mais de 40% dos pais acompanham os jogos quando são realizados na cidade, menos de 18%

acompanham os treinos e menos de 45% procura saber do desempenho esportivo com o treinador.

Tabela 9 - Apoio que recebe dos pais ou responsáveis.

Apoio que recebe dos pais ou responsável.		Ano de Avaliação					
		2016		2017		2019	
		FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)	FA (n)	FR (%)
Não acompanham o meu desenvolvimento	Sim	0	0,0	15	9,7	23	14,4
	Não	0	0,0	140	90,3	137	85,6
Me apoiam financeiramente	Sim	0	0,0	85	54,8	91	57
	Não	0	0,0	70	45,2	69	43
Vão assistir aos treinos da equipe	Sim	0	0,0	17	11	29	18
	Não	0	0,0	138	89	131	82
Costumam assistir aos jogos que acontecem na cidade	Sim	0	0,0	65	42	75	47
	Não	0	0,0	90	58	85	53
Incentivam a viajar para competições	Sim	0	0,0	83	53,5	92	57,5
	Não	0	0,0	72	46,5	68	42,5
Me Cobram Excessivamente para Ser Atleta	Sim	0	0,0	43	28	42	26
	Não	0	0,0	112	72	118	74
Acompanham Minhas Atividades Esportivas	Sim	0	0,0	53	34	50	31
	Não	0	0,0	102	66	100	70
Procuram Saber com o Treinador como está meu desempenho	Sim	0	0,0	68	44	74	46
	Não	0	0,0	87	56	86	54

Fonte: Elaborada pela autora.

Com isso, observamos que há apoio recebido dos pais ou responsáveis pela grande maioria das jovens, como mostram as variáveis de acompanhamento, suporte financeiro e incentivo a viagem, estudos de Côtê (1999) e Fraser et.al (2005) apontam o apoio familiar durante todo o envolvimento em programas esportivos como um dos principais fatores para o engajamento dos jovens na modalidade, sendo esse um fator importante para uma sequência esportiva.

A literatura nos ressalta a importância do apoio familiar no processo de desenvolvimento dos jovens no esporte, com um apoio para além do suporte financeiro, sendo o respaldo emocional e afetivo fundamental, havendo a necessidade do cuidado para que não haja uma cobrança excessiva que sobrecarregue e cause desmotivação, é preciso entendermos que esse suporte familiar pode ser percebido de maneiras diferentes por cada jovem e entendido

de maneiras diferentes pelos pais, os dados do nosso estudo demonstram que há um suporte financeiro evidente, e uma baixa porcentagem de procura de acompanhamento do desempenho esportivo, o que corrobora com a perspectiva de diferentes situações de apoios (FOLLE *et al.*, 2018; VILANI; SAMULSKI, 2002; VISSOCI *et al.*, 2013; VIEIRA *et al.*, 2013; CÔTÊ, 1999).

Como visto a variável nesse quesito de maior índice perceptível é a do suporte financeiro, outros estudos reforçam em seus resultados a importância da família no processo esportivo e destacam o apoio emocional familiar, como no estudo de Vissoci e colaboradores (2013), esse aspecto também aparece nos estudos de Galatti *et al.*, (2021), Mascarin *et al.*, (2019), Costa *et al.*, (2018) e Grolnick (2003) em que destaca a fundamental importância dos pais demonstrarem apoio aos filhos para o encorajamento dentro dos enfrentamentos esportivos, havendo a necessidade de um acompanhamento desse processo, sendo esse processo de acompanhamento o que ainda está com baixo índice de percepção por parte das jovens.

6.4. CONCLUSÃO

O objetivo nesse artigo foi informar sobre o perfil sociodemográfico das jovens futebolistas do estado de Mato Grosso, a fim de traçar um parâmetro com outros contextos nacionais. O estudo nos mostrou que são jovens em sua maioria pardas, tendo predominantemente como experiência esportiva o futsal. Ao pensarmos em marcadores sociais, a maioria dessas meninas residem sem a presença paterna/materna, e com média de 4 a 6 pessoas na mesma residência. Dentro desses aspectos sociais, podem ser consideradas jovens de classe social de baixa renda ou renda média. A formação escolar predominante dos pais é de nível médio completo. Em relação a percepção de dificuldades a um conflito dentro dessa percepção, pois a uma mudança no pensamento entre os anos, aumentando a porcentagem de entendimento sobre dificuldades para a prática. Em relação ao apoio familiar, disseram não ter acompanhamento no cotidiano de treino e jogos, mas destacaram o apoio financeiro dos pais e acompanhamento.

Com isso, concluímos que as jovens futebolistas do estado de Mato Grosso são meninas de baixo poder aquisitivo, oriundas de famílias com baixa escolaridade, porém acima da média nacional. O início na modalidade é compatível com outros estudos de futsal de mulheres, com um tempo de engajamento na modalidade superior a três anos. Destacamos a importância de pesquisas futuras em que busquem entender o perfil de jovens futebolistas em outras regiões do território nacional, para que possamos fazer uma comparação, a fim de melhorar as condições de experiências esportivas para meninas dentro do futebol.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H. REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, 2013.
- ARANTES, F. MARTINS, P. SARMENTO. Jogos Escolares Brasileiros: Reconstrução histórica. **Motricidade**, v. 8, n. S2, p. 916-924, 2012.
- BARBANTI, V. J. **Formação de Esportistas**. Barueri - SP: Manole, 2005.
- BARBOSA, A. K. DA S.; CALDAS, E. DA S.; DA SILVA, D. M. B.; ARAÚJO, M. L.; NAVARRO, A. C. Avaliação de Hábitos Alimentares de uma equipe de Futsal Feminino. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 13, n. 79, p. 283-288, 2019.
- BATALHA, T. B.; GOTTARDO, F. M.; CONDE, S. R.; ALVES, M. K. Estado Nutricional e Perfil alimentar de uma equipe escolar de Futsal feminino no município de Caxias do Sul-RS. **RBNE - Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 13, n. 79, p. 378-383, 9 set. 2019.
- BETTEGA, O. B. *et al.* Processo formativo de jovens no futebol: das transições do jogo para as transições da vida. In: BENTO, J. O.; MOREIRA, W. W.; LOUREIRO, A. C. C.; BENTO; H. C. B.; BOTELHO, R. G.; MARINHO, T. C. S. T. **Cuidar da Casa Comum: da Natureza, da Vida, da Humanidade. Oportunidades e Responsabilidades do Desporto e da Educação Física – Volume 1**, Fortaleza, 2018. p. 143-152
- BONFANTE, I. L. P; LUZ, R. M. F; LOPES, W. A. Perfil da aptidão física de equipe feminina de futsal de alto rendimento conforme função desempenhada em jogo. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.4, n.12, p.131-139, 2012.
- BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.
- BRANCHER, E. A.; LEITE, G. E.; SLOMP, N. N. A origem dos gols em jogos de futsal feminino durante os jogos abertos de Santa Catarina 2019. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 12, n. 51, p. 705-712, 2021.
- BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, 2015.
- BRESSAN, J. C. M.; SILVEIRA, V. T.; CARNEIRO, K. T.; DOS SANTOS, D. S. G. As percepções sobre violência de gênero segundo as árbitras dos jogos escolares da juventude em mato grosso. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 3, p. 31-42, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8930>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- CBFS. CBFS encerra temporada 2021 com recordes. **CBFS**, Disponível em: cbfs.com.br/post/cbfs-encerra-temporada-2021-com-numeros-recordes. Acesso em: 29/ 12/ 2021.
- COSTA, J. E. DIAS, N. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial

com futsal. **Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, v. 10, n. 41, 694-702, 2018.

CÔTÉ J., BAKER J., ABERNETHY B., From Play to Practice: A Developmental Framework for the Acquisition of Expertise in Team Sport, in: Starkes J., Ericsson K.A. (eds.), **Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise**, Human Kinetics, Champaign, IL, 2003, p. 89–114.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. *In*: Smith A, Green K, (eds.). Handbook of youth sport. London: Routledge; 2016. p. 243–56.

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v. 29, p. S63-S69, 2014.

CREMADES, J. G.; DONLON, C. J.; POZWARDOWSKI, A. Parental involvement and gender differences in the psychological profile of freshmen collegiate athletes. **Journal of Sport and Health Science**, v. 2, n. 3, p. 160-167, 2013.

DAMO, A. Futebólis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA / UFMG**, [S. 1.], v. 3, n. 3, p. 37–66, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14644>. Acesso em: 10 outubro. 2020.

DE BOSSCHER, V. Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, v.12, n. 3, p. 113-136, 2009.

FOLLE, A; NASCIMENTO, J. V; SALLES, W. N; MACIEL, L. F. P; DALLEGRAVE, E. J. Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. **Journal of Physical Education**. v. 29, e2914, 2018.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n.50, p. 315-328, 2005.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

GALATTI, L. R; FILHO, C. V. M. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27014, 2021.

GIUSTI, M.L. **Caracterização e perfil motivacional das atletas de futsal feminino de alto rendimento no Brasil**. 2014. 51f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da Mulher, Criança e Adolescente) – Centro de Ciências da Vida e da Saúde, Universidade Católica de Pelotas, 2014.

GLANCE. **Panorama da Educação: destaques do Education at a Glance 2019** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e 27001, 2021.

GOMES, G.P.S. Pretos e pardos, uni-vos. os desafios de(o) ser negro no brasil do século XXI. **Revista desenvolvimento e civilização**, v. 2, n.1, 2021.

GONÇALVES, E.P. **O futebol de mulheres na mídia**: a cobertura jornalística da copa do mundo de futebol feminino fifa 2019 nos portais globoesporte.com e dibradoras. 2009. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

GROLNICK, W. S. **The psychology of parental control**: How well-meant parenting backfires. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HABINOSKI, G; OLIVEIRA, E; JUNIOR, M.A.F. Análise da visibilidade da seleção brasileira masculina de futsal na Folha de S. Paulo em 2008, 2012 e 2016. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v.13. n.52. p.47-59, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Étnico-Raciais da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Étnico-Raciais da População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

JUNIOR, A.O.S; FREITAS, M.J.T; FÉLIX, J. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 28, n.3, p. 276-294, 2019.

LEVANDOSKI, G; CARDOSO, F.L, CIESLAK, F; CARDOSO, A.S. Perfil somatótipo, variáveis antropométricas, aptidão física e desempenho motor de atletas juvenis de futsal feminino da cidade de Ponta Grossa (Paraná – Brasil). **Fitness & Performance Journal**, vol. 6, núm. 3, mayo-junio, 2007, pag. 162-166.

LIMA, L. A. **Carreira esportiva**: um estudo com atletas de excelência. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2018.

MARQUES, R.F.R; LIMA, C.P; MORAES, C; NUNOMURA, M; SIMÕES, E.C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 28. n. 2. p. 293-304. 2014.

MARTINS, L. N. Futsal feminino: perfil das atletas nos Jogos de Minas 2012 e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 5, n. 18, 2013.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, e27006, 2021.

MARTINS, M. Z; REIS, H. H. B; CASTELLANI, R. M; SANTANA, W. C; ALTMANN, H. Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite

sul-americano. **R. bras. Ciência e Movimento**. v. 26 .n. 1. p.143-155. 2018.

MARTINS, M. Z; SILVA, B. S; SOUZA, A. C. F. Dupla carreira e mobilidade social no futsal brasileiro: diferenças entre homens e mulheres. **Journal of Physical Education**. v. 32, e3249, 2021.

MASCARIN RB, VICENTINI L, MARQUES RFR, MASCARIN RB, VICENTINI L, MARQUES RFR. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz**. V. 25. Issue 2, e101968. 2019.

MAZO, J. Z; BALARDIN, G. F. Mulheres no Futebol: Alterações no Regulamento da Conmebol E Espaço Na Mídia Televisiva. **Caminhos da História**, v.25, n.1, 2020.

MEYER, D. **Gênero e educação: teoria e prática**. In: LOURO, G. L.; *et al.* (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

OLIVEIRA, E. A. DE; REVERDITO, R. S. Panorama dos grupos de pesquisa de futebol: Cenário e temáticas estudadas no período de 2017 a 2018 no Brasil. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 12, n. 49, p. 354-363, 2020.

PIRES, A. Renda familiar e escolaridade dos pais: reflexões a partir dos microdados do ENEM 2012 do Estado de São Paulo. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 17, n. 3, p. 523–541, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8638262>.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

REVERDITO, R.S; GALATTI, L.R; STRACHAN, L; SCAGLIA, J.A. Coaching and continuity make a difference: competence effects in a youth sport program. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 20, n.4, p. 1964-1971, 2020.

SANTANA, W. C. VACARIO, E. A. Análise de faltas com barreira em jogos de futsal feminino de alto rendimento. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/15443>. Acesso em: 24 janeiro. 2022.

SANTANA, W.C; REIS, H.H.B. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira Ciência Movimento**. v. 11, n. 4. p. 45-50. 2003.

SANTANA, W.C; RIBEIRO, D.A. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas da modalidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 117, 2010.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. **O jogo e a competição: investigações preliminares**. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Orgs.). *O jogo dentro e fora da escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. p. 148-153.

SILVA, F.M; SILVA, G; MENEZES, J.A; DE ALMEIDA NETO, A.F. Perfil de lesões desportivas em atletas de futsal feminino de Marília. **ConScientiae Saúde**. v. 10. n2. p. 249-255. 2011.

- SILVA, G.M; LEÃO, L.T.S. O paradoxo da mistura: identidades, desigualdades e percepção de discriminação entre brasileiros pardos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, 2012.
- SOUZA, A. C. F; MARTINS, M. Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1, 2018.
- VASQUES, RB; GÓES, J.M.F; BRANDÃO, M.V.M.A. A carreira no futebol feminino no município do Rio de Janeiro – sucessos e fracassos. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v.9, n.2, 2010.
- VIANA, A. E. S. Futebol: das Questões de Gênero à Prática Pedagógica. **Conexões**, Campinas, SP, v. 6. p. 640-648, 2008.
- VIEIRA, L. F.; MIZOGUCHI, M. V.; GARCIA JUNIOR, E.; GARCIA, W. F. Estilos parentais e motivações em atletas jovens de futebol de campo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, 2013.
- VILANI LHP, SAMULSKI DM. **Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes**. In: Garcia ES, Lemos KLM, editores. Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health; 2002, p. 09-26.
- VISSOCI JRN, FIORDELIZE SS, OLIVEIRA LP, NASCIMENTO JR JRA. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Psicologia: Teoria e Prática** v. 15. n. 1. p. 145-156. 2013.
- VOSER, R. D. C. *et al.* A motivação para prática do futsal: um estudo com atletas na faixa etária entre 13 a 18 anos. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. São Paulo. Vol. 8. Num. 28. 2016. p. 39-45.

7. CAPÍTULO III - PERCURSO ESPORTIVO DE JOVENS MULHERES FUTEBOLISTAS NO ESTADO DE MATO GROSSO: VIVÊNCIA, SUPORTE E BARREIRAS

7.1. RESUMO

Estudos realizados na perspectiva de entender o percurso esportivo vêm ganhando destaque na literatura internacional e nacional. No entanto, a grande maioria desses estudos se dão com atletas que atingiram uma carreira esportiva de alto rendimento. O objetivo é descrever o percurso esportivo de jovens atletas, com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e analisados por meio da análise de conteúdo. Concluímos que as jovens futebolistas participantes neste estudo tiveram seus primeiros contatos com a modalidade por meio de jogo deliberado, ingressando em competições por meio dos Jogos Escolares da Juventude, durante a adolescência. Seus maiores suportes vieram através de seus pais. As barreiras para a prática são a distância dos pais, a falta de estrutura e competições. As jovens também elencaram seu percurso esportivo como um fator que as proporcionou vivências e o conhecimento de novas culturas e pessoas, estimulando uma melhora no convívio social, fazendo da prática do jogo um fator que contribui emocionalmente para suas vidas.

Palavras-chave: Percurso esportivo. Futebol Feminino. Desenvolvimento Esportivo.

7.2. INTRODUÇÃO

O esporte na contemporaneidade é um dos fenômenos mais importantes da nossa sociedade, atraindo milhões de adeptos, despertando diferentes significados e perspectivas dentro de suas experiências (GALATTI, et al 2018). O número de participantes jovens é bastante expressivo, que por vezes buscam a construção de carreiras esportivas. No entanto, apenas um número restrito atinge o alto rendimento, trazendo a necessidade de estudos que visem entender o envolvimento e desenvolvimento dos jovens no esporte (RIGONI, et al 2017; CÔTÉ; ERICKSON, 2015) que não alcançaram o alto rendimento, mas que mantém alguma nível de prática esportiva. Nesse contexto, as mulheres têm ocupado um espaço de destaque, considerando o universo esportivo e os desafios socioculturais.

A participação da mulher no universo esportivo aumentou exponencialmente, resultando em um maior número de esportistas e visibilidade, o que é fruto de um percurso de resistência e enfrentamentos frente a uma construção esportiva generificada (MEYER, 2003; RUBIO, 2019). O futebol é uma das modalidades que mais sofreu com esses pensamentos ao longo dos tempos, passando por proibições e discriminações, alcançando no atual momento um cenário que transmite sinais de evolução em sua visibilidade e perspectivas de maior organização (GOELLNER, 2021; PASSERO, 2020).

A grande participação das mulheres com a modalidade anseia por uma melhor compreensão sobre sua inserção e o desenvolvimento de seu percurso esportivo. Entendemos que o percurso no esporte é dado do início da participação esportiva até a consolidação ou não de uma carreira de alto rendimento, que perpassa por diversas situações, a qual sofre influências sociais e culturais de diferentes contextos, passando por mudanças ao longo do tempo das características biopsicossociais, das relações nos ambientes, entre outros fatores (COTÊ; VIERIMAA, 2016; BRONFENBRENNER; EVANS, 2000; STAMBULOVA *et al.*, 2009; CÔTÉ, 1999).

Esse processo atravessa diferentes estágios e transições, sucedendo por diferentes níveis de iniciação, especialização, investimento, concretização de carreira ou encerramento. Os atletas passam por longos períodos de formação, captação, seleção, treinamento e competições, além de diferentes interações, podendo ou não alcançar o alto rendimento (GALLATI, 2017, STAMBULOVA *et al.*, 2009). Estudos vêm sendo realizados sobre os impactos que a participação esportiva pode gerar em seus praticantes e os fatores que influenciam no desenvolvimento de uma carreira esportiva bem sucedida.

Este estudo parte de uma perspectiva ecológica, na qual entendemos que o processo de desenvolvimento ocorre através da interrelação entre os elementos envolvidos no sistema (pessoa, processo, contexto, tempo) e as relações e interações entre o indivíduo em desenvolvimento e seu contexto que também está em desenvolvimento, fazendo com que esse indivíduo seja influenciado pelo ambiente e acabe o influenciando, proporcionando modificações tanto na pessoa quanto no contexto a partir dessas interações (BRONFENBRENNER, 1995). Côté (1999), a partir do Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP), sugere que a formação esportiva perpassa por diferentes estágios de desenvolvimento, com características específicas em cada etapa e elementos fundamentais para o desenvolvimento no esporte, que surgem a partir de conceitos criados de jogo deliberado e prática deliberada.

O conceito de prática deliberada de Ericsson *et al.* (1993), propôs a partir de estudos com músicos considerados bem sucedidos, que prática deliberada consiste em atividades específicas de treino planejadas por um treinador/professor objetivando o aprimoramento da performance. O conceito de jogo deliberado foi criado por meio de uma adaptação para o contexto do esporte, levando em consideração características dos componentes do conceito de jogo, propostas por Smith *et al.* (1985), que sugerem que o jogo deliberado é aquele realizado por vontade própria do participante, proporcionado por motivação intrínseca; afetando

positivamente por estimular comportamentos relacionados ao divertimento, não sendo restrito aos mais habilidosos, com preocupação no processo e não nos resultados.

Os estágios da formação esportiva propostos no modelo passaram por aperfeiçoamento com o passar do tempo, podendo ser descrita em: a primeira foi a da criação do modelo; a segunda foi a aplicação das sugestões do modelo em pesquisas, o que veio a colaborar para o aperfeiçoamento do modelo, que adicionou mais uma fase de desenvolvimento (CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Na segunda fase, o modelo ficou estruturado da seguinte forma: Anos de Experimentação dos 6 aos 12 anos, em que se propõe um grande volume de jogo deliberado; Anos de Especialização dos 13 aos 15 anos, em que os jovens já dão início a prática deliberada; Anos de Investimento dos 16 aos 20 anos, em que se busca o alcance do alto rendimento; e anos de recreação, etapa em que refere àqueles que não alcançaram o alto rendimento ou não desejam atingir o nível de elite esportiva, porém continuam a se envolver com o esporte (CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

O modelo recebeu sugestões na terceira e quarta etapa, com considerações sobre as diferenças possíveis referentes a lacunas percebidas. Storm *et al.* (2011) pautam que o modelo é generalista e não considera as diferentes condições socioculturais e características individuais por parte dos participantes. Com o propósito de preencher essa lacuna, Côté, Turnnidge e Evans (2014) criaram um quadro apoiado na abordagem ecológica, com o objetivo de integrar o desenvolvimento do indivíduo em seu próprio contexto. O modelo foi nomeado Quadro de Desenvolvimento de Valores no e pelo Esporte [*Personal Assets Framework - PAF*], com os autores propondo que o envolvimento do indivíduo no esporte ao longo do tempo é influenciado pela interação entre o engajamento pessoal, as relações estabelecidas e o contexto das vivências.

Pesquisas foram realizadas internacionalmente e nacionalmente, com a intenção de entender os percursos esportivos em diferentes contextos. A literatura nacional os estudos de Lima (2018), realizado sobre a carreira esportiva com atletas da seleção brasileira campeã mundial de handebol, Collet (2018), com atletas das seleções brasileiras de voleibol feminino e masculino, e Gallati (2021) com atletas que disputam a liga nacional de basquetebol, trouxeram um olhar sobre o percurso esportivo de atletas que atingiram o alto rendimento. Ressaltamos a importância dessas pesquisas no cenário nacional, e aproveitamos a lacuna a ser explorada, sobre o percurso esportivo de atletas jovens que não alcançaram (ou ainda não alcançaram) uma carreira de alto rendimento.

Assim, neste estudo, nosso objetivo é compreender o percurso esportivo de jovens futebolistas no estado de Mato Grosso, buscando descrever as experiências no percurso esportivo, com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal. Buscamos

a compreensão de como está sendo a relação com o futsal/futebol por parte das mulheres no estado, com a finalidade de contribuir de forma prospectiva para novas experiências com a modalidade.

7.3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório, realizado retrospectivamente, sobre uma perspectiva ecológica. As participantes da pesquisa foram 11 mulheres jovens que fizeram parte de quatro equipes de futsal que chegaram com maior incidência na fase semifinal da etapa estadual dos jogos escolares da juventude no estado de Mato Grosso, entre os anos de 2017, 2018 e 2019. A identificação foi realizada a partir de boletins dos Jogos Escolares, disponíveis para acesso público na página virtual da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL).

Os dados foram coletados através de entrevistas com roteiro semiestruturado, elaborado com o propósito de responder ao objetivo do estudo e um questionário sociodemográfico, com informações prévias para suporte nas entrevistas, (MARCONI; LAKATOS, 2003). O roteiro semiestruturado para entrevista foi construído a partir da perspectiva bioecológica de desenvolvimento humano, levando em consideração a pessoa-processo-contexto-tempo, usando o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF), desenvolvido por Côté, Turnnidge e Vierimaa (2016).

Para o marco temporal do percurso durante os anos de experiências foi usado três modelos: Visão Sistêmica do Processo de Desenvolvimento dos Talentos do Atletismo no Estado do Paraná (VIEIRA, 1999); Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) (COTÊ; FRASER-THOMAS, 2007); e Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998). A partir das etapas apresentadas chegamos às fases de desenvolvimento pelas quais as jovens passaram ou poderiam ter passado em seu percurso esportivo no tempo histórico.

As entrevistas foram agendadas logo após a devolutiva do formulário respondido. As entrevistas foram realizadas de forma individual, por meio de chamadas de vídeo do aplicativo online google meet. O diálogo foi gravado, sendo informado às participantes sobre o início e da possibilidade de interrupção, não responder ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa caso houvesse vontade por parte da entrevistada.

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, todas as participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê

de Ética em Pesquisa de Humanidades da Universidade Federal de Mato Grosso, sendo aprovada pelo respectivo Comitê com número CAAE: 38990820.4.0000.5690, e sob o parecer de nº 4.470.186.

7.4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, realizada sob a perspectiva de Bardin (1979), sendo efetuada em 3 fases: 1- pré-análise; 2- exploração do material; 3- tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016; ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). Na fase de pré-análise transcrevemos as entrevistas, realizamos leitura flutuante do material coletado, identificando trechos e frases que dialogavam com os objetivos e hipóteses iniciais, com o recorte dos trechos e comentários que nos trouxeram o que pretendemos discutir. Em seguida, fizemos uso do software de análise qualitativa MAXQDA, para nos auxiliar na exploração do material.

Com os documentos alocados no software, efetuamos a leitura e recorte dos trechos. Cada material teve, no mínimo, quatro leituras, constituindo um corpus, o que proporcionou neste momento o registro dos tópicos que se destacavam na mensagem, repetição de ideias e frequência de determinadas palavras. Por meio desse processo, que evidencia inicialmente os temas para análise, chegou-se àquilo que se chama de corpus da pesquisa (BARDIN, 2016; BENITES *et al.*, 2016). No segundo momento houve a exploração do material (codificação), trazendo as chamadas unidades de registro (são palavras, frases ou temas repetidos ao longo das entrevistas e encontradas nos diferentes documentos analisados) e unidades de contexto (segmento do texto mais vasto que inclui e enquadra a unidade de registro e permitindo a sua compreensão possibilitando, a partir desse movimento, pensar nas categorias de análise) (QUEIRÓS; GRAÇA, 2013; BENITES *et al.*, 2016).

Por último, realizamos a fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação (categorização). Etapa considerada como a chave do processo na pesquisa qualitativa por contemplar as categorias de análise. As categorias dizem respeito às expectativas do investigador aos objetivos da pesquisa (BENITES *et al.*, 2016). Sendo assim, a partir de um processo rigoroso de análise dos dados, chegou-se às categorias e, dentro delas, as ideias centrais relacionadas ao tema da pesquisa, o que possibilitou as inferências, chegando às seguintes categorias: contato inicial com o futebol/futsal; suporte e barreiras no percurso esportivo; experiências positivas para a vida; continuação, interrupção e expectativas em relação à modalidade.

7.5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7.5.1. Caracterização das entrevistadas

Os dados a seguir fizeram parte do questionário sociodemográfico, respondido anteriormente às entrevistas para conhecimento prévio das entrevistadas. Do total (Quadro 1), apenas 3 mantêm a ocupação profissional como atleta. Também, chama a atenção o fato de apenas 2 estarem no ensino superior, e que até o momento da pesquisa há ainda o predomínio de uma escolaridade de nível médio incompleto (n=7).

Quadro 4 - Caracterização das entrevistadas.

Atleta	Idade	Cidade onde nasceu	Cidade onde reside	Cidade pela qual jogou os Jogos Escolares	Escolaridade	Continua Jogando	Ocupação profissional
E1	21	Carlinda-MT	Ouro Verde do Oeste - Paraná	Sorriso-MT	Ensino Médio incompleto	Sim, profissionalmente.	Atleta
E2	20	Alta floresta/Mato Grosso	Cantagalo-Paraná	Sorriso-MT	Ensino Médio completo	Sim, profissionalmente.	Atleta
E3	21	Mineiros-GO	Alto Araguaia-MT	Sorriso-MT	Ensino Superior Incompleto	Sim, amador.	Sim
E4	20	Primavera do Leste-MT	Várzea Grande-MT	Primavera do Leste-MT	Ensino Médio Incompleto	Sim, amador.	Não
E5	20	Primavera do Leste-MT	Primavera do Leste-MT	Primavera do Leste-MT	Ensino Médio Incompleto	Sim, amador.	Não
E6	20	Cuiabá-MT	Cuiabá-MT	Várzea Grande-MT	Ensino Médio Incompleto	Sim, amador.	Não
E7	20	Cuiabá-MT	Franca-SP	Várzea Grande-MT	Ensino Médio Incompleto	Sim, profissionalmente.	Atleta
E8	20	Várzea Grande-MT	Várzea Grande-MT	Várzea Grande-MT	Ensino Médio Completo	Sim, amador.	Sim
E9	20	Cuiabá-MT	Várzea Grande-MT	Várzea Grande-MT	Ensino Superior Incompleto	Não.	Sim
E10	20	Santarém-Pará	Primavera do Leste-MT	Várzea Grande-MT	Ensino Médio Incompleto	Sim, amador.	Não
E11	20	Tangará da Serra-MT	Tangará da Serra-MT	Tangará da Serra-MT	Ensino Superior Incompleto	Não	Sim

Fonte. Elaborado pela autora, a partir dos dados da pesquisa.

Legenda: E= Entrevista.

Observamos no quadro de identificação das jovens, que 7 das 11 entrevistadas ainda não terminaram o ensino médio. Visto que no momento da pesquisa todas já se encontram acima dos 18 anos, o que em um desenvolvimento escolar dentro da expectativa da educação básica o ciclo no ensino médio já deveria ter sido concluído. O estado de Mato Grosso, contexto da nossa pesquisa apresenta altos índices de evasão escolar no ensino médio, estando entre os maiores do país. Dados apresentados pelo Governo de Mato Grosso, apontam evasão escolar em 2020 de 70 mil alunos. Fatores como a necessidade de inserção no mercado de trabalho para colaborar com a renda familiar, longas distâncias das escolas, gravidez precoce e relações familiares são citados como uma das causas para esses altos índices de evasão (GOVERNO DE MATO GROSSO, 2021; SERRANI *et al.*, 2022; LEAL, 2019; PEREIRA, 2019; DUTRA, 2015).

O fato de as entrevistadas serem jovens que estiveram inseridas no esporte escolar, sugere a reflexão sobre como esse esporte está sendo desenvolvido, visto que ao longo das entrevistas elas citaram influências positivas do esporte em relação ao desenvolvimento pessoal, apontando a escola como o principal local para a vivência esportiva. Pesquisas como as de Martins *et al.* (2021), Galatti *et al.*, (2021) e Costa (2012) apresentam que a experiência no esporte proporcionou a inserção no ensino superior. Já os estudos de Serram Melo (2010), Correia (2012) e Epiphanyo (2002) com jovens atletas do futebol de homens, destacam o desafio de conciliar o cotidiano escolar com os treinamentos, tendo o abandono da escola por parte de alguns para focarem na carreira no futebol, visando o sonho não apenas de serem jogadores de futebol, mas sim de alcançar através dele uma mudança do status econômico da família, contrariando a legislação que cobra a presença no ensino básico a jovens menores de idade. Portanto, observando a escolaridade das jovens, fica o alerta para as possíveis causas da evasão escolar e sua observação em relação à prática esportiva, visto que em outros contextos a vivência esportiva surgiu como um fator que colaborou para a escolarização de jovens atletas, mas no contexto da nossa pesquisa o fato não foi observado.

7.5.2. Contato inicial com o futebol/futsal

Estudos de Altmann e Reis (2013), Santana e Reis (2003), Costa *et al.* (2018), Martins (2013) e Mascarin *et al.* (2019) indicam que em sua maioria as meninas tiveram o contato inicial com o futebol/futsal nas ruas, em casa e com meninos. Observamos nas falas das entrevistadas que embora tenham se passado anos das pesquisas citadas e de se tratar de um contexto

diferente, as possibilidades de inserção das jovens na modalidade se assemelha, como podemos visualizar nas falas a seguir:

E01: Eu comecei a jogar com as amigas em casa.

E04: [...] eu brincava de bola lá na rua de casa.

E06: [...] na rua com as “gurizadinha”.

E05: [...] foi na escola.

E07: [...] na escola junto com os meninos.

E10: Matéria de educação física, só na brincadeira [...]

A ausência de escolas de iniciação esportiva para meninas é perceptível quando observamos os locais que essas jovens conseguem obter seu contato inicial com o futebol/futsal. Apenas uma citou ter iniciado em uma escola de iniciação ao futebol, ambiente esse formado por meninos. Fato que nos mostra a importância das ruas e da escola para a inserção no universo futebolístico por parte das mulheres, sendo esses os espaços citados como possibilitadores de um contato inicial com o jogo. Atualmente essa perspectiva vem se alterando, a mídia alternativa e televisiva mostra à procura de meninas por espaços para treinamento, sendo possível observar o surgimento de escolas de iniciação voltadas ao ensino do futebol para meninas e as meninas reivindicando sua participação entre os meninos (GLOBO ESPORTE, 2019).

Um dos fatores que podem vir a ter colaborado para essa perspectiva é a maior projeção midiática de jogadoras de futebol na figura de ídolo e sua representatividade, como por exemplo a Marta (JANUÁRIO, 2017). Outro fator que entendemos estar influenciando é a criação de campeonatos nacionais e internacionais para as categorias de base pela confederação nacional de futebol e federações estaduais, impulsionados pela alteração de regras realizados pela CONMEBOL, tendo como consequência o surgimento de novas equipes e aumentando os locais possíveis para meninas ingressarem na modalidade (MAZO, 2020; ALMEIDA, 2019)

As falas também nos permitem entender que a maioria das jovens teve seu contato inicial com o jogo dentro da fase elencada pelo nosso marco temporal como “fase 1 de práticas variadas”, entre os 6 e 12 anos de idade. A forma inicial de contato com o jogo teve seu início em espaços informais, por meio do jogo deliberado (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). O jogo deliberado se caracteriza como um conjunto de experiências de movimentos de forma espontânea e autônoma, por meio de diferentes jogos e brincadeiras praticados em espaços informais como: nas ruas, parques, com normas determinadas e reguladas pelos próprios praticantes (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). A literatura destaca como fator importante para o engajamento na modalidade e aquisição

habilidades motoras básicas, que darão suporte para suas experiências em fases futuras do percurso esportivo. O jogo deliberado é indicado de maneira predominante dentro da fase de diversificação (até os 12 anos) (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; STRACHAN; FRASER-THOMAS, 2008).

7.5.3. Experiências competitivas

Quando questionadas sobre suas experiências competitivas, as jovens citaram suas primeiras competições e dos eventos que se recordam ter participado até o momento da pesquisa:

E01: Sim, dos escolares, municipal e o regional [...]

E02: [...] me chamou para jogar os escolares [...]

E03: [...] joguei dois anos dos jogos escolares, brasileiro, centro américa.

E04: A primeira competição de verdade mesmo foi o escolar e o regional de campo [...]

E06: A do estudantis escolares, TV Centro América, regional, estadual.

E07: [...] 13 anos e comecei a disputar vários campeonatos pelo Mixto e pela escola [...] com quinze anos eu fui convocada pra seleção brasileira sub-dezessete

E08: [...] Estudantil e Centro América [...]

E09: [...] estudantil, a gente foi campeão, aí a gente foi pro regional, a gente também foi campeão, aí a gente foi pro estadual e a gente foi campeão, aí em setembro do mesmo ano a gente foi pro brasileiro que foi em Fortaleza aí a gente conseguiu ser campeão também [...]

E10: [...] dos jogos escolares, taça, teve a liga, várias competições.

E11: [...] equipe escolar, no estadual. [...] campeonato brasileiro de campo pelo Mixto de Cuiabá.

Notamos nas falas que a maioria das meninas citam os Jogos Escolares da Juventude como o campeonato de sua inserção no universo das competições. Em relação a etapa, essas meninas se encontravam na “fase 2”, em torno de 12 e 15 anos de idade, o que sugere que essas jovens deram início à prática deliberada nesse momento, como proposto por Côté e Hancock (2014). Outra evidência encontrada é que dentro do contexto do estado de Mato Grosso, o esporte escolar se mostra fundamental dentro do percurso esportivo destas jovens, não só como um local que permite a prática da modalidade, mas também com a possibilidade de introduzi-las no ambiente das competições.

Ao compararmos com o estudo realizado por Souza e Martins *et al.* (2018), com atletas do estado de São Paulo, notamos uma evidente diferença das estruturas esportivas entre os contextos de prática, visto que as primeiras competições citadas eram no contexto de clubes esportivos. No entanto, o mesmo estudo cita a média de idade de inserção em competições

similar ao nosso estudo, assim como o estudo de Santana e Reis (2003), realizado com atletas do estado do Paraná, o qual também evidencia a adolescência como a fase de inserção nas competições. Mascarin *et al.* (2019) retrata a ausência de competições no cenário nacional, sendo esse um fator que influencia tanto na inserção nas competições, quanto na manutenção dentro desse contexto.

7.5.4. Suportes e barreiras no percurso esportivo

O percurso esportivo caracterizado pelos processos vividos por cada indivíduo dentro de suas experiências no esporte sofre influências e influencia o ambiente em que está inserido (BRONFENBRENNER, 1996). Por essa razão, no decorrer do percurso dentro do esporte, alguns fatores causam interferências que podem influenciar de forma positiva ou negativa nas trajetórias esportivas. Ao serem questionadas sobre o que acreditavam ser importante para a inserção e manutenção no futebol/futsal, obtivemos as seguintes respostas:

E01: “Acho que minha família me apoiando e confiando em mim”.

E02: “Sempre tive apoio da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos. Todos os familiares sempre me apoiaram, nunca me criticaram e sempre estavam ali do meu lado”.

E03: “Meu pai desde sempre me apoiava muito”.

E04: “Meu pai sempre foi fanático com futsal, futebol. Minha mãe também apoia, porque meus irmãos também jogam”.

E05: “Ele sempre me apoiou, [...] e foi indo assim ele me dando incentivo [...]”.

E07: “Meus pais e meus amigos também. Desde quando eu jogava com os moleques eles sempre me apoiavam”. “[...] eu tive o meu treinador, ele sempre me ajudou em tudo em tudo mesmo, até porque eu era uma pessoa muito difícil de lidar”

E09: “Meu pai pela paixão pela bola ele não deixou a gente desistir, e é claro o próprio treinador”.

E10: “Meu pai me apoia muito” [...] o treinador me acolheu de uma forma única.

E11: “O meu pai me apoiava bastante, gostava que eu jogasse”.

As falas das jovens trazem grande destaque sobre a importância da figura paterna, como maior incentivador, juntamente com o apoio das mães, familiares, amigos e treinador. A qualidade das relações com a família e amigos, é elencada como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento esportivo dentro do PAF (*Personal Assets Framework*) – Quadro de desenvolvimento de valores criado por Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Côté (1999), Durand-Bush e Salmela (2002), Bloom (1985) e Folle *et al.* (2018) ressaltam a importância dos pais no desenvolvimento esportivo dos atletas, principalmente nas fases de experimentação e nos anos de especialização. O apoio apropriado dos pais é um ponto

importante para o engajamento e confiança dentro do esporte. Ainda, o suporte financeiro, emocional e o encorajamento dos pais é citado como fundamental (VISSOCI, 2009; SERPA *et al.*, 2004)

Relacionando as informações dadas pelas jovens sobre o apoio familiar nas entrevistas, com os dados do capítulo anterior, notamos que nas falas das jovens dentro da entrevista está presente o acompanhamento e apoio emocional por parte dos pais para além do apoio financeiro, que foi o maior suporte percebido por parte das jovens nos dados coletados anteriormente. Holt *et al.* (2008) e Moraes *et al.* (2004) destacam em seus estudos que não há um padrão definido em relação ao suporte parental, e que esse suporte é influenciado por idade, nível de desempenho e, como constatou o estudo de Vissoci *et al.*, (2013), de gênero. Com isso percebemos que as jovens perceberam diferentes formas de suportes durante suas experiências, e que por mais que houvesse essas divergências, sempre houve a percepção da presença desse apoio.

A presença da figura paterna aparece com maior frequência, como sendo seu principal ponto de apoio. Vissoci e colaboradores (2013), em pesquisa realizada com atletas de futsal, conclui que os pais e filhas têm uma relação bem próxima e intensa, contribuindo para o desenvolvimento das atletas, tanto no esporte quanto de forma pessoal. O mesmo estudo reforça a importância das relações com a família e amigos como um fator positivo para o desenvolvimento esportivo, algo presente nas falas das jovens. Esse suporte familiar e de amigos, está presente como um fator fundamental em pesquisas referentes à participação de mulheres com o futebol/futsal (MARTINS *et al.*; 2018; SILVA, 2020).

7.5.5. Barreiras

Ao serem questionadas sobre as dificuldades encontradas durante o percurso esportivo, percebemos duas categorias de respostas. O primeiro grupo elencou a ausência da família como uma barreira percebida:

E01: Foi a primeira vez que eu saí de casa, saí de perto deles, então foi meio estranho, fiquei com medo [...]

E02: [...] É ficar longe da família não é fácil e aconteceram uns problemas familiares e eu senti muita vontade de desistir tudo [...]

E10: [...] a falta dos meus pais, pelo fato de eu ser muito nova, acho que acabou atrapalhando um pouco. Mesmo que eu tivesse o apoio deles, não era tanto, porque tinha ausência deles, então acabou me frustrando um pouco [...]

Falas que condizem com o entendimento sobre a família ser seu maior suporte dentro do percurso esportivo. Bloom (1985) sugere em seu estudo que o acompanhamento familiar, suporte psicológico e financeiro são fatores que colaboram para uma carreira esportiva de sucesso, e que a ausência desses elementos pode interferir de maneira negativa para a formação esportiva.

O suporte parental foi elencado por elas como seus maiores pontos de apoio, e um distanciamento da família pode vir a interferir no processo de desenvolvimento, como mostrado por Vissoci (2013), em que evidencia que a transição psicológica com a distância da família e o desafio de sair de casa para a busca de uma carreira esportiva é um desafio a ser superado, fato citado por elas e encontrado em outros estudos como uma barreira a ser superada para a permanência no esporte, desafio que o apoio familiar mesmo a distância colabora para que seja superado (FONTES; BRANDÃO, 2013; STAMBULOVA *et al.*, 2009).

Ao observar as falas, outras meninas trouxeram fatores contextuais como barreiras percebidas em suas vivências:

E03: “Quando morava na fazenda era bastante complicado por questão de eu ter que vim e voltar todos os dias, aí meio que complicava as vezes”.

E09: “a distância porque às vezes eu chegava atrasada em treino e às vezes meu pai estava tão cansado de vim fazer essas voltas, porque lá pro sítio era estrada de chão ainda, não era asfaltado então assim acabava com o carro era muitos gastos, acabava que a gente as vezes a gente nem vinha treinar mesmo [...]”

As informações nos fazem refletir sobre como questões contextuais podem interferir nas oportunidades de desenvolvimento na modalidade, visto que algumas das meninas citaram a distância como um fator de interferência. Reverdito *et al.* (2017) nos mostra que o contexto é primordial para o desenvolvimento esportivo, assim como o tempo de envolvimento, o autor revelou em seu estudo que cidades com um melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) obtiveram os melhores resultados nos programas de desenvolvimento esportivo extracurriculares. Já o estudo de Collet (2018) cita que o tamanho das cidades interferem nas vivências dos jovens, revelando que há uma tendência de os atletas de sua pesquisa (alto rendimento) serem da região sudeste. O que pela expansão territorial de nosso país e contexto da nossa pesquisa evidencia que as dificuldades podem estar para além das percebidas de distância, como nos faz refletir os resultados das pesquisas de Reverdito *et al.* (2017) e Collet (2018).

Outro fator levantado foi a falta de visibilidade, competições e estrutura:

E04: “em relação a premiação é muito diferente do masculino, eles desvalorizam demais o futsal feminino poderia ter um apoio a mais, né, e isso não tem e são poucas competições”

E08: [...] futsal feminino não é muito reconhecido, então tipo é muito raro ter campeonato aqui, porque tem um campeonato muito importante que é só o masculino tem. E o feminino não muito [...]

E09: [...] acredito que o futsal masculino não, o futsal somente, é a maioria dos esportes masculinos tem mais visibilidade que os esportes femininos”.

O fator levantado vem sendo discutido dentro do desenvolvimento da temática desde as primeiras publicações. A falta de visibilidade e de potencial midiático era o fator usado para a ausência de patrocínios (GOELLNER, 2003). Atualmente as transmissões do futebol de mulheres nas mídias televisivas e alternativas conquistaram grandes audiências, além do consumo de meninas e mulheres pelos produtos esportivos, o que derruba o argumento de falta de potencial midiático para a ausência de patrocínios. Um marco desse fato foi a Copa do Mundo de 2019, que marcou grandes audiências e público (SCHIMANSKI, 2019).

Apesar das conquistas por reivindicação de espaços dentro do futebol/futsal, a mulher ainda sobrevive com as desigualdades, tanto no âmbito do alto rendimento, quanto nas possibilidades de ter a modalidade como forma de lazer, como citado pelas jovens. As premiações e campeonatos ainda são em sua grande maioria um ‘privilégio’ dos homens, o que dentro do contexto que as meninas estão inseridas influencia para sua sequência na modalidade.

7.5.6. Preconceitos

Historicamente, a mulher que se envolve no universo futebolístico sofre com pensamentos de uma sociedade androcêntrica, na qual por tempos foram reforçados por discursos que tratava a biologia da mulher como incompatível para algumas práticas esportivas, dentre elas estava o futebol (GOELLNER; KESSLER, 2018). A mulher da sociedade moderna conquistou novos espaços. Decorrentes de lutas históricas, o feminismo e a busca pelo empoderamento feminino tornou-se centro de discussões para uma melhoria da sociedade em geral, tornando-se uma esfera de planejamentos dentro de políticas públicas, como por exemplo a criação da ONU Mulheres (BRAUNER, 2015). Fatores esses que causam influências de forma macro nos contextos sociais, chegando ao futebol/futsal de mulheres.

No diálogo com as entrevistadas é relatado que as mesmas perpassam por situações de preconceitos em seu percurso:

E01: ‘Acho que antigamente logo quando eu comecei sim agora já passou porque o futebol feminino já está crescendo mais [...]’

E03: Sim, já escutei bastante coisas que me machucaram, bastante coisas.

E05: [...] A falava que era machinho [...] A tem muita gente que é muito preconceituoso, né. Porque é futsal feminino tem aquelas coisas de “mulher com mulher”, aí todo mundo fica julgando, e acaba interferindo um pouco. [...]

E07: “Sempre tem algumas pessoas que falam que bola não é pra mulher, e na maioria é homem que fala [...] eu nunca me importei, porque eu gostava de jogar”.

E08: [...] Sim, porque todas as pessoas criticam muito, quando é mulher que joga porque é homem ou porque é sapatão ou porque é isso, é aquilo. As pessoas sempre falam, né, mas eu nunca liguei pra esses trems não”

E11: [...] a gente é julgada, como julgam até hoje, e recebe bastante preconceito antigamente. Por ser mulher, jogar futebol gente falando que que não é coisa de mulher jogar, isso era bastante, mas mesmo assim não abalam em nada [...].

E10: “Acho que todas nós sofremos, acho que todo mundo tem alguém sofre algum preconceito de alguma forma só pelo fato de você ser mulher você já sofre de alguma maneira, mas no futebol a gente sempre tem, mas a gente tem que ser forte porque somos mulheres né, e é isso, uma ajuda a outra’.

É perceptível que as meninas passaram por enfrentamentos em situações de preconceito, seja por questões de misoginia ou por homofobia. No entanto, também é possível observar que essas jovens ao passar por essas situações não deixaram de enfrentar as situações e seguiram, citando o gosto pelo jogo como seu “escudo” para essas situações. Teixeira e Caminha (2013), em uma revisão sistemática de estudos que abordam o preconceito no futebol/futsal de mulheres, traz as mesmas situações elencadas pelas meninas. O mito da fragilidade feminina, uma sociedade patriarcal, o fato de o futebol ser considerado como um local de domínio da masculinidade, faz com que aquelas que se envolvam com a modalidade sejam julgadas por parte da sociedade de forma a criticarem seus corpos e seus gostos (FRANZINI, 2005; GOELLNER, 2003; TAMASHIRO; GALATTI, 2018; SALVINI; JÚNIOR, 2014).

Ao refletirem sobre preconceitos, uma das entrevistadas citou não ter enfrentado essa questão em sua vivência:

E02: Nunca sofri preconceito por jogar sempre joguei no meio de menino também quando menina e eles sempre incentivaram e sempre falaram que eu jogava um bolão

No estudo de Altmann e Baldy (2013) muitas das jogadoras entrevistadas também citaram a mesma situação. Fato colocado como determinante para não sofrerem com situações de preconceito é a qualidade técnica das envolvidas, fator também elencado pela voluntária.

Apesar das jovens citarem o enfrentamento dos preconceitos sofridos de maneira que não se deixam abalar, o enraizamento de pensamentos de não pertencimento da mulher no futebol segue sendo um fator de interferência no desenvolver da modalidade, tanto pela contribuição na visibilidade e valorização da modalidade, quanto no que diz respeito aos estímulos das famílias para a inserção de meninas nesse universo.

7.5.7. Entre Continuações e interrupção elas seguem o jogo

Perguntamos às jovens sobre como está a relação delas com a modalidade no atual momento, e encontramos diferentes respostas:

E03: “Temos campeonatinhos aqui na redondeza da minha cidade, que está acontecendo também eu também estou participando só que nada como antes. [...] tem o trabalho também que atrapalha a viajar [...]”

E04: “Quando eu casei meu marido não deixava eu jogar e quando tive filho, mas hoje eu jogo, estou com outro marido ele tem time e eu jogo para todos lugares [...]”

E08: “[...] trabalho agora, mas eu continuo jogando quando dá”.

E09: “Faço faculdade de manhã, trabalho até às seis da noite, então teria só período noturno pra treinar e os treinos não são noturnos, por esses motivos que eu parei de jogar [...]”.

E10: “Sim. Não como antes, dei uma parada com a pandemia, mas eu continuo”.

E11: “Eu parei de jogar. Não jogo mais. [...] quando eu terminei o ensino médio eu continuei jogando um uns dois ou três meses ainda depois eu comecei a trabalhar, aí não tinha como, eu trabalhava a noite e os treinos eram à noite, aí eu não conseguia jogar mais, treinar”.

As transições ocorrem durante o percurso esportivo de maneira natural, seja pela mudança de estruturação de treinos durante as fases de desenvolvimento esportivo, mudanças de ambientes e de fatores fisiológicos (STAMBULOVA *et al.* (2009). As falas nos mostram que parte das jovens seguem suas experiências no futebol. No entanto com mudanças em relação ao que já foi, alterando principalmente a frequência da prática.

E9 e E11 interromperam a prática da modalidade, e atribuem o acontecimento ao fato de estarem trabalhando e cursando o ensino superior, não tendo um local disponível para a prática. Outras citam que o trabalho é um fator que interfere na experiência esportiva. Ao observarmos a fase dentro do marco temporal que traçamos para marcar as etapas do percurso esportivo, essas jovens se encontram em uma transição entre a “fase 3 dos anos de investimento” e fase 4, que seria uma fase decisiva por atingir a vida adulta. Segundo Côté e Vierimaa (2014) é um momento determinante no esporte, pois ou se atinge o alto rendimento ou se modifica o objetivo da vivência com esporte, partindo para um esporte de participação/recreação ou até mesmo a interrupção da prática. Os estudos sobre transições esportivas caracterizam esse momento como um período em que as jovens começam a ter uma cobrança social e familiar para o seguimento de uma carreira profissional e a necessidade de colaboração financeira. Ocorrendo a entrada no mercado de trabalho, fazendo desta uma fase de transição de perspectivas em relação à carreira esportiva, sugerindo para aquelas que não

alcançaram o esporte de alto rendimento a buscar outros sentidos ao esporte, o que faz dessa fase como um momento difícil do percurso dessas jovens (FOLLE *et al.*, 2016; BRANDÃO *et al.*, 2008; MARQUES; SAMULSKI, 2009).

No caso do grupo pesquisado, os fatores para a interrupção da prática foi a falta de local para a vivência nos horários disponíveis, que agora são restritos devido ao fato de estarem cursando o ensino superior, trabalhando ou realizando os dois. Nos estudos de Souza e Martins (2018), Maquiaveli *et al.* (2021) e Costa (2012) a situação de dupla carreira de esportistas foi abordada como uma razão para a não interrupção do percurso esportivo. As atletas que estão nas regiões Sul e Sudeste recebem bolsas de estudos para seguir com a carreira esportiva, fato que não foi citado pelas jovens que continuam em nosso contexto estadual, fazendo com que a ausência de retorno financeiro ou apoio para uma sequência nos estudos interfira na sequência esportiva. Apesar da ausência de respaldos para uma sequência de carreira esportiva, observamos nas entrevistas que mesmo lamentando por não ter uma projeção de carreira na modalidade, reforçam o desejo de continuar na modalidade, fazendo do gosto pela prática seu maior motivador.

Dentro do grupo pesquisado, outras meninas não interromperam suas experiências esportivas, algumas partindo para o esporte de alto rendimento e outras mantendo suas experiências em um esporte de participação.

E01: “Eu sempre joguei futsal, daí eu vim para o Paraná e comecei a jogar campo”

E02: “Não parei até hoje, estou aqui no Cantagalo agora. [...] Eu tentei o futebol em Curitiba [...]

E03: “Temos campeonatinhos aqui na redondeza da minha cidade que tá acontecendo e eu também estou participando só que nada como antes. [...] tem o trabalho também [...]

E04: Até o dia que eu aguentar eu estou aí jogando [...]

E06: Ainda jogo torneios, campeonatos.

E07: “Continuo jogando, vim jogar agora aqui em São Paulo agora [...] é futebol de campo [...]”.

E08: [...] trabalho agora, mas eu continuo jogando quando dá.

As jovens que consideram estar no esporte de alto rendimento não estão em equipes no estado de Mato Grosso. E02 cita a diferença da estrutura do estado em que ela está jogando no momento para a realidade de Mato Grosso.

E2: [...] falta, pra mim falta mais investimento, porque depois que eu sair que eu vejo a estrutura dos outros times como aqui no Paraná, a estrutura aqui é muito grande e aí no Mato Grosso já desestabiliza bastante em relação a isso [...]

O estado em que se encontram as jovens que consideram ter atingido o alto rendimento são das regiões Sudeste (E07) e Sul (E01 e E02). São Estados que historicamente têm um melhor desenvolvimento dentro da modalidade entre as mulheres. Como citado nos estudos de Martins *et al.* (2018), Costa (2012) e Maquiaveli *et al.* (2021) há a dupla carreira esportiva, nas quais recebem remuneração financeira e bolsas de estudos como forma complementar de auxílio. Santana e Reis (2003) citam a importância da remuneração para as atletas.

Dois jovens citaram ter interrompido a prática em uma fase anterior a vida adulta:

E04: “Quando eu casei meu marido ele não apoiava e não deixava, e eu por gostar dele, tinha desistido, e tive filho, mas hoje eu jogo, estou com outro marido ele tem time e eu jogo para todos lugares [...]”

E05: “Fiquei um ano parada por que quebrei meu tornozelo e a tibia em dois lugares daí, fiz seis meses de fisioterapia, aí que eu comecei a voltar a jogar. [...]”

Observa-se que são duas razões distintas, sendo uma por lesão e outra por ter se casado e engravidado no período. As duas estavam com 15 anos na época e passavam pela “fase 2”, que se propõe práticas orientadas para a modalidade específica, com o início da prática deliberada. Estudo realizado por Filho e García (2008) com atletas jovens no contexto espanhol, elencou os motivos de abandono ao esporte, e nele está presente as causas levantadas pelas jovens.

Mesmo em um contexto diferente o namoro e a falta de tempo para lazer e amigos foi colocado em segundo lugar nas causas levantadas na pesquisa de Filho e García (2008) assim como as lesões e problemas de saúde que se apresentam em sexto, evidenciando que apesar de um contexto diferente essas duas causas estão presentes entre as razões para o abandono de atletas jovens, levantando ao pensamento de serem enfrentamentos que são comuns da fase de desenvolvimento dos adolescentes.

Outro fato importante a ser ressaltado é que Filho e Garcia (2008) aponta que as causas para abandono entre meninos e meninas têm diferença significativa, por exemplo, o fato de uma das atletas terem citado a proibição do marido e gravidez como causa para abandono, o que não ocorreria com o menino.

É importante destacar que a mesma jovem citou a gravidez como motivo para a interrupção na modalidade, não concluiu o ensino médio, algo que coincide com uma das maiores causas do abandono escolar por parte de mulheres jovens (LEAL, 2019; PEREIRA, 2019). Apesar do abandono por um determinado período, em nosso estudo as jovens retornaram à prática da modalidade posteriormente até os dias da pesquisa. Entendemos que essa ausência

em uma fase importante de vivências e possível transição para a busca do alto rendimento interferiu no percurso dessas jovens.

7.5.8. Perspectivas em relação à modalidade

Quando questionadas sobre as perspectivas futuras em relação a modalidade, a pergunta gerava um entendimento distinto entre as voluntárias:

E03: “O que eu espero do futebol é que fosse bem mais valorizado porque hoje em dia não é, então é difícil da gente falar eu tenho um plano de um dia jogar fora, morar, só que não tem como, porque a maioria das vezes hoje em dia a gente mora em um lugar só que, o futebol não é valorizado, então é bem complicado pra gente se manter em um lugar sem ter nada pra fazer, um trabalho [...]”.

E07: “[...] Pretendo continuar jogando sim, até quando Deus me permitir jogar. [...] eu acho que agora a visibilidade, porque tem várias meninas boas, que não dão olhos pra elas que pode tá crescendo no futebol e acrescentar pra ter várias meninas continuando a jogar bola”.

E09: “Eu acho que os investimentos também mudariam bastante se o futsal feminino fosse mais planejado a gente tivesse mais estruturas, acho que falta isso, falta incentivo, falta lugares, espaços próprios para os treinamentos e incentivo das famílias também, porque tem muita gente que gosta de jogar, mas a família não apoia, tem muita gente que fala que quer ser jogadora de futebol profissionalmente, mas a família acredita que não, acha que é só uma brincadeira, então as pessoas desanimam as pessoas”.

E10: Acho que a gente precisa de um apoio um pouco maior né [...]”

E11: “Espero que tenha mais apoio, assim igual eu sei que nunca vai ser igual ao masculino, nunca vai chegar lá porque as pessoas muitas vezes muita gente não aceita, mas eu sei que tem bastante gente que apoia, mas também tem muita gente que não, que não dá apoio. [...] mais investimento também, pra poder continuar então.

Como notamos nas falas, algumas das meninas têm como perspectiva um pensamento mais global sobre a modalidade, falando da necessidade de um maior investimento e estruturação para o seu desenvolvimento. Evidenciando que apesar da evolução na modalidade em um panorama mais amplo, o futebol/futsal para mulheres ainda necessita de uma maior estrutura para que haja a ampliação de oportunidades. Destacamos que essas meninas estão no contexto de um estado que está longe dos grandes centros urbanos (sudeste e sul), que possuem um maior desenvolvimento nas modalidades para o gênero.

Outras jovens citaram uma percepção mais individual sobre a modalidade:

E01: “[...] eu me vejo influenciando muitas outras meninas a acreditar que um dia vai dar certo”.

E02: “Meu objetivo é me profissionalizar, me tornar profissional no futsal. E não pretendo desistir. Eu pretendo [...]”.

E04: “Espero continuar, até o dia que eu der conta e ganhar mais títulos importantes”.

E05: “Sonho ainda em ser jogadora, futebol é vida, é paixão [...] que eu tenha alguma carreira [...]”.

E07: [...] Pretendo continuar jogando sim, até quando Deus me permitir jogar. [...]

E08: Eu espero continuar jogando e espero ter oportunidades porque eu sempre esperei as oportunidades, não penso em parar [...]

E10: “Eu acho que enquanto eu tiver oportunidades e meu corpo permitir [...]”.

Observa-se nas falas a vontade de continuar na modalidade, algumas com pretensões de atingir outros níveis esportivos, citando a espera de oportunidades para que isso ocorra. Outras se referem à vontade de permanecer desfrutando do jogar até quando for fisicamente possível.

Neste momento da pesquisa, as meninas se encontram dentro das fases propostas em uma transição entre a “fase 3” e “fase 4”, que se trata de uma transferência da adolescência para a vida adulta, momento determinante para que se atinja o alto rendimento ou se encaminhe para um esporte recreacional/participação (CÔTÉ, VIERIMAA, 2014; MARQUES e SAMULSKI, 2009).

Como observamos, as jovens relatam a vontade de seguir participando da modalidade seja de forma de participação/recreação ou ainda com pretensões de atingir o alto rendimento. Dentro do grupo pesquisado há um grande envolvimento com a modalidade até os dias atuais que, segundo Côté, Turnnidge e Vieremaa (2014), o engajamento pessoal, as relações estabelecidas e os contextos apropriados durante o percurso dessas jovens são os fatores que podem ter contribuído para o desejo de continuidade na modalidade. Pensando nesses fatores e nos conteúdos das entrevistas, as relações familiares, o gosto pela modalidade e pelas experiências vividas são os responsáveis pelo desejo de continuar desfrutando da modalidade

7.5.9. Fatores positivos ou negativos do esporte para a vida

Observamos nas falas que as jovens colocam o “jogar” com o poder de mudar sua condição emocional e psicológica, reforçando o gosto pela experiência de estar em contato com o jogo, elencando o fato de jogar como um propulsor de felicidade. Rigoni *et al.* (2017), reforça a fala das meninas, ao dizer que a participação no esporte durante a adolescência colabora para o enfrentamento dos conflitos gerados nessa fase da vida. No caso das jovens da pesquisa, o jogar continua auxiliando nos enfrentamentos emocionais.

E01: A que o futebol me fez me sentir melhor em muitas coisas, porque tem muitas pessoas que “caem na vida “e o futebol me distraiu a minha vida inteira”.

E02: [...] aprendi a conviver com meninas que pensam diferente de mim e cada uma tem seu conceito e não é fácil lidar com pessoas, mas cada uma tem um sonho.

E03: [...] a convivência que eu aprendi muito, muito eu era uma pessoa que eu era muito cabeça dura eu era aquela que se eu perdesse eu chorava o dia inteiro praticamente e ficava irritada só que hoje não hoje eu sou bem mais tranquila [...]

E07: [...] eu conheci muitas pessoas por conta do futebol, pessoas que eu levo pra vida, que sempre me ajudou, o futebol todas as vezes que eu estava triste eu sempre pensava: eu vou lá jogar uma bolinha que vai distrair minha cabeça aí sempre me deixava bem. Nunca me influenciou nada de mal.

E09: [...] ser uma pessoa mais tranquila, uma pessoa prestativa, porque querendo ou não você convive com pessoas diferentes de você, então faz você ter um olhar diferente quanto você vai viajar, você conhece várias outras pessoas, cada uma pessoa gostos diferentes, tem manias, culturas diferentes, então fez com que a gente aprendesse muita coisa, a gente ter uma visão diferente do que a gente tá acostumado, a e o respeito acima de tudo acho que foi a principal coisa que o futsal nos proporciona [...]

E10: Futebol ele me proporciona felicidade e é isso.

E11: [...] me acalma é uma coisa que me acalma às vezes um dia estressante, jogar pra mim é uma coisa que é muito bom assim relaxa, não tem erro.

As jovens também citaram que suas experiências esportivas proporcionaram uma mudança comportamental, atribuindo o fato de convivência com indivíduos distintos ao aumento de equilíbrio mental, fazendo com que sua convivência em meio social fosse melhorada. Estudos voltados para o entendimento da participação esportiva de jovens ganhou grande ênfase na literatura internacional, a fim de entender como a participação esportiva proporciona um desenvolvimento positivo na vida de seus participantes (FRASER; CÔTÉ, 2005; RIGONE *et al.*, 2017; CAMIRÉ *et al.*, 2011).

As jovens destacam que a experiência no futebol permitiu conhecer e aprender sobre outras culturas, o que evidencia a importância do esporte para o desenvolvimento cultural na vida dessas meninas, a possibilidade de se inserirem em novos contextos, conhecer novas culturas e novos conhecimentos (RIZZO *et al.*, 2014). Outros estudos encontraram resultados semelhantes, em que jovens atribuem ao esporte um aprendizado cultural e uma aquisição de melhor convívio social (CIAMPOLINI *et al.*, 2020; LIMA, 2018)

Dois jovens destacaram a importância do futebol para o não envolvimento em comportamentos problemáticos. Fraser e Côté (2005) corroboram com as falas das jovens ao colocarem a prática esportiva como um dos fatores que auxiliam para o não envolvimento com situações de vulnerabilidades na adolescência.

E01: A que o futebol me fez me sentir melhor em muitas coisas, porque tem muitas pessoas que “caem na vida “e o futebol me distraiu a minha vida inteira praticamente.

E05: [...]A minha cabeça ampliou muito, porque antes quando eu parei de jogar futebol já pensei em “entrar nas errada”, aí o professor sempre conversou comigo e foi me mudando.

A fala das meninas mostra a importância que o esporte teve em suas vidas, impedindo que entrassem em caminhos como o da criminalidade, que buscassem outras possibilidades e de como o treinador através do diálogo foi importante para o aprendizado humano da atleta. A literatura discute como a figura do treinador e a forma como o esporte é desenvolvido é importante para a desenvolvimento humano dos jovens atletas, e de como o esporte é capaz de distanciar os jovens de situações de vulnerabilidade (BENSON, 1997; FRASER; CÔTÉ, 2005;

BETTEGA *et al.*, 2021; RIZZO *et al.*, 2014; LERNER, 2011; CIAMPOLINI *et al.*, 2020; TAVARES *et al.*, 2021).

7.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como finalidade apresentar o percurso de jovens praticantes de futebol/futsal no estado de Mato Grosso, apresentando os fatores que interferiram em suas vivências, nos trazendo informações desde seus primeiros contatos com o jogo com bola nos pés até o momento atual de suas vidas.

As jovens que participaram de nosso estudo, apesar de serem maiores de idade o que dentro de uma perspectiva escolar sugere que já se tenha concluído o ensino médio da educação básica, nos mostra que sete das onze participantes não haviam concluído essa etapa até o momento da pesquisa, o nos levou ao questionamento das razões e de como o esporte está influenciando nesse aspecto, trazendo a necessidade de um estudo de aprofundamento nessa perspectiva.

Relacionado ao percurso esportivo das jovens praticantes de futebol/futsal dentro do contexto esportivo do estado de Mato Grosso, concluímos que as jovens tiveram os primeiros contatos com a modalidade predominante nas ruas e escolas, com início competitivo através competições escolares que surgem na adolescência e que o maior suporte para a prática da modalidade é obtido por parte dos pais e amigos. Situações de preconceito foram enfrentadas pela maioria das meninas, seja por pensamentos misóginos ou por homofobia, porém na percepção das jovens da pesquisa isso não influenciou em sua relação com a modalidade.

Houveram sequências e interrupções no percurso dentro da modalidade, sendo que as jovens que continuam na modalidade em uma perspectiva de alto rendimento não se encontram mais no estado, estando nas regiões sul e sudeste. Outras jovens citam que ao chegar à fase de vida adulta encontram dificuldades em se manterem na modalidade, por terem que conciliar trabalho, faculdade e pela ausência de campeonatos e de locais para seguirem com a prática, trazendo a necessidade de uma democratização de acesso ao esporte nas diferentes idades.

Nosso estudo trouxe contribuições para o conhecimento sobre o percurso de jovens futebolistas que em sua grande maioria não alcançou o alto rendimento, que fazem parte de um contexto geográfico específico, estando um estado que se encontra longe dos centros mais desenvolvidos do futebol/futsal de mulheres. O estudo traz a necessidade de uma maior democratização do esporte de participação, logo que nem todos que desfrutaram do esporte em idade escolar conseguem se manter experienciando a modalidade na vida adulta. Fatores

limitadores surgiram em torno do nosso estudo, como a não resposta a respeito do grande número de jovens que não concluíram o ensino médio. Sugerimos estudos futuros da temática em contextos diferentes e em diferentes fases de desenvolvimento esportivo das atletas, visto que a modalidade para as mulheres passa por uma mudança estrutural, que pode ter resultados diversos conforme os contextos que estão inseridas e os processos pelo qual perpassam.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.S. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/ UFMG**, v. 4, n. 1, 2019.
- ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 211-232, 2013.
- BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo . **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 4, p. 293-300, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BENITES, L. C.; NASCIMENTO, J. V.; MILISTETD, M. Análise de conteúdo na investigação pedagógica em educação física: estudo sobre estágio curricular supervisionado. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, 35-50, 2016.
- BETTEGA, O. B. et al. Do papel do treinador ao ambiente competitivo no futebol infantil: o que está em jogo? **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27058, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.107418>.
- BLOOM, B.S. **Generalizations about talent development**. In: BLOOM, B.S. (ed). *Developing Talent in Young People*. New York: Ballantine Books, p. 507–49. 1985.
- BRANDÃO, M. R. F. et al. Causas e consequências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.8, n.1, p.49-58, 2000.
- BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 521-532, 2015.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. Developmental ecology through space and time: A future perspective. **Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development**, v. 619, n. 647, p. 10176-018, 1995.
- BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. W. Developmental Science in the 21st Century: Emerging Questions, Theoretical Models, Research Designs and Empirical Findings. **Social Development**, v. 9, p. 115–125, 2000.
- CAMIRÉ, M. et al. Strategies for helping coaches facilitate positive Youth development through sport. **Journal of Sport Psychology in Action**. v. 2. n. 22. p. 92-99. 2011.
- CIAMPOLINI, V. et al. Percepções sobre um projeto esportivo organizado para o desenvolvimento de habilidades para a vida. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v.10, n. 1, 2020.

COLLET, C. **Formação esportiva de atletas de elite: Um estudo com as seleções brasileiras de voleibol.** 2018. 193f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2018.

CORREIA, C.A.J. **Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama.** 2014. 258f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

COSTA, F. R. **A Escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina.** 2012. 90f. Tese (Doutorado em Educação Física) –Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

COSTA, J. E. DIAS, N. A mulher em quadra: evidências contemporâneas do contato inicial com futsal. **Revista Brasileira De Futsal E Futebol**, v. 10, n. 41, 694-702, 2018.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The sport psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sport. *In: STARKES, J.; ERICSSON, K. A. (Ed.). **Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise.** Champaign, IL: Human Kinetics, 2003. p. 89-113.*

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology**, v. 3, p. 184-202, 2007.

CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Evidence-based policies for youth sport programmes. **International Journal of Sport Policy and Politics**, p. 1-15, 2014.

CÔTÉ, J.; STRACHAN, L.; FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development and performance through youth sport. *In: HOLT, N. L. **Positive youth development through sport.** Routledge, 2008.*

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport/dinamichni proces razvoja prek sporta. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14, 2014.

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. *In: GREEN, K.; SMITH, A. **Handbook of youth sport.** London: Routledge, 2016. p. 243-255.*

CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; VIERIMAA, M. A personal assets approach to youth sport. *In: GREEN, K.; SMITH, A. **Handbook of youth sport.** London: Routledge, 2016. p. 243-255.*

CÔTÉ, J.; VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v. 29(Supl.), 2014, pág. 63-69.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: Perceptions of world and Olympic champions. **Journal of applied sport psychology**, v. 14, n. 3, p. 154-171, 2002.

DUTRA, A.M.T. **Abandono Escolar na Rede Pública Estadual de Mato Grosso: Entraves**

para o acesso ao Ensino Médio. 2015. 99f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015.

EPIPHANIO, E. H. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. **Estudos em Psicologia**, a. 19, n. 1, p. 15-22, 2002.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-RÖMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological review**, v. 100, n. 3, p. 363, 1993.

FOLLE, A. et al. Transições no processo de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 477-490, 2016.

FOLLE, A. et al. Envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino. **Journal of Physical Education**, v. 29, e2914, 2018.

FONTES, R. C. C; BRANDÃO; M.R.F. A resiliência no âmbito esportivo: uma perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano. **Motriz**, Rio Claro, v. 19, n.1, p.151-159, 2013.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FRASER-THOMAS, J. L.; CÔTÉ, J.; DEAKIN, J. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

GALATTI, L. R. AFEs, Desenvolvimento Humano e Esporte de Alto Rendimento. *In*: **PNUD Brasil. Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano**, 2017.

GALATTI, L.R; FILHO, C. V. M. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27014, 2021.

GALATTI, L.R; PAES, R.R; COLLET, C. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 22, n. 03, p. 115-127, 2018.

GLOBOESPORTE.COM. Copa Zico: única entre os garotos, Juju Gol é campeã e recebe troféu do Galinho. **GloboEsporte.com**, Rio de Janeiro. 30 jul. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/copa-zico-unica-entre-os-garotos-juju-gol-e-campea-e-recebe-trofeu-do-galinho.ghtml>. Acesso em: 25 fev. 2022.

GOELLNER, S. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher. Rev. Educação Physical. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOELLNER, S. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e 27001, 2021.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. Da aprendizagem motora ao treinamento técnico - conceitos e perspectivas. In: PABLO J. G. (Org.). **Iniciação esportiva universal** - metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, v. 2, p. 15-38.

GROLNICK, W. S. **The psychology of parental control**: How well-meant parenting backfires. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

HAAS, C.M.; CARVALHO, R.A.T. Escolarização dos talentos esportivos: busca pelo sucesso no esporte, distanciamento da escola e conflitos legais. **Revista ambiente educação**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 374-394. 2018.

HOLT, N., TAMMINEN, K., BLACK, D., SEHN, Z. & WALL, M. Parental involvement in competitive youth sport settings. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 9, p. 663-685, 2008

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **FuLiA / UFMG**, v. 2, n. 1, 2017.

LEAL, N.M.O. Evasão Escolar: As causas e as consequências de uma negligência social. **Criar Educação**, Criciúma, v. 8, n. 2, p. 211-220. 2019.

LERNER, R. M. et al. Positive youth development, participation in community youth development programs, and community contributions of fifth-grade adolescents: Findings from the first wave of the 4-H study of positive youth development. **The Journal of Early Adolescence**, v. 25, n. 1, p. 17-71, 2005.

LIMA, L. A. **Carreira esportiva**: um estudo com atletas de excelência. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2018.

LIMA, L. A. **Carreira esportiva**: um estudo com atletas de excelência. 2018. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 2018.

MAQUIAVELI, G. et al. O desafio da dupla carreira: análise sobre os graus acadêmicos de atletas de elite do futsal feminino brasileiro. **Alesde**, v. 13, n. 1, p. 54-80, 2021.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, p.103-19, 2009.

MARTINS, M. Z. et al. Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla: o futsal feminino de elite sul-americano. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n.1, p.143-155, 2018.

MARTINS, L. N. Futsal feminino: perfil das atletas nos jogos de Minas Gerais 2012 e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo, v.5, n.18, p.331-340, 2013.

- MASCARIN, R. B. et al. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. **Motriz**, v.25, e101968, 2019.
- MAZO, J. Z; BALARDIN, G. F. Mulheres No Futebol: Alterações no Regulamento Da Conmebol E Espaço Na Mídia Televisiva. **Caminhos da História**, v. 25, n. 1, p. 58-73. 2020.
- MELO, L.B.S.; SOARES, A.J.G.; ROCHA, H.P.A. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 28, n. 4, p. 617-628, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000400617>>. Acesso em: 20 abril. 2022.
- MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, G. L., NECKEL, J. F. e GOELLNER, S. V. **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.17, n.2, p. 211-222, 2004.
- PASSERO, J. G. et al. Futebol de Mulheres Liderado por Homens: uma análise Longitudinal dos Cargos de Comissão Técnica e Arbitragem. **Movimento**, v. 26, e26060, 2020.
- PEREIRA, M.C. Evasão escolar: causas e desafios. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 01, n.2, p. 36-51, 2019.
- QUEIRÓS, P; GRAÇA, A. A análise de conteúdo (enquanto técnica de tratamento de informação) no âmbito da investigação qualitativa. *In*: MESQUITA, I; GRAÇA, A. (Org.). **Investigação qualitativa em desporto**. Porto: Porto, 2013, p. 115-149.
- REVERDITO, R. S. Coaching and continuity make a difference: competence effects in a youth sport program. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 20, n.4, p. 1964-1971, 2020.
- REVERDITO, R. S. *et al.* Youth Participation in Sport in a Context of Vulnerability: Perception of Positive and Negative Experiences. **Revista de Ciencias del Deporte**. Vol. 16, n.1. p: 55-66. 2020.
- REVERDITO, R. S. *et al.* Developmental Benefits of Extracurricular Sports Participation Among Brazilian Youth. **Perceptual and Motor Skills**, v. 124, n.5, p. 946- 960, 2017.
- RIGONI, P.A.G; BELEM, I.C; VIEIRA, L.F. Revisão sistemática sobre o impacto do esporte no desenvolvimento positivo de jovens atletas de rendimento. **Journal of Physical Education**, v. 28, e2854, 2017.
- RIZZO, D. S.; FERREIRA, A. M. L.; SOUZA, W. C. Desenvolvimento positivo dos jovens (DPJ) através do esporte: perspectivas em países da língua portuguesa. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 12 n. 3, p. 106- 120, 2014.
- ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005.

RUBIO, K. As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. **Revista USP**, São Paulo, n. 122, p. 49-62, 2019.

SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; JÚNIOR, M. W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990 – 2000). **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, p. 1-14, 2014.

SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B. Futsal Feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.11, n. 4, p. 45-50, 2003.

SCHIMANSKI, Edina. Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 27, n. 1, p. 59-66, 2019.

SERPA, S.; ALVES, P; BARREIROS, A. Versão portuguesa do Eigna Minnen av Barndoms Uppfostran (EMBU): **processos de tradução, adaptação e fiabilidade**. Lisboa: Laboratório de Psicologia do Desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

SILVA, B. S.; SOUZA, A. C. F. Desafiando o abismo tradicional: uma aproximação entre práticas inovadoras e o modelo de educação esportiva no âmbito da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 42, n. e2023, 2020.

SILVA, B.K. **O Futebol Feminino em Expansão: Determinantes, Políticas Públicas e Perspectivas**. Subsídios Para a Compreensão do Contexto Brasileiro. 2020. Dissertação (Mestrado em Direção e Gestão Desportiva) - Universidade de Évora, Escola de Ciências e Tecnologia, Évora, Portugal, 2020.

SMITH, P. et al. Play in Young Children: Problems of Definition, Categorization, and Measurement. **Early Child Development and Care**, v. 19, n.1-2, p. 25-41, 1985.

SOUZA, A,C.F; MARTINS, M.Z. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 1. 2018.

STAMBULOVA, N.; FRANCK, A.; WEIBULL, F. Assessment of the transition from junior-to-senior sports in Swedish athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 10, p. 79-95, 2012.

STAMBULOVA, N. *et al.* ISSP position stand: career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

STORM, L. et al. Specialization pathways among Danish elite athletes: a look at the developmental model of sport participation from a cultural perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 43, n.3, p. 199-222, 2011.

TAMASHIRO, L. I; GALATTI, LR. Preconceito no futsal e futebol feminino nas revistas brasileiras: uma revisão. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v.10, n.41, Suplementar 2, p.795-799, 2018.

TAVARES, M. A. et al. Relação treinador-atleta e a experiência positiva de jovens no esporte extracurricular. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 21. n.1, p.146-161, 2021.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, 2013.

TURNNIDGE, J.; CÔTÉ, J.; HANCOCK, D. J. Positive youth development from sport to life: Explicit or implicit transfer? **Quest**, v. 66, n. 2, p. 203-217, 2014.

VIEIRA, L.F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo**: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. 1999. 195f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

VILANI, L.H.P.; SAMULSKI, D.M. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. *In*: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. **Temas Atuais VII**: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Health, 2002, p. 09-26.

VISSOCI, J. R. N. **Estudo da influência do contexto esportivo no status de identidade de atletas de futebol de campo**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil, 2009.

VISSOCI, J.R.N; DE SOUZA, F. S; OLIVEIRA, L.P; NASCIMENTO. JRA. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v.15, n.1, p.145-156, 2013.

8. CONCLUSÃO

O tema e objeto central da pesquisa foi o percurso de jovens futebolistas no estado de Mato Grosso. Partimos do objetivo geral: Investigar os desafios e as possibilidades percebidas por mulheres jovens em seu percurso na prática do futsal em Mato Grosso. Tendo aspectos específicos a serem respondidos: (a) Identificar o perfil das mulheres jovens que jogam futebol/futsal em Mato Grosso; (b) Descrever as experiências em seu percurso esportivo, com foco nos suportes e barreiras percebidas na prática do futebol/futsal; (c) Prospectivamente, dialogar sobre a participação das mulheres no futebol/futsal, a fim de proporcionar uma melhor compreensão dos aspectos necessários para a evolução do acesso, permanência e projeção de profissionalização dentro da modalidade.

Para conseguir responder nossos objetivos partimos de um referencial teórico que entende o percurso esportivo através de uma perspectiva contextual/ecológica, a qual entendemos que as jovens sofrem influências dos contextos aos quais estão inseridas ao longo do tempo (BRONFENBRENNER; EVANS, 2007; BRONFENBRENNER, 2011). A partir dessa perspectiva traçamos em nosso estudo o perfil sociodemográfico das jovens futebolistas do contexto investigado. Encontramos que essas jovens são meninas/mulheres em sua maioria pardas, pertencentes a famílias de baixa renda e escolaridade incompleta, que vivem sem a presença paterna ou materna e em lares habitados de 4 a 6 pessoas.

O contato inicial com o futebol/futsal ocorre através do jogo deliberado, nas ruas, casas e escolas, com as primeiras experiências competitivas ocorrendo na adolescência em jogos escolares. A escola se mantém como principal espaço para que as jovens consigam se inserir no futebol/futsal, tanto no jogo deliberado quanto na prática deliberada, nos aspectos competitivos e na inserção da menina/mulher no que diz respeito ao universo futebolístico. A escola aparece como principal contexto. Não aparece para o grupo pesquisado os espaços das escolas de iniciação esportiva e de clubes para a inserção no futebol/futsal de mulheres no estado de Mato Grosso, o que difere de outros contextos nacionais.

Dentre os fatores que marcam as oportunidades e desafios em seus percursos esportivos, as jovens elencam a rede de apoio, tanto emocional quanto financeiro da família como o principal suporte para se inserirem e se manterem no futebol/futsal em todas as fases temporalmente marcadas, assim como de amigos e treinadores. No entanto, os dados do capítulo/artigo 2 sobre o Perfil das Jovens Futebolistas do Estado de MT, divergem do achado, apontando que o apoio dos pais vem apenas pelo suporte financeiro e que a ausência da presença paterna/materna na maioria dos lares. Essa divergência pode ocorrer pelo fato de que as jovens

participantes do estudo de perfil integram de forma generalista as participantes da modalidade nos jogos, diferente das participantes das entrevistas, que são meninas que integraram equipes que chegaram com maior incidência nas fases semifinais dos jogos no período de tempo de 3 anos, ou seja, são jovens que atingiram maior sucesso dentro da modalidade quando comparado com as participantes do capítulo/artigo 2.

Em relação às dificuldades enfrentadas, notamos a falta de oportunidade para uma sequência esportiva que ocorre na fase da vida adulta, visto que há uma ausência de locais para prática, competições e equipes para que se possa manter uma perspectiva de profissionalização na modalidade, sendo necessário a saída do estado para que esse objetivo seja atingido. Evidenciando que apesar do engajamento na modalidade, a interrupção ocorre pela ausência de oportunidades e estrutura, o que na percepção das jovens ocorre pela falta de investimento e tratamento inferior ao que ocorre com o futebol/futsal de homens. As jovens citam a percepção desses enfrentamentos ao se iniciar a vida adulta, logo após o encerramento do ciclo dos jogos escolares, marcando mais uma vez a importância que a escola e as competições escolares obtêm dentro do contexto esportivo do estado para as vivências futebolísticas das mulheres. Outro fator relevante encontrado em nossa pesquisa é a percepção das jovens sobre o que a vivência esportiva proporcionou para suas vidas, elencando que o percurso dentro da modalidade as tirou de situações de vulnerabilidade e proporcionou um enriquecimento cultural e emocional.

Por fim, entendemos que o percurso esportivo dentro do futebol/futsal para mulheres, historicamente é marcado por diferenças abissais de investimentos, estruturas e reconhecimento, ocorrendo na atualidade uma perspectiva de mudanças de paradigma, com um maior reconhecimento da sociedade, investimentos, estruturação e diminuição do preconceito. O suporte familiar surge como o fator mais relevante para a construção de um percurso com perspectivas de longo prazo, pois a construção de uma rede de apoio sólida foi importante para o engajamento na modalidade e encorajamento frente às dificuldades. Ainda é notório a falta de estrutura e investimentos, algo que sempre aparece nas literaturas sobre o futebol de mulheres, ficando o desejo de que em pesquisas futuras esses não sejam mais as barreiras encontradas para os percursos das mulheres no futebol/futsal.

Os resultados mostram a importância da escola para a inserção da menina/mulher nas diferentes esferas do universo futebolístico, trazendo a necessidade de que os professores, principalmente os de educação física, contribuam para a mudança de um paradigma sobre os preconceitos relacionados à inserção da mulher no futebol. Há a necessidade de democratização de acesso ao esporte em diferentes idades, visto os dados mostraram que ao se chegar na vida adulta as mulheres perdem as possibilidades de continuar participando do futebol/futsal,

sugerindo que haja criação de políticas públicas que visem o acesso ao esporte de participação na vida adulta.

9. LIMITES DA PESQUISA:

Toda pesquisa possui limites. Por se tratar de um estudo de natureza retrospectiva e prospectiva, o qual depende da percepção das participantes sobre os fatos ocorridos no passado e de perspectivas de futuro, sofreu algumas inferências sobre elementos envolvidos nesse processo, com alguns não podendo ser verificados. Além do que, pelo fato das entrevistas terem ocorrido em apenas um encontro, o fato impossibilitou o aprofundamento de algumas questões que surgiram após análise. Assim, torna-se necessário outros estudos que venham investigar as atletas no percurso esportivo, tanto de maneira retrospectiva quanto através de estudos longitudinais, fato que proporcionarão um maior aprofundamento nas questões levantadas. Vale lembrar que o estudo investigou o contexto específico do estado de Mato Grosso, trazendo a necessidade de socio biográficos estudos em outras regiões/contextos, a fim estabelecer um parâmetro nacional sobre as possibilidades percebidas em cada estado, para que assim seja realizado um mecanismo que proporcione oportunidades a todas no território nacional.

10. IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Diante do cenário apresentado, notamos que há a ausência de políticas esportivas com foco no esporte de participação na vida adulta, visto que as jovens citam que durante a fase escolar é que ocorreu as maiores possibilidades de experiências esportivas. Ao chegar na fase da vida adulta as possibilidades de vivência ficam restritas. Faz-se necessário a criação de políticas públicas esportivas que ampliem o espaço para o esporte de participação de adultos, e uma mudança de paradigma sociocultural, na qual reconheça a participação das mulheres no futebol/futsal ao longo da vida. Os dados da pesquisa evidenciam a importância da ampliação das oportunidades de acesso ao esporte na escola, especialmente das mulheres, sendo possível dialogar sobre desigualdade de gênero e criação de situações que encorajem e empoderem as meninas.

As mudanças para a ampliação de oportunidades para o futebol/futsal de mulheres passam pela necessidade de se pensar na ampliação de locais para a iniciação na modalidade, e a sequência esportiva, seja ela profissional ou de lazer, pois a massificação da modalidade entre as mulheres proporcionará a necessidade de maiores investimentos e de visibilidade. Portanto, implica em decisões no âmbito das Políticas Públicas para o acesso ao esporte para as mulheres.

ANEXOS

ANEXO 1: TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO MESTRADO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa “MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL NO ESTADO DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS.”, de responsabilidade da pesquisadora JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA. CAAE N°38990820.4.0000.5690.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL NO ESTADO DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS.

Contato: (65) 9 8142-4094

E-mail: jackcosta_@hotmail.com

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhuma penalidade.

Dados de identificação

Título do Projeto: MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL NO ESTADO DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS.

Pesquisador Responsável: JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA.

Nome do participante (**opcional**): _____

Data de nascimento: / / R.G.: _____

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

Justificativa e objetivos:

O projeto justifica-se pela necessidade de investigar a mulher no universo do futebol, o aumento de sua participação carrega a necessidade de entendermos quais fatores influenciam para que iniciem, permaneçam ou encerrem suas experiências futebolísticas. Com isso, nossa pesquisa objetiva entender o percurso esportivo de mulheres praticantes de futebol em Mato Grosso, a fim de entender o perfil dessas jovens, os suportes e barreiras percebidos e os possíveis efeitos que a participação esportiva provocou em suas vidas. A partir dessa pesquisa será possível entender fatos que podem influenciar no percurso de mulheres praticantes de futsal em nosso estado.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidada a responder um questionário com dados sociobiográficos que estará presente nesse mesmo arquivo do forms e uma entrevista semiestruturada com questões sobre suas experiências vividas durante seu percurso no futsal. Os dados obtidos serão transcritos para o formato texto utilizando a ferramenta Microsoft-Word para serem tratados a partir da análise de conteúdo. A entrevista será agendada conforme disponibilidade da entrevistada, e ocorrerá de forma virtual via google meet. Cabe ressaltar que o entrevistado poderá pedir para interromper e/ou não responder a algum dos questionamentos sem prejuízos. Você poderá, a qualquer momento, decidir não responder alguma questão ou desistir de participar da entrevista.

Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo se achar que não foi devidamente esclarecido quanto aos objetivos e da forma em que irá participar. Todas as situações de desconfortos e riscos foram analisadas, e não foi encontrado nada que possa comprometer a sua participação. O desconforto (ansiedade, timidez, vergonha) gerado no decorrer da entrevista será minimizado, pois será realizado em ambiente virtual e a pesquisadora responsável irá comprometer-se em manter todos os dados pessoais, bem como imagens, vídeos e áudios sob rigoroso sigilo. Na ocorrência de qualquer desconforto que não tenha sido previsto nesse documento, serão adotadas providências para minimizá-los.

Benefícios:

O estudo não traz benefícios diretos para você, nem qualquer forma de compensação financeira pela sua participação. Você e todos os demais participantes terão acesso aos resultados e ao conhecimento gerado a partir do estudo, divulgado na forma de artigos científicos, livros e palestras, amplamente divulgados. Também, poderão entrar em contato direto com o pesquisador responsável a partir do contato disponível nesse documento.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento:

Não será oferecido nenhum tipo de ressarcimento de despesas (transporte, alimentação, hospedagem, dentre outros) para sua participação no estudo.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter sido esclarecido sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Para eventuais dúvidas/ reclamações quanto aos aspectos éticos você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Saúde da UFMT, Faculdade de Medicina, localizado na Avenida Fernando Corrêa, 2376, Boa Esperança Cuiabá-MT 78060-900 ou pelos telefones (65) 3615- 8254/6240.

Contato com a pesquisadora responsável: JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA,
(65) 9 8142-4094, e-mail: jackcosta_@hotmail.com.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, RG nº _____
declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas a respeito da pesquisa.

_____, ____ de _____ 2021

Assinatura do (a) voluntário (a)



Assinatura do (a) Pesquisador (a)

ANEXO 2: PARECER DE APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES PRATICANTES DE FUTSAL NO ESTADO DE MATO GROSSO: OPORTUNIDADES E DESAFIOS.

Pesquisador: JAQUELINE ELIZABETH DA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 38990820.4.0000.5690

Instituição Proponente: Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.470.186

Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora, Resumo: "O esporte hoje é um fenômeno sociocultural que se desenvolveu em grande potencial no século XX, tornando-se assim um dos fenômenos mais importantes desse início de século XXI. Nesse contexto nos deparamos com a inserção da mulher no esporte, e do notório aumento da sua presença nas diversas possibilidades esportivas, incluindo o futebol modalidade mais praticada no mundo atualmente. Com o intuito de conhecer melhor as relações das mulheres com o jogo com a bola nos pés é que realizaremos a nossa pesquisa com o objetivo de investigar os desafios e possibilidades percebidas por mulheres jovens em sua trajetória na prática do futsal em Mato Grosso. Sendo assim realizaremos um estudo qualitativo de caráter exploratório, nossa amostra será composta por jogadoras das equipes de futsal feminino que participaram da fase estadual dos Jogos Escolares da Juventude dos últimos cinco anos no Estado de Mato Grosso. Os instrumentos de coleta de dados serão um questionário com informações sociodemográficas e uma entrevista que seguirá um roteiro semiestruturado. Espera-se com o estudo contribuir para melhor compreensão sobre o caminho que as mulheres percorrem ao jogar e assim pensar em possibilidades de melhorias nesse processo."

Metodologia: "Será um estudo qualitativo de caráter exploratório. A pesquisa qualitativa é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato, com a percepção dos pesquisadores de que as informações sobre a vida dos povos não podem ser

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
 Bairro: BOA ESPERANÇA CEP: 78.060-900
 UF: MT Município: CUIABA E-mail: cephumanas@ufmt.br
 Telefone: (65)3615-8935

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CUIABA, 16 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Rosângela Ribeiro
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Fernando Correa da Costa, 2367
 Bairro: BOA ESPERANÇA CEP: 78.060-900
 UF: MT Município: CUIABA E-mail: cephumanas@ufmt.br
 Telefone: (65)3615-8935

APÊNDICE

APÊNDICE 1- ROTEIRO DE ENTREVISTA

FASE 1 – 6 aos 12 anos: Práticas variadas

Conte como você começou a jogar futebol (Locais, com quais pessoas, como era)

Você se recorda de realizar nessa fase algo além do jogar?

O que sua família achava? E seus amigos?

Lembra de ter participado de algum campeonato nessa época? Se sim, como foi?

Tem alguma recordação desse período que queira falar?

Fale sobre suas práticas, jogava livremente na escola, na EDF, no bairro, participava de treinamentos em escolinhas no contraturno, associação de bairro, clube?

Quanto tempo praticou de cada maneira....

FASE 2 – 12 aos 15 anos: Práticas orientadas

Você já treinava? Se sim como era essa experiência para você?

Fazia alguma atividade além do futsal?

Como era sua relação com seus pais e com as pessoas próximas de você?

Lembra de algo que te atrapalhava a treinar?

O que você pensa que colaborava para você jogar?

Participou de competições nesse período? Se recorda de quais e como foi?

Tem alguma recordação desse período que queira falar?

FASE 3 – 15 aos 20 anos: Anos de Investimento:

Como estava sua relação com o futsal nesse período?

Chegou a jogar em mais de uma equipe nesse? Se sim, conte-nos.

Continuou em sua cidade ou precisou sair para jogar? Se sim, como foi?

Praticava alguma atividade além do futsal?

Como estavam os treinos nesse período? A relação com seu treinador e companheiros de equipe?

Mudou algo em sua relação com seus pais e pessoas próximas?

Havia algo que te atrapalhava a treinar/jogar?

O que foi importante para continuar jogando nesse período?

Quais competições participava nessa época? Como você se sentia participando dessas competições?

Você percebeu algum tipo de preconceito pelo fato de você jogar?

FASE 4 – 20 anos acima: Alto Rendimento/Participação/Vida adulta:

Como está sua vida nesse momento?

Continua jogando? (Em caso de resposta negativa, quais razões a levou a parar em caso de resposta positiva como está sendo essa experiência no momento)

O que você acredita que possa ser feito(melhorias) para que não haja interrupção na prática da esportiva.

O que espera daqui para frente em relação a prática esportiva?

Você participa ou pretende participar do futsal de outra maneira?

Participa ou tem interesse em participar de outro esporte?

Como mulher você percebe que esse percurso no futsal contribuiu pro seu desenvolvimento pessoal, profissional?

Destaca algum efeito positivo ou negativo em você?

E na vida de suas colegas de time, percebeu algum efeito?

Tem algo que não foi perguntado que queira falar, alguma mensagem?

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO DE DADOS SOCIOBIOGRAFICOS.

Nome Completo:

Idade:

Cidade/Estado onde nasceu:

Cidade e Estado onde reside:

Estado Civil:

- Solteira
 Casada
 Divorciada
 Viúva

Cor:

- Preta
 Branca
 Parda
 Amarela

Contando com você, quantas pessoas moram na sua casa (residência)?

- 1
 2
 3
 4
 4 ou mais.

Das opções a seguir, assinale quem são as pessoas que moram (residem) com você:

- irmão(s) padrasto/madrasta Tio, tia Amigos/convidados Pai Mãe
 Avô/Avó

Em relação a sua escolaridade:

- Possui Ensino Fundamental incompleto
 Possui Ensino Fundamental completo
 Possui Ensino Médio incompleto
 Possui Ensino Médio completo
 Possui Ensino Superior incompleto
 Possui Ensino Superior completo

Sobre o local onde cursou o Ensino Fundamental:

- Escola Pública
 Escola Privada
 Escola Privada com Bolsa de Estudos

Sobre o local onde cursou o Ensino Médio:

- Escola Pública
 Escola Privada
 Escola Privada com Bolsa de Estudos

Em caso de resposta positiva sobre estar cursando ou possuir ensino superior, cite o curso e instituição de ensino:

Em relação a escolaridade do seu pai :

- Possui Ensino Fundamental incompleto
- Possui Ensino Fundamental completo
- Possui Ensino Médio incompleto
- Possui Ensino Médio completo
- Possui Ensino Superior incompleto
- Possui Ensino Superior completo
- Não alfabetizado.

Em relação a escolaridade da sua mãe:

- Possui Ensino Fundamental incompleto
- Possui Ensino Fundamental completo
- Possui Ensino Médio incompleto
- Possui Ensino Médio completo
- Possui Ensino Superior incompleto
- Possui Ensino Superior completo
- Não alfabetizado.

Você possui ocupação profissional (trabalho)?

- Sim**
- Não**

Em caso de ocupação profissional, nos diga qual.

Em caso de haver pessoas que residem com você, quantas tem ocupação profissional?

- Uma
- Duas
- Três
- Três ou mais.
- Nenhuma

Em caso de ocupação profissional, qual sua renda:

- Inferior à 1 salário mínimo
- 1 salário mínimo
- Superior à 1 salário mínimo
- Superior à 2 salários mínimo
- Superior à 3 salários mínimo
- Não possui renda

Renda familiar:

- Inferior à 1 salário mínimo
- 1 salário mínimo
- Superior à 1 salário mínimo
- Superior à 2 salários mínimo
- Superior à 3 salários mínimo
- Não possui renda

Há quantos anos joga futsal/futebol?

Por qual/quais equipe/escola você jogou os Jogos Escolares da Juventude

Você continua jogando?

- Sim**
- Não**

Conte-nos brevemente sua história no futsal/futebol.

Link do *forms*: <https://forms.gle/5Qj4RYFz6oFrn2DXA>